

**Tradução e Adaptação de *The Scarlet Letter* para o
Público Infanto-Juvenil Português**

Micaela Filipa de Jesus Rocha

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução
(Área de Especialização em Inglês)**

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução (Área de Especialização em Inglês), realizado sob a orientação da Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas.

Agradecimentos

O presente trabalho não se poderia ter concretizado sem o apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas, pelo apoio, pelas importantes indicações, pela orientação, ao longo do projecto, fazendo com que este se tornasse possível.

Também não poderia deixar de agradecer ao meu namorado, Tiago Santos, pela sua compreensão, o apoio incondicional e por ter acompanhado todas as fases do trabalho.

Ao meu pai, Victor Rocha, agradeço o facto de me ter sempre estimulado ao longo do meu percurso académico, bem como a sua preocupação no desenvolvimento deste projecto.

À minha querida amiga Inês Mateus agradeço a forma como me foi motivando a prosseguir, com as palavras certas, sempre que necessário.

Tradução e Adaptação de *The Scarlet Letter* para o Público Infanto-Juvenil Português

RESUMO: A Literatura Infantil constitui um (sub)género literário cuja pertinência tem vindo a ser muito discutida, adquirindo, cada vez mais, uma maior relevância na Academia. O que se deve (ou não) transmitir às crianças/jovens afigura-se um assunto sobre o qual não existe uma opinião unânime, pois decidir o que se considera apropriado para um público infanto-juvenil apresenta-se um desafio ligado ao estudo da psicologia cognitiva das crianças/jovens. Como se sabe, *The Scarlet Letter* (1850), de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), não foi originalmente escrita para um público infanto-juvenil. No entanto, trata-se de uma narrativa rica em informação de cariz histórico e sociocultural, desempenhando também uma importante função moral, vectores a serem transmitidos a crianças e, sobretudo, a jovens leitores. Deste modo, o objectivo fundamental do presente Trabalho de Projecto reside justamente na tradução interlinguística (a partir do original em inglês), na tradução intersemiótica e na adaptação de *The Scarlet Letter* para o público infanto-juvenil do sistema cultural português europeu.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Adaptação, Tradução Intersemiótica, Literatura Infanto-Juvenil, *The Scarlet Letter*.

ABSTRACT: Children's Literature, as a literary (sub-)genre, is the subject of growing debate in the academic world. What should (or should not) be communicated to children or youngsters, is a subject upon which there is no unanimity, as deciding what is appropriate for such an audience presents a challenge linked to the cognitive study of children. It is public knowledge that *The Scarlet Letter* (1850), by Nathaniel Hawthorne (1804-1864), was not originally written for young readers. The story, however, whilst performing a moralising role, is filled with information of a historical and sociocultural nature, both features which are generally thought to be particularly suitable for children and young readers. Within this context, the main aim of this Project is to provide both an interlinguistic and intersemiotic translation of *The Scarlet Letter* from the original in English, and to adapt it for young readers within the Portuguese (European) cultural system.

KEYWORDS: Translation, Adaptation, Intersemiotic Translation, Children's Literature, *The Scarlet Letter*.

Índice

Introdução	1
Parte I)	
1. O Autor e a Obra.....	5
2. Problemáticas em Torno da Tradução para o Público Leitor Infanto-Juvenil...9	
2.1. Tradução da Literatura Infanto-Juvenil.....	9
2.2. Reflexões sobre os Conceitos de Tradução, de Adaptação e de Tradução Intersemiótica	15
2.3. Estratégias Seleccionadas na Tradução e Adaptação do Texto de Hawthorne para o Público Infanto-Juvenil Português.....	22
Parte II)	
1. <i>A Letra Vermelha</i> : Tradução, Adaptação e Ilustrações.....	28
2. Comentário	66
Considerações Finais	86
Bibliografia	91
I) Fontes Primárias	
II) Fontes Secundárias	
Anexo: Texto de Partida	98

Introdução

Tendo em conta a existência de numerosos autores a escreverem especificamente para um público infanto-juvenil, afigura-se pertinente questionar se ainda haverá necessidade de uma tradução e conseqüente adaptação para esse público de um romance do século XIX. Existem vários contos considerados literatura infantil que poderiam ter sido escolhidos para traduzir no âmbito do presente Projecto. No entanto, existem também diversas obras dirigidas originalmente a um público adulto que têm sido transformadas em literatura infantil, nomeadamente por via da tradução, como, por exemplo, *Gulliver's Travels* (1726) de Jonathan Swift (1667- 1745), *Treasure Island* (1883) de Robert Louis Stevenson (1850-1954), *Oliver Twist* (1837) de Charles Dickens (1812-1870), *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain (1835-1910), etc. Na verdade, torna-se essencial dar a conhecer ao público infanto-juvenil outras realidades, remetendo-o para questões que, por norma, não são abordadas na literatura infantil. Se, por um lado, determinadas temáticas podem ser consideradas desadequadas a um jovem leitor, por outro, nada impede que os leitores mais jovens possam aceder às mesmas, mas de uma forma diferente. A criança/jovem, sempre um ser curioso, acabará por ter contacto, no seu quotidiano, com certas matérias, nomeadamente através dos *media*. Embora o modo de educar as crianças/jovens divida opiniões, a aquisição de conhecimentos parece ser um dado consensual e, porventura, a chave para a formação de um ser humano responsável. Assim, a tradução e a adaptação para crianças/jovens de uma obra escrita originalmente para adultos, não só se revela um desafio estimulante para qualquer tradutor, mas também desempenha um papel extremamente útil e didáctico, dado que permite veicular os mesmos valores de uma forma perceptível e atractiva, tendo em conta um novo público.

Rica em informações de cariz histórico e sociocultural, *The Scarlet Letter* possui também uma importante função moral, vectores a serem transmitidos a crianças e, sobretudo, a jovens leitores. A intolerância e o facciosismo religioso, conducentes à prática da violência, consituem temáticas da maior actualidade e, como tal, um exemplo paradigmático, que pode, todavia, ser considerado impróprio para um leitor mais jovem. No entanto, o seu conhecimento enriquecerá decerto a consciência moral e o horizonte cultural de qualquer da criança/jovem.

Em português do Brasil encontra-se, pelo menos, uma adaptação para o público infantil de Rodrigo Espinosa Cabral, Professor do Instituto Federal Catarinense, sob o título, *A Letra de Escarlate* (2011). Em Portugal, onde não existem (até agora) uma adaptação da obra, a tradução porventura mais conhecida é da autoria de Fernando Pessoa, *A Letra Encarnada* (2017), recentemente publicada pela editora Relógio D'Água.

Deste modo, o objectivo fundamental do presente Trabalho de Projecto reside em traduzir (a partir do original em inglês) e em adaptar *The Scarlet Letter* para o público infanto-juvenil do sistema cultural português. Esta tarefa implicou uma tradução interlinguística, uma adaptação (nomeadamente converter a novela num conto) e uma tradução intersemiótica, ao substituir partes do texto de partida por ilustrações.

Assim, o Trabalho encontra-se dividido em três partes.

Numa primeira parte, começar-se-á por apresentar uma breve biografia de Nathaniel Hawthorne, a par de uma introdução à obra *The Scarlet Letter*. Ainda nesta parte, mas no capítulo 2, analisar-se-ão as problemáticas inerentes à tradução de Literatura Infantil e ao conceito de adaptação. Segundo Göte Klingberg (1986), a adaptação do contexto cultural passa por alterações do texto, num vasto quadro de referências literárias, linguísticas, históricas, designações de nomes próprios, medidas, pesos e outros fenómenos específicos de cada cultura. No entanto, de acordo com Gillian Lathey, por exemplo, nem todos os elementos culturais deverão ser adaptados para que as referências histórico-culturais do texto de partida se mantenham. (2006, 8-9) Cabe, assim, ao tradutor a tarefa de fazer as opções adequadas no sentido de manter um certo equilíbrio. A acção de *The Scarlett Letter* desenrola-se na América do Norte do século XVII, um espaço e um tempo com diversas características a adaptar para o público infanto-juvenil actual. Deste modo, numa das fases do trabalho (capítulo 2.3) proceder-se-á ao levantamento dos aspectos que carecem de adaptação espaço-temporal.

Em seguida, apresentar-se-ão os critérios usados para a adaptação aqui projectada, nomeadamente a manutenção da informação de cariz histórico-social e a intenção moral da obra. Ter-se-ão também em conta opções e técnicas de tradução que visem cativar o público-alvo, nomeadamente a utilização de um vocabulário simples, a omissão de descrições demasiado longas e sua eventual substituição por ilustrações. No capítulo 2 da Parte II), depois de apresentada a versão proposta (capítulo 1), proceder-

se-á a uma reflexão em torno dos mais importantes problemas encontrados durante o processo de tradução e de adaptação.

PARTE I)

1. O Autor e a Obra¹

Nathaniel Hawthorne nasceu no dia 4 de Julho de 1804, em Salem, Massachusetts, no seio de uma família de raízes puritanas. Era o segundo filho de Nathaniel Hathorne, um oficial superior da Marinha, e de Eliz Clarke Manning Hathorne. Descendia de William Hathorne, um soldado que imigrara para a Nova Inglaterra, em 1630, acompanhando a primeira geração de colonos puritanos, os “Pilgrim Fathers”. Um outro antepassado do escritor, Jonh Hathorne, participou nos julgamentos das chamadas “bruxas de Salém”, em 1692, o qual inspirou, em parte, Hawthorne na criação de *The Scarlet Letter*.

Em 1808 o pai morreu, passando Hawthorne a viver apenas com a mãe e os dois irmãos. No ano seguinte, mudou-se com a família para a residência dos Manning, em 1818, instalando-se em Raymond, Maine, e, em Julho de 1819, Hawthorne mudou-se novamente para Salem, cidade onde nascera, para viver com o tio Robert. Em 1821, Hawthorne iniciou o seu percurso académico em Bowdoin, onde conheceu Horatio Bridge,² Franklin Pierce (que mais tarde se tornaria Presidente dos Estados Unidos) e Henry Wadsworth Longfellow.³ Formou-se em 1825, tendo regressado à casa materna, em Salem, onde permaneceu durante doze anos, dando início à sua escrita. Por esta altura adicionou o “w” ao seu apelido.

Em 1828, publicou, anonimamente, o seu primeiro romance, intitulado *Fanshawe: A Tale*, vindo posteriormente a destruir todos os exemplares. Anos mais

¹Cf. Cunliffe 1980; Cheever 2007; e [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$nathaniel-hawthorne](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$nathaniel-hawthorne)

² Nascido em Augusta, Maine, Horatio Bridge (1806-1893) foi oficial da Marinha dos Estados Unidos tendo exercido este cargo durante o período da Guerra Civil. Sob a sua direção, estabeleceu-se, pela primeira vez e com sucesso, o suprimento sistemático de embarcações da Marinha nas costas do Atlântico durante a Guerra Civil. Cf. <https://sites.williams.edu/searchablesealib/b/bridge-horatio/>

³ Nascido em Portland, Massachusetts, Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) foi poeta e tradutor, tornando-se conhecido pela canção de Hiawatha (1855). Traduziu a *Divina Comédia* (1472), de Dante Alighieri, e fez parte do grupo “Fireside Poets”, de Nova Inglaterra. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Henry-Wadsworth-Longfellow>

tarde, publicou, mais uma vez sob o anonimato, vários contos, muitos dos quais fazem parte da coletânea *Twice-Told Tales* (1837). Os primeiros escritos de Nathaniel Hawthorne foram novelas, de cariz simbólico, inspiradas na história colonial da Nova Inglaterra e espelhando as preocupações do autor em relação à imperfeição humana e ao pecado.

Em 1839, o autor tornou-se funcionário da alfândega de Boston e, em 1841, participou no projecto reformador da comunidade de Brook Farm, em West Roxbury. No ano seguinte casou-se com Sophia Peabody, com quem foi viver para Concord, onde o casal tinha como vizinhos Ralph Waldo Emerson,⁴ Henry David Thoreau⁵ e Sarah Margaret Fuller.⁶

Posteriormente, Hawthorne publicou diversos contos infantis, como *Grandfather's Chair: A History for Youth* (1841), *A Wonder Book for Girls and Boys* (1852) e *Tanglewood Tales for Girls and Boys* (1853). Em 1845 regressou a Salem, ocupando já o cargo de inspector na alfândega local. Em 1846, publicou *Mosses from an Old Manse*, mas só voltou à escrita depois de se afastar de Salem, devido a uma mudança na administração local.

Em 1850, publicou *The Scarlet Letter*, uma novela inspirada na vivência das comunidades puritanas de Nova Inglaterra. A acção desenrola-se na cidade de Boston, no século XVII, e retrata o efeito causado por um caso de adultério aí ocorrido. A personagem Hester Prynne, que vive nessa comunidade puritana da América do Norte, engravida na ausência do marido, sendo forçada a revelar o nome do pai da criança.

⁴ Nascido em Boston, Massachusetts, Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi professor, ensaísta, poeta e o principal expoente do Transcendentalismo, na Nova Inglaterra. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Ralph-Waldo-Emerson>.

⁵ Nascido em Concord, Massachussets, Henry David Thoreau (1817-1862) foi poeta, investigador, historiador, filósofo e transcendentalista. De entre as suas obras destacam-se *Walden*, uma reflexão sobre a vida no seio da natureza, e o ensaio *Desobediência Civil*, uma defesa da desobediência individual como uma forma de oposição legítima para criticar e enfrentar um Estado injusto. A sua teoria influenciou o pensamento político de filósofos e activistas como Tolstói, Gandhi e Luther King. Cf. <https://www.wook.pt/autor/henry-david-thoreau/7029>.

⁶ Nascida em Cambridge, Massachussets, Sarah Margaret Fuller (1810-1850) foi crítica literária, professora e defensora dos direitos civis da mulher norte-americana, em associação ao movimento transcendentalista. Destacou-se com o livro *Woman in the Nineteenth Century* (1845) sobre a condição da mulher na sociedade do século XIX. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Margaret-Fuller>

Como se recusa a fazê-lo, é banida da sociedade, sendo obrigada a usar uma letra escarlate (A, de adúltera) como forma de punição. Sublinha-se, nesta obra, a hipocrisia de uma comunidade puritana regida por normas extremamente severas, cujos membros não hesitam em castigar, humilhar ou até matar os pecadores, ou seja, os que não se comportavam de acordo com as regras estabelecidas. Trata-se de uma narrativa alegórica, didáctica, de fundo moral, mas com um estilo considerado moderno para a época, em que o autor/narrador utiliza a análise psicológica, pré-freudiana.

A crença na existência do mal, o conceito de predestinação e todas as outras características do puritanismo encontram-se muito presentes na obra. Surgido em consequência da fundação da Igreja Anglicana, o puritanismo visava, como o seu nome indica, purificar a Igreja de Inglaterra dos resquícios católicos que nela ainda permaneciam depois da Reforma de Henry VIII e da ruptura com a Igreja Católica, condenando, assim, todos os rituais considerados mais próximos dos praticados pela Igreja de Roma. O puritanismo foi buscar as suas primeiras inspirações ao pensamento de Jean Calvin (1509-1564) e de John Knox (1505-1572), o fundador da Igreja Presbiteriana da Escócia, de base calvinista radical. Ambos defendiam a regência absoluta de Deus sobre os homens, bem como a predestinação, ou seja, apenas por intervenção da graça divina o indivíduo podia salvar-se. Assim, pode afirmar-se que o puritanismo é uma corrente calvinista do Anglicanismo que surgiu em Inglaterra por volta de 1560. Os membros desta facção religiosa regiam-se por normas de vida extremamente rigorosas: severidade ética, grande disciplina de vida, alto espírito de trabalho e de sacrifício, crença na divina providência, na predestinação absoluta e na existência de sinais exteriores de eleição, o estudo da Bíblia ou, ainda, a importância da educação.

No início do século XVII, existiam vários grupos de puritanos – os separatistas, os não-conformistas, os baptistas, os *quakers*, os *shakers* – que pretendiam implantar núcleos locais independentes. Todavia, estes grupos começaram a ser perseguidos pela Igreja oficial, pelo que, muitos deles emigraram para a América do Norte, onde esperavam fundar novas comunidades, viver de acordo com os seus princípios e porem em prática a sua doutrina sem quaisquer restrições.

De facto, não deixa de ser irónico que estas comunidades puritanas tenham fugido de Inglaterra, onde eram perseguidas, para a América do Norte, em busca de um

“novo Éden”, e, uma vez lá estabelecidas, terem acabado por se tornar as perseguidoras de todos aqueles que não seguiam à risca as normas prescritas, dando origem a uma verdadeira “caça às bruxas”. Ora, *The Scarlet Letter* constitui uma crítica a esse facciosimo religioso, tendo sido muito apreciada pelos leitores da época em foi publicada, sendo hoje considerada uma obra clássica da Literatura Norte-Americana.

Devido ao sucesso da novela, Hawthorne iniciou a fase mais produtiva da sua carreira, tendo publicado, logo no ano seguinte, *The House of the Seven Gables*, *The Snow-Image and Other Twice-Told Tales* e *True Stories from History and Biography*. Nesse ano, o escritor mudou-se para Lenox, Massachusetts.

Após a publicação de *The Blithedale Romance* (1852), Hawthorne regressou a Concord, onde escreveu a biografia de Franklin Pierce, que funcionou como uma forma de campanha eleitoral, já que aquele viria a vencer as eleições presidenciais. Em consequência, o escritor foi nomeado cônsul em Liverpool, onde permaneceu até 1857. Nos anos seguintes viajou por Inglaterra, França e Itália, com o intuito de reunir material para o romance *The Marble Faun*, publicado em 1860, e cuja edição inglesa se denominava *Transformation*.

Na véspera da Guerra Civil (1861-1865), Nathaniel Hawthorne regressou aos Estados Unidos. Por esta altura, dedicou a sua colectânea de ensaios, *Our Old Home* (1863), a Franklin Pierce, o que gerou alguma polémica devido ao facto de Pierce defender a causa sulista, detendo uma posição ambígua relativamente à escravatura. Nathaniel Hawthorne morreu em 19 de Maio de 1864, durante uma viagem a New Hampshire, acompanhado por Franklin Pierce, não se sabendo ao certo a causa do óbito. Encontra-se sepultado em Concord.

Após a sua morte, foram publicadas outras obras da sua autoria: *American Notebooks* (1868), *English Notebooks* (1870) e *French and Italian Notebooks* (1871), bem como fragmentos dos romances *Septimus Felton* (1872), *The Dolliver Romance* (1876), *Dr. Grimshawe's Secret* (1883) e *The Ancestral Footstep* (1883).

As suas obras têm características comuns, nomeadamente ao revelarem as complexidades e as motivações da alma humana, retratando o pecado não como objecto de punição severa, como se verificava com o puritanismo, mas sim como uma forma de aprendizagem. Hawthorne destacou-se, ainda, pelo uso da ironia, da ambiguidade e do paradoxo. Estes vectores, entre outros, encontram-se também em *The Scarlet Letter*,

constituindo alguns problemas no âmbito da tradução e adaptação da obra para o público infanto-juvenil, como se constatará em seguida

2. Problemáticas em Torno da Tradução para o Público Infanto-Juvenil

2.1. Tradução de Literatura Infantil

Ao assumir que a tradução não se limita a uma mera transferência de palavras de um sistema linguístico para outro, deve reconhecer-se que o tradutor desempenha um papel decisivo nesta actividade. Torna-se, assim, essencial reconhecer o tradutor como escritor, tal como Susan Bassnett e Peter Bush referem na introdução à obra *The Translator as Writer*: “We would like those who read translated works to recognize translation as an art to be celebrated, not concealed.” (2006, 2) Este facto afigura-se particularmente relevante no âmbito da literatura infantil devido à escolha da informação considerada adequada (ou não) para o público-alvo em questão. (Shavit 2006, 26) Reconhece-se também que, justamente devido à intenção de se ajustar ao perfil de um público mais jovem, a literatura infanto-juvenil foi por muito tempo considerada um (sub)género literário inferior comparativamente à literatura dirigida a adultos. Todavia, actualmente, verifica-se que este cenário se alterou em consequência da grande quantidade de estudos de cariz académico sobre a matéria, levada a cabo por especialistas, bem como da realização de encontros científicos que comprovam os progressos verificados na área da investigação sobre literatura infantil. (Reis 2010, 34) O resultado destes estudos tem demonstrado que a literatura infantil não contém, obrigatoriamente, particularidades textuais que a diferenciem de outros géneros literários, realçando-se, sobretudo, os problemas inerentes à especificidade do público-alvo, (Oittinen 2000, 61) nomeadamente a mudança que o próprio conceito de criança tem sofrido ao longo dos tempos.

Actualmente, ainda se discute muito a definição deste (sub)género literário: textos escritos intencionalmente para jovens e crianças por adultos? Obras direccionadas a adultos, mas lidos por crianças/jovens? De acordo com Francesca Billiani, em

Encyclopedia of Translation Studies (2009), uma definição deste (sub)género literário inclui qualquer uma destas possibilidades. (31)

De facto, o conceito de literatura infantil afigura-se problemático, pois torna-se difícil isolar as características e os propósitos que o diferenciam de outros géneros literários. Por outro lado, a existência da literatura infantil depende da relação com um público-alvo específico, as/os crianças/jovens, (Lesnik-Oberstein 1994, 17) vector acerca do qual as opiniões diferem e cuja representação social, histórica e cultural muda consoante o tempo e o espaço. Deste modo, pode afirmar-se que se revela extremamente complexo obter uma definição fixa de literatura infantil, de forma a englobar toda a sua natureza dialógica. (Oittinen 2000, 69)

Na obra *Comparing Children's Literature*, Emer O'Sullivan refere duas características definidoras da literatura infantil que a distinguem de outros géneros literários: o facto fazer parte do sistema literário e, ao mesmo tempo, desempenhar uma função pedagógica, incluindo normas socioculturais e instrutivas relevantes, num determinado período ou contexto; e a circunstância de se identificar com um acto de comunicação, uma vez que “adult authors write, adult translators translate, adult publishers issue, adult critics judge, adult librarians and teachers select and recommend books for child readers.” (2005, 38)

Todavia, segundo Kimberly Reynolds, a complexidade da literatura infantil circunscreve-se ao meio académico, dado que tanto para os *media* como para as escolas ou outras organizações sociais não apresenta qualquer problemática. Deste modo, deve entender-se por literatura infantil o que é escrito para e/ou lido por crianças ou jovens, sendo rotulado como tal nas bibliotecas e livrarias. Não obstante, Kimberly Reynolds também refere o facto deste (sub)género literário causar preocupações relativamente às temáticas abordadas ou à forma da sua adequação ao entendimento e à sensibilidade do público-alvo. (2011, 1)

Neste contexto, deve questionar-se o que se entende por livro infantil e quais as características que o distinguem de um livro indicado para adultos. Embora também não existam respostas definitivas para estas questões, os diversos debates académicos sobre literatura infantil relacionam livros e leitores, apresentam propostas e práticas de tradução, (Hunt 1996, 2-3) contribuindo, assim, para um progressivo interesse por este (sub)género literário. Por outro lado, os desenvolvimentos proporcionados pela

Academia têm contribuído para uma crescente interdisciplinaridade com áreas como os Estudos de Tradução, a História, a História da Arte e as Ciências da Educação, entre outras.

Embora os estudos sobre literatura infantil tenham avançado, não determinaram ainda o vector porventura mais relevante a ter em consideração: a forma como escritores, críticos, pais, professores e pedagogos constroem uma certa ideia da infância. (Hunt 1996, 5) Tendo em conta que o conceito de “livro infantil” resulta de uma concepção da própria criança enquanto leitora, várias são as perspectivas relativas à definição de criança e das suas necessidades, bem como o que se pretende em termos de leitura. De facto, torna-se necessário perceber o que uma determinada sociedade, numa dada época, considera serem as necessidades da criança, para que se produzam textos considerados literatura infantil.

O mesmo se passa relativamente à determinação das características intrínsecas deste (sub)género literário e o que o distingue (em termos de estilo, de forma e de conteúdo) das obras destinadas a adultos. Para a generalidade do público, das editoras e da própria Academia existe uma diferença fundamental entre o que se escreve para crianças/jovens e as obras para adultos. Esta diferença torna-se visível, por exemplo, nas diferentes secções existentes para cada género literário, nas bibliotecas, nas livrarias e nas editoras. Todavia, a literatura infanto-juvenil é constituída tanto pelo conjunto das obras destinadas a crianças/jovens, como pelas que não foram originalmente concebidas para esse público específico, mas que são lidas por crianças/jovens. Na verdade, trata-se de um (sub)género literário mais definível pelo público-alvo do que por eventuais características intrínsecas. (Oittinen 2000, 69)

Devido, precisamente, à consciência de um público-alvo específico, um autor altera a forma como encara um texto, adaptando-o ao que crê serem as necessidades e os interesses dos jovens leitores. Contudo, continua a discutir-se o que se pode efectivamente considerar adequado (ou não) para um público jovem. Os debates em torno desta questão, bem como as consequentes decisões tomadas dependem muito dos contextos histórico-sociais e políticos em causa. A violência, por exemplo, tende a ser omitida na literatura infantil de hoje, mas, no século XIX, por exemplo, nas obras dos Irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen ou de Lewis Carroll, entre outros, encontram-se descrições de certas cenas presentemente consideradas tabu para as

crianças/jovens, como as que evidenciam atrocidades ou mortes. Assim, pode concluir-se que a tarefa de escrever para crianças ou jovens se encontra intrinsecamente dependente do tempo em que se realiza.

Para além da tarefa de disseminar o saber, de instruir e de cumprir uma função didáctica, a literatura infantil constitui também uma forma de entretenimento. No entanto, o *marketing* literário desempenha um papel extremamente importante neste âmbito, tal como Emer O'Sullivan refere, em *Comparative Children's Literature* (2005). De facto, o mercado literário escolhe as obras que serão (ou não) publicadas e, portanto, o livro infantil tende a tornar-se menos um objecto cultural e mais um meio de entretenimento, visando atingir um público mais vasto. (126) Assim, o grande desafio de quem escreve, traduz e/ou adapta um texto reside, desde logo, em equilibrar o valor cultural com o lazer.

Muito marcada pelas mentalidades, a ideia de literatura infantil também difere bastante de cultura para cultura. Daí, não raro, a dificuldade em transferi-la de um sistema linguístico-cultural para outro, ou seja, traduzi-la. Em *The Role of Translators in Children's Literature: Invisible Storytellers* (2010), Gillian Lathey aponta dois vectores essenciais a ter em conta na escrita de literatura infantil, os quais devem igualmente orientar a actividade tradutória deste tipo de obras: o didactismo e o entretenimento. (122) De facto, tanto o escritor como o tradutor de literatura infantil devem tentar enriquecer o vocabulário do leitor-alvo, mas de modo perceptível e agradável.

A investigação levada a cabo neste campo tem demonstrado a importância da tradução na divulgação, e até instauração, de sistemas de literatura infantil nacionais, em vários momentos históricos. Nesses sistemas incluem-se textos que não foram propositadamente dirigidos a crianças/jovens, mas que foram lidos por este público num dado período histórico-cultural. (Lathey 3, 8)

Segundo Lathey, há muito que a tradução se tornou fundamental na divulgação da literatura infanto-juvenil, pois as obras mais conhecidas foram difundidas por via da tradução. De facto, ao longo da História, foi-se verificando uma preocupação progressiva com os jovens leitores, bem assim com a intenção didáctica e moral dos textos a traduzir. (111) Neste sentido, Lathey considera que a tradução de literatura infanto-juvenil deve continuar a desempenhar um papel importante na instrução das

crianças, à semelhança do que acontecia em Inglaterra antes do século XVIII, época geralmente identificada com a criação de literatura infantil, originariamente britânica. Até essa altura, o público infanto-juvenil lia textos traduzidos, o que, aliás, viria a ter grande impacto na produção original. (2)

Estas afirmações demonstram, ainda, a tendência verificada por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury de que os sistemas literários utilizam a tradução como forma de preencher lacunas e de introduzir novas ideias, diferentes autores e novas práticas, num dado sistema de chegada. (Even-Zohar 1998, 112; Toury 1998, 27)

Deste modo, pode afirmar-se que os Estudos de Tradução e os Estudos sobre Literatura Infantil e da Infância têm andado de mãos dadas. Assim, no âmbito dos Estudos de Tradução, muitos tradutores se confrontam com problemas de tradução para o público infanto-juvenil, deparando-se com diversas dificuldades tradutórias, tanto textuais como extra-textuais, procurando as estratégias mais adequadas para tentar resolver os problemas com que se depararam. Por seu turno, os estudiosos de Literatura Infantil e da Infância reconhecem a importância da tradução e do papel dos tradutores, aludindo às suas práticas tradutórias e relacionando-as com a função educativa dos textos e a divulgação das obras.

Nas últimas décadas, o interesse pela tradução da literatura infantil tem aumentado de forma significativa, (Lathey 2010,1) levando autores como Richard Bamberger,⁷ em “The Influence of Translation on the Development of National Children’s Literature”, a defender que o papel do tradutor de literatura infantil se tornou mais relevante do que o da literatura designada para adultos. (1978, 19)

Segundo George L. Bastin, “a change from one discourse type to another (e.g. from adult to children’s literature) often entails a global re-creation of the original text”. Trata-se, portanto, de um processo de reescrita, não raro classificado como “genre switching”, (2009, 6) ou seja, um procedimento usado pelo tradutor/adaptador.

⁷ Nascido na Áustria, na cidade de Paudorf, Richard Bamberger (1911-2007) fundou o Instituto Internacional para a Literatura da Juventude (Austrian Book Club), foi membro fundador do Conselho Internacional de Livros para Jovens (IBBY) e publicou diversos livros didáticos e trabalhos de pesquisa em literatura juvenil e pedagogia da leitura. Cf. https://austria-forum.org/af/Biographien/Bamberger%2C_Richard

A adaptação tem sido, por vezes, considerada uma forma de tradução característica de géneros particulares, sobretudo o drama, embora também se encontre associada à propaganda e à tradução audiovisual. Em qualquer dos casos, destaca-se a preservação do carácter e da função do texto original, de forma a manter o significado semântico, especialmente quando os factores acústicos e/ou visuais devem ser tomados em conta. De igual modo, a tradução da literatura infantil exige uma recriação da mensagem de acordo com as necessidades sociolinguísticas de um leitor diferente. As principais características deste tipo de adaptação são o uso de técnicas de compactação, a paráfrase e a omissão. Alguns críticos argumentam que a adaptação se torna necessária precisamente a fim de manter a mensagem intacta (pelo menos ao nível global), enquanto outros contrargumentam tratar-se de uma traição à expressão do autor original.

Encontrar equivalentes para termos linguísticos inseridos num dado contexto histórico-cultural e transpô-los para um outro, onde o público-alvo (infanto-juvenil) se encontra numa fase inicial de aprendizagem, possuindo um vocabulário presumidamente limitado, pode constituir uma tarefa bastante árdua. Traduzir um texto escrito numa língua estrangeira, inserido numa outra cultura e numa época específica, para a língua de chegada de um contexto totalmente diverso e adaptá-lo para um público de uma faixa etária distinta, afigura-se, naturalmente, uma tarefa duplamente complexa. No entanto, poderá resultar num texto extremamente enriquecedor para o “duplo público” de chegada, tal como se procurará demonstrar com a tradução e a adaptação de *The Scarlet Letter* para crianças/jovens portuguesas de hoje.

2.2. Os Conceitos de Tradução, de Adaptação e de Tradução Intersemiótica

Julie Sanders, na obra *Adapation and Appropriation* (2006), usa pontualmente palavras para descrever os tipos de adaptação existentes, como versão, variação, interpretação e continuação. Destaca, ainda, enquanto a apropriação, por exemplo, se encontra mais distante do texto de partida, a adaptação relaciona-se mais com este, apresentando um resultado final que constitui um novo produto, direccionado para uma outra cultura e por vezes noutra domínio. (16)

Traduzir e adaptar implicam necessariamente uma transferência cultural. Para que um dado texto de partida, inserido num contexto sociocultural e político específico, seja perceptível num outro contexto, torna-se indispensável adaptá-lo ao contexto de chegada. Deste modo, na transferência de aspectos culturais de uma língua para outra, há obviamente que traduzir, mas também de adaptar, tendo sobretudo em vista o novo público-alvo. Assim, tal como Mona Baker refere, em “Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagónicos nos Estudos da Tradução?” (1999), os “Cultural Studies” têm exercido uma forte influência no estudo e na prática da tradução, sublinhando, a propósito, o caso do verso de William Shakespeare, “Shall I compare thee to a summer’s day” (“Deverei compará-lo com um dia de Verão”), em que uma tradução literal não faria sentido, por exemplo, nos países árabes, dado que lá “o Verão não é uma experiência agradável.” (22) Assim, os factores culturais são, irrefutavelmente, aspectos a ter em conta nesta prática, até porque a maior virtude do contributo dos “Cultural Studies” reside em “ampliar os horizontes dos tradutores, incentivando-os a considerar outros factores além da tarefa imediata de verter um texto de um idioma para outro.” (29)

Baker refere, ainda, que “a abordagem dos estudos culturais atribui à tradução o poder de transportar atitudes ideológicas e vê o seu estudo como uma forma não só de revelar essas atitudes mas também de usar o processo tradutório para desafiar posturas hegemónicas diante da sociedade e cultura.”. (22) Neste contexto, Baker fundamenta-se na proposta de Lawrence Venuti (1995, 34) relativamente à opção de estratégias estrangeirantes ou de estranhamento, de acordo com as quais, o tradutor pode escolher um texto que desafie pressupostos culturais do sistema de chegada. (23) Este exemplo poderia aplicar-se à tradução de *The Scarlet Letter*, adiante proposta, que, ao ser adaptada para o público infanto-juvenil, pode constituir um desafio à cultura de chegada.

Ainda no âmbito da influência dos “Cultural Studies” nos Estudos de Tradução, Mona Baker refere que a tradução também afecta os “Cultural Studies”, evocando, a propósito, a escolha, por parte do tradutor, de um texto que desafie os pressupostos culturais, em detrimento de outro mais coincidente com o gosto dos leitores-alvo e com as expectativas do mercado interno. Segundo Massadier-Kenney, “by translating, one participates in the constitution of culture, and the very gesture of translating can create pockets of resistance in the cultural hegemony”, (Kadish e Massadier-Kenney 1994, 14)

ou seja, as traduções, ao mostrarem novas realidades, também enriquecem a cultura de chegada. A tradução pode até ser usada “como arma para combater o colonialismo, o racismo e outros preconceitos, como o sexual.” (23)

Embora a ideia de que a tradução constitui apenas uma mera transferência linguística, uma tentativa de encontrar termos fiéis ao texto de partida, já não se coloque há várias décadas, a Linguística, enquanto área disciplinar, continua a ser indispensável à prática tradutória, pois fornece ferramentas essenciais ao estudo da linguagem, indispensáveis à interpretação dos textos e respectiva tradução. Na área da literatura infantil, deve conferir-se especial atenção a este aspecto, pois trata-se de uma escrita direcionada a um público que iniciou recentemente a actividade da leitura.

Segundo Cecilia Alvstad, a Literatura Infantil não se dirige apenas às crianças, mas também aos adultos, pois estes são os responsáveis pela aquisição dos livros e, eventualmente, pela leitura dos mesmos em voz alta, nomeadamente às crianças que ainda não iniciaram a aprendizagem da leitura. (2010, 31) Assim, ao realizar uma adaptação, o tradutor deve ter em conta os valores implícitos do público adulto, não obstante o facto de o texto se dirigir a leitores infanto-juvenis.

Por seu turno, o conceito de adaptação reporta-se a diversas áreas, como a adaptação musical (“covers”,⁸ por exemplo), a adaptação fílmica (obras literárias adaptadas para o cinema, como se verifica em grande parte das produções da Walt Disney) e a adaptação textual, (a adaptação da *Ilíada* de Homero, por Maria Alberta Menéres, sob o título *Ulisses*). Em sentido lato, adaptação reporta-se a algo que deverá ajustar-se ao desempenho de uma outra função, constituindo, maioritariamente, um processo realizado com um propósito bem definido. Muitas vezes, esse propósito identifica-se com o desejo de atingir um público-alvo diferente, através da recriação de ambientes ou da utilização de determinadas estratégias,⁹ como a simplificação da linguagem, a omissão de partes do texto, a reescrita de outras, a substituição de acções por ilustrações, entre muitas outras.

⁸ Termo em inglês que caracteriza uma versão musical diferente de uma música já existente.

⁹ Sobre as estratégias de tradução e de adaptação veja-se o ponto 2.3. (“Estratégias Seleccionadas na Tradução e Adaptação do Texto de Hawthorne para o Público Infanto-Juvenil Português”) pp. 17-20 do presente trabalho.

Diversos contos infantis têm vindo a ser adaptados, com grande sucesso, pela produtora Walt Disney. Todavia, algumas narrativas do século XIX não foram consideradas adequadas ao público do século XX, pelo que o enredo foi, por vezes, alterado. *A Pequena Sereia* (1837), de Hans Christian Andersen (1805-1875), constitui um exemplo paradigmático, pois no conto do escritor dinamarquês, a pequena sereia não é amada pelo príncipe, acabando por se suicidar. Contudo, a adaptação fílmica oferece aos espectadores uma história de amor com um final feliz. Deste modo, verifica-se que o que se considerava Literatura Infantil no século XIX não tem qualquer correspondência com as perspectivas dos séculos XX e XXI sobre a matéria em causa.

O próprio conceito de adaptação pode ser considerado uma estratégia, quando existe necessidade de modificar um texto, não só por via da tradução. Para que um texto seja entendido no sistema de chegada deve ser modificado, de forma a ser perceptível por um público leitor diferenciado. De acordo com Jean-Paul Vinay e Jean Darbenelt (1958), a adaptação constitui um procedimento que pode ser usado sempre que o contexto referido no texto de partida não tenha qualquer correspondência na cultura do texto de chegada, precisando, assim, de uma forma de recriação. (*Apud* Baker e Saldanha 2009, 3) A adaptação, abarcando uma série de recursos tradutórios, dirige-se a diferentes públicos-alvo ou decorre de um conjunto de intervenções que resultam num texto que, geralmente, não é aceite como tradução, embora se reconheça que remete para um dado texto de partida. (3) Em última análise, uma tradução pode ser entendida como uma não-adaptação ou, dito de outra forma, o conceito de adaptação implica o reconhecimento da tradução como uma não-adaptação, ou seja, um modo mais limitado de transferência linguística e cultural. (3)

No caso da tradução e adaptação da literatura infanto-juvenil para leitores da mesma faixa etária, mas de sistemas linguístico-culturais diferentes, Rita Oittinen, em *Translating for Children* (2000), explica que ambas as actividades – tradução e adaptação – implicam reescrita, edição e colaboração, tornando-se bastante complexo evidenciar uma diferença absoluta entre as duas. (74) A autora refere também que poderá defender-se que a tradução se encontra geralmente mais contígua ao texto de partida, enquanto a adaptação se identifica com estratégias mais livres de recontar uma história, aproximando-a, assim, do contexto de chegada. (75)

Outro dos factores a ter em conta num processo de tradução/adaptação decorre do facto de existir um “público duplo”, (Oittinen 2000, 51) pois, por norma, o público adulto providencia a matéria textual, por si seleccionada, ao público infanto-juvenil, por quem é responsável. Assim, ao traduzir e/ou adaptar, o agente deve ter em conta essa dualidade do público, nunca esquecendo a sua função essencial: instruir. O desafio de criar ou de adaptar textos para o público infanto-juvenil implica também conseguir manter um certo equilíbrio entre o que os adultos, de uma certa época, consideram (ou não) adequado para as suas crianças/jovens e a mensagem que o escritor (tradutor e/ou adaptador) pretende veicular.

Deste modo, a tradução afigura-se indissociável da adaptação, sendo extraordinariamente difícil diferenciá-las, sobretudo quando se trata de textos dirigidos a um público infanto-juvenil. Adaptar para a mesma língua constitui obviamente uma tarefa menos complexa do que para uma língua distinta. A adaptação, para a mesma língua, de um texto escrito inicialmente para adultos para um texto infanto-juvenil, levanta sobretudo problemas de cariz linguístico, pois deve ter-se em conta vários vectores: que tipo de léxico é (ou não) adequado para o novo público; qual a informação essencial a veicular e qual a dispensável; e como resumir e simplificar o texto.

No entanto, adaptar um texto de uma língua para outra, tendo em vista um público-alvo diferenciado deverá ter em conta todos vectores mencionado e outros mais. Ao adaptar para uma outra língua deve ter-se em atenção a transferência dos valores culturais do país da língua de partida para o sistema cultural de chegada. Numa primeira fase, torna-se necessária a tradução do texto tendo em vista duas línguas e dois sistemas culturais diferentes. Depois, torna-se indispensável adaptar o texto traduzido (escrito inicialmente para adultos) para o público infanto-juvenil do sistema de chegada. Todo este processo requer um equilíbrio do ponto de vista da transferência da informação cultural, do texto de partida para o de chegada, sendo que o resultado final deverá tornar-se perceptível ao público a que se destina.

Em *Comparative Children's Literature* (2005), Emer O'Sullivan refere a importância da imagem na literatura infantil, identificando esta área de estudo como “Image Studies”. (193) O estudo da imagem, na literatura infantil, centra-se na análise de topografias culturais específicas, imagens da casa, por exemplo, que diferem de cultura para cultura. Para reforçar o seu argumento, O'Sullivan refere o caso de *Anne of*

Green Gables (1908) de L. M. Montgomery (1874-1942), apenas traduzida para alemão na década de oitenta, sendo a tradução baseada na versão fílmica. A razão pela qual a obra havia sido ignorada até então, relacionava-se com a imagem do Canadá na cultura alemã.⁹ O’Sullivan refere, ainda, que Martina Seifert (1964) considerou que a obra “simply did not represent what German publishers were looking for when importing Canadian literature.” (235) A imagem de um determinado país no sistema de chegada desempenha um papel decisivo na selecção, na tradução e na divulgação de determinadas obras. (193) Para além disso, o facto de os “Image Studies” examinarem aspectos relativos à representação do estrangeiro, tal poderá conduzir à formação de estereótipos que podem corresponder ou contradizer as expectativas do espectador (193, L55).

Em *On Linguistic Aspects of Translation* (1959), Roman Jakobson (1896-1982), linguísta russo pioneiro na análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte, distinguiu três tipos de tradução: a intralinguística (dentro da mesma língua), a interlinguística (entre línguas diferentes e, portanto, a que se aplica ao presente trabalho) e, ainda, a intersemiótica (transposição de signos verbais para signos não verbais, também aplicável no presente trabalho, no respeitante às ilustrações). De facto, o conceito de adaptação pode, em certos momentos, ser identificado com o de tradução intersemiótica ou transmutação, de acordo com a proposta Jakobson, ou seja, um processo em que os signos verbais são interpretados, descodificados e transpostos, de um sistema para outro, através de signos não-verbais, sendo a informação veiculada por via visual (artística, musical, fílmica).

Na década de sessenta, as transposições entre as diversas formas de expressão artística passaram a ser consideradas traduções intersemióticas, ou seja, reescritas de diferentes sistemas de signos. Desta forma, qualquer tipo de arte pode ser traduzido por outro, como, por exemplo, uma música traduzida para dança, um texto literário para um filme ou uma peça de teatro para banda desenhada. Tornou-se, assim, possível adquirir a consciência de que uma tradução não ocorre apenas de um texto para outro, mas também resulta de jogos de interpretação e de apropriações. A reescrita de um texto não idêntico ao original tornou-se algo aceitável, contribuindo, em certa medida, para o reconhecimento do estatuto do tradutor-adaptador.

Pioneiro na transformação da classificação dos termos concebidos por Jakobson, Gideon Toury (1942-2016), em *Encyclopedic Dictionary of Semiotics* (1986), estabelece dois tipos de tradução: a intrasemiótica e a intersemiótica, (1107) definindo esta última como uma tradução de uma língua para atingir um resultado final não linguístico. Quanto à intrasemiótica subdivide-a em dois tipos: intrasistêmica e intersistêmica, (1107) as quais correspondem, respectivamente, às definições de tradução intralinguística e interlinguística propostas por Jakobson.

Umberto Eco (1932-2016) deu uma contribuição importante para o desenvolvimento da classificação de Jakobson. Em *Experiences in Translation* (2001), Eco dividiu a tradução em três tipos, tal como Jakobson. Em primeiro lugar, referiu a interpretação por transcrição, ou seja, a simples substituição de códigos como, por exemplo, o caso do alfabeto Morse. Em segundo lugar, apresentou a interpretação intrasistêmica, subdividida em três subcategorias: a interpretação intrasistêmica dentro da mesma língua natural (como, por exemplo, sinónimos, paráfrases, inferências, comentários, etc.); a interpretação intrasistêmica noutros sistemas semióticos (por exemplo, mudando uma parte da música); e, em terceiro lugar, a interpretação intersistêmica que inclui dois tipos, um com variação acentuada na substância, e outro com mutação do *continuum*. A interpretação intersistêmica com acentuada variação na substância abrange, por seu turno, três subtipos: interpretação interlinguística ou tradução entre línguas naturais, reescrita (por exemplo, versões retrabalhadas da mesma peça pelo mesmo compositor, paródia); tradução entre outros sistemas semióticos ou interpretação intersistêmica com diferenças muito marcantes na substância entre sistemas não linguísticos (por exemplo, transformar uma pintura colorida a óleo numa reprodução a preto e branco); e transformação da literatura para o cinema ou teatro, que constitui um exemplo de adaptação ou transmutação. (Eco 2001, 100-128) Deste modo, a adaptação de *The Scarlet Letter* para o público infanto-juvenil pode ser considerada uma interpretação intrasistêmica num outro sistema semiótico.

Artista, escritor e Professor universitário espanhol, Julio Plaza González (1938-2003) desenvolveu também a tipologia de Jakobson em *Tradução Intersemiótica* (1969), referindo a necessidade de uma teoria “para que possam ser interligadas as operações inter e intracódigos” (2003, XII) na tradução intersemiótica. Plaza argumentou ainda que existe uma certa ambiguidade nos signos estéticos e, para a minimizar, seguiu a teoria semiótica de Peirce (1839-1914), em *Semiótica* (2000), criando uma tipologia

das traduções e uma oficina de signos em que se realiza a tarefa da tradução simbólica. (*Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, vol 2, 1931, iii) Pierce subdividiu a tradução intersemiótica em três categorias: a tradução intersemiótica como pensamento em signos; a tradução intersemiótica como relação dos sentidos; e “a tradução intersemiótica como transcrição das formas”, (2.227) dando exemplos de cada um dos casos, ao longo da obra. Ao desenvolver o pensamento de Jakobson, Plaza tornou possível a formação de uma teoria da tradução mais abrangente, identificando as diferentes tipologias da tradução e caracterizando, por exemplo, as ilustrações apresentadas nesta adaptação como uma tradução intersemiótica. Tornou-se, assim, possível adquirir a consciência de que uma tradução não ocorre apenas de um texto para outro, mas também resulta de jogos de interpretação e de apropriações. A reescrita de um texto não idêntico ao original tornou-se algo aceitável, contribuindo, em certa medida, para o reconhecimento do estatuto do tradutor-adaptador.

Além de ilustrarem o que se encontra no texto, as gravuras de um livro infantil representam a transposição de signos verbais para signos não-verbais. Na adaptação de um texto (originalmente destinado a adultos) para um público infanto-juvenil, as imagens podem constituir um método bastante eficaz de transmitir informação, dado que os livros infantis devem ser relativamente curtos e sem descrições demasiado extensas, as quais podem ser substituídas por ilustrações.

No presente trabalho de tradução interlinguística e de adaptação, as ilustrações serão utilizadas para dar a conhecer ao público infanto-juvenil descrições existentes no texto de partida, mas que foram omitidas no texto de chegada. Trata-se, portanto, de uma tradução intersemiótica, através da qual se aproveitará também para inserir a influência gótica,¹⁰ na obra de Nathaniel Hawthorne.

¹⁰ O gótico tornou-se bastante comum na Literatura Norte-Americana do século XIX, por via da influência do Romantismo inglês. Autores como Edgar Allan Poe ou William Faulker incluíram nas suas obras descrições de acontecimentos sobrenaturais, bem como ambientes sombrios e misteriosos. *The Scarlet Letter* contém bastantes elementos deste género. No capítulo 7, por exemplo, a mansão do governador Bellingham tem muitas peças decorativas de estilo gótico, como figuras cabalísticas, diagramas, torretas acasteladas, armaduras, elementos identificados nas ilustrações. O crime e amor ilícito constituem temas recorrentes nos romances góticos, surgindo também em *The Scarlett Letter*. O mesmo se passa com a inclusão de personagens física e psicologicamente deformadas, aqui representadas por Chillingworth. Finalmente, elementos naturais como as trevas, as sombras e o luar fazem parte de um ambiente gótico, que é bastante comum na obra de Hawthorne. Cf. <https://www.cliffsnotes.com/literature/s/the-scarlet-letter/critical-essays/the-scarlet-letter-as-a-gothic-romance>

Para a adaptação de *The Scarlet Letter*, foi necessário recorrer a diversas estratégias de tradução, que serão explicadas no subponto seguinte.

2.3. Estratégias Seleccionadas na Tradução e Adaptação do Texto de Hawthorne para o Público Infanto-Juvenil Português

Vários têm sido os autores que se debruçaram sobre a questão das estratégias de tradução.

Teólogo e filósofo alemão, Friederich Schleiermacher (1768-1834), em “On The Different Methods of Translating”, foi pioneiro no estabelecimento de duas estratégias de tradução. Assim, ao traduzir, o tradutor possui duas opções: “either the translator leaves the writer in peace as much as possible and moves the reader toward him; or he leaves the reader in peace as much as possible and moves the writer toward him.” (Schleiermacher 2011 (1813), 22), ou seja, o tradutor pode recorrer à estratégia de estrangeirização ou à de domesticação, respectivamente, terminologia identificada por Lawrence Venuti (1953-) em *The Translator’s Invisibility: a History of Translation*. (1995) No primeiro caso, o tradutor tende a domesticar o texto, ou seja, a esbater as diferenças culturais existentes entre o sistema de partida e o de chegada, tendo como objectivo fundamental adequar o texto de partida à cultura de chegada. A estratégia de domesticação mantém, assim, o texto o mais próximo possível da cultura de chegada, o que poderá levar à perda de informação incluída no texto de partida. A este propósito, Venuti refere o seguinte: “the point is rather to develop a theory and practice of translation that resists dominant target-language cultural values so as to signify the linguistic and cultural difference of the foreign text.” (23) A estrangeirização, por sua vez, constitui uma estratégia cujo objectivo reside em preservar a estranheza da cultura de partida, quebrando deliberadamente as convenções da língua de chegada. No presente caso, pode afirmar-se que se optou por uma estratégia mista, pois, se, por um lado, se perdeu muita informação contida no texto de partida (domesticação), por outro, ao manter os nomes das personagens e das localidades em inglês, por exemplo, optou-se por uma estratégia de estrangeirização com o intuito de informar o leitor acerca de outras realidades culturais. Não obstante o facto de constituírem, incontestavelmente, uma mais-valia para os Estudos de Tradução, estas duas estratégias não se afiguraram

suficientes para resolver todos os problemas decorrentes da tradução e adaptação que se pretende levar a cabo no capítulo 1, da Parte II do presente trabalho.

Jean-Paul Vinay (1910-1999) e Jean Darbelnet (1904-1990), dois teóricos franceses, dedicaram-se à definição das estratégias de tradução em “A Methodology for Translation” (1958),¹¹¹⁰ defendendo que um tradutor pode optar por uma tradução directa ou oblíqua. (33) No primeiro caso, o tradutor tem as seguintes opções: o empréstimo (utilização do mesmo termo do texto de partida no texto de chegada), o decalque (uma espécie de empréstimo, na medida em que se utiliza o termo exacto do texto de partida para posteriormente o traduzir literalmente) e a tradução literal (uma transferência directa da língua de partida para a língua de chegada, de um modo gramatical e idiomáticamente apropriado). Relativamente à tradução oblíqua, (36) as opções são as seguintes: transposição (substituição de uma classe de palavras por outra, sem modificar o significado da mensagem), modulação (variação na forma da mensagem, obtida pela mudança de ponto de vista), equivalência (procura de um termo equivalente ao da língua de partida na língua de chegada) e adaptação (um tipo especial de equivalência que ocorre quando existe alguma situação no texto de partida que não é reconhecida no texto de chegada, pelo que essa situação deve ser recriada de uma forma perceptível ao público de chegada). No caso da tradução/adaptação de *The Scarlet Letter*, pode afirmar-se que, de um ponto de vista macro, se optou pela tradução oblíqua. Todavia, mais uma vez, estas estratégias, não se revelaram suficientes para a adaptação desta novela, na medida em que, por exemplo, não contemplam a omissão de excertos de texto considerados dispensáveis para o público infanto-juvenil, algo que se encontra na proposta de Andrew Chesterman (1946-), em *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory* (1997) mediante a estratégia de mudança de informação. (89) O mesmo se passa relativamente à estratégia de mudança de uma versão de texto para outra, no sentido em que se simplifica o vocabulário, criando uma versão final considerada distante do texto de partida, que, de acordo com Chesterman, tem a designação de paráfrase (89).

Assim, da perspectiva de Andrew Chesterman, para se alcançar a melhor tradução possível torna-se necessário adoptar “forms of explicitly textual manipulation”, sendo que “a strategy offers a solution to a problem”. (1997, 89) Deste modo, as

¹¹ Cf. Venuti, 1995.

estratégias tradutórias identificadas no capítulo 4 de *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*, as estratégias podem diferir, ao longo do processo tradutório, de acordo com a finalidade do texto de chegada, constituindo ferramentas de tradução, dado que representam “any well-established way of solving a translation problem.” (89)

Chesterman divide as estratégias de tradução em três categorias: sintáticas, semânticas e pragmáticas. Cada uma das três categorias encontra-se subdividida em dez opções. Assim, as estratégias sintáticas incluem 1) a tradução literal (mantém-se a estrutura do texto de partida), 2) o empréstimo ou calque (importação deliberada de uma palavra do texto de partida utilizada na tradução), 3) o deslocamento de unidade (traduzir uma determinada unidade do texto de partida – morfema, palavra, frase, oração, parágrafo – por uma unidade diferente no texto de chegada), 5) alteração da estrutura frásica (mudança da estrutura das frases no texto de chegada), 6) modificação da estrutura das orações (mudanças da estrutura de orações no texto de chegada), 7) mudança estrutural do período (relacionada com a estrutura de um período), 8) mutações ao nível da coesão textual (relacionada com referências intratextuais, mediante a utilização de substituições, pronominalizações, repetições e diferentes conectores), 9) deslocamento de nível (modificação de expressões de um nível fonológico, morfológico, sintáctico ou lexical, para outro) e 10) alteração de esquemas retóricos (repetição, aliteração, ritmo, etc.). As estratégias semânticas incluem 1) a sinonímia (utilização de sinónimos dos termos do texto de partida), 2) a antonímia (emprego de um antónimo conjugado com um elemento de negação), 3) a hiponímia ou hiperonímia (utilização de hipónimos e hiperónimos do texto de partida), 4) a conversão de pares de estruturas verbais (por norma), que expressam a mesma ideia, mas de pontos de vista opostos, como por exemplo “comprar” e “vender”, 5) mudança de abstracção (selecção de um nível de abstracção diferente, variando do abstracto para o concreto e do concreto para o abstracto), 6) mudança da distribuição de elementos (expansão ou compressão de itens semânticos), 7) alteração de ênfase (acrescentando algo ou modificando o elemento em foco numa frase), 8) utilização de paráfrases (resulta numa versão do texto de chegada que pode ser considerada distante do texto de partida), 9) mudança de tropos (expressões figurativas), 10) outras mudanças semânticas (transformação do sentido físico, *nuances*, modalizações ou uso de diminutivos). Finalmente, as estratégias pragmáticas dizem respeito ao 1) filtro cultural

(naturalização, adaptação ou domesticação), 2) à mudança de grau de explicitação e de implicação, 3) à modificação de informação (através da omissão, da redução ou da adição), 4) à mutação interpessoal (alteração de um tratamento formal para informal ou vice-versa), 5) à mudança de elocução (transformação de um discurso directo para indirecto e vice-versa ou a mudança de uma afirmação para um pedido e vice-versa), 6) à alteração de coerência textual (organização da informação no texto, de uma forma lógica, no nível ideacional), 7) à tradução parcial, 8) à mudança de visibilidade (mudança na presença de autoria, inclusão evidente ou em primeiro plano da presença tradutória, através, por exemplo, de notas de rodapé ou comentários adicionais), 9) à reedição (quando existe necessidade de reeditar o texto de partida, no caso, por exemplo, de um texto de partida com erros), e 10) a outras mudanças pragmáticas (do *layout* do texto ou de escolhas de cariz sociolectal ou dialectal). (Chesterman 1997, 89)

Dado que *The Scarlet Letter* foi publicada em 1850, retratando uma sociedade do século XVII, existe bastante vocabulário algo arcaico e, como seria expectável, complexo e perceptível apenas a adultos. Assim, este vocabulário foi transformado em palavras inteligíveis por parte do novo leitor, mediante a utilização da estratégia semântica da paráfrase, que resulta numa versão do texto de chegada que pode ser entendida como distante do texto de partida e, em alguns casos, sem tradução. Alguns componentes semânticos, ao nível do lexema, foram ignorados, mas manteve-se sempre a função moral e o sentido da mensagem original.

Para além de possuir informações de cariz histórico e sociocultural, trata-se de uma obra com uma função moral singular, a ser transmitida, sobretudo, a jovens leitores. A crítica social de Hawthorne reporta-se à hipocrisia das comunidades puritanas da América do Norte, por, depois de perseguidas, passarem a ser as perseguidoras. Tratava-se de sociedades que inicialmente buscavam um novo Éden e que acabaram por impulsionar a exclusão de todos aqueles que não cumpriam as rígidas normas impostas. Actualmente, são várias as guerras de origem religiosa, devido ao fanatismo e a subprodutos como os fundamentalismos de toda espécie, as guerras santas, as limpezas étnicas, entre outros. Apesar de o assunto poder eventualmente ser considerado desadequado para o público infanto-juvenil, o momento afigura-se propício à tomada de consciência, por parte dos mais jovens, da existência destes cenários. Hawthorne pretendeu que o leitor entendesse que todos os seres humanos pecam e que o

papel da religião não é julgá-los em praça pública. Hester pecou, mas nunca deixou de ser uma pessoa bondosa.

As descrições, apesar de soberbas e ricas em adjectivação, afiguram-se algo confusas, demasiado longas e, portanto, dispensáveis para o público infanto-juvenil, pelo que se optou, não raro, por uma estratégia pragmática, de mudança de informação, nomeadamente via omissão de excertos do texto de partida considerados irrelevantes, tornando, assim, o texto de chegada mais curto e, portanto, mais apelativo para o público infanto-juvenil.

Em síntese, pode afirmar-se que as estratégias mais utilizadas nesta tradução/adaptação foram a semântica (a paráfrase) e a pragmática (a omissão).

Apenas devido ao recurso a estas estratégias tradutórias se tornou possível conceber a adaptação de *The Scarlet Letter* para um público infanto-juvenil.

PARTE II)

A LETRA VERMELHA

NATHANIEL HAWTHORNE

Tradução, Adaptação e Ilustração



1. A PORTA DA PRISÃO

Um grupo de homens de barbas, com roupas de cores tristes e chapéus de torre cinzentos, misturados entre mulheres, algumas de touca, outras de cabeça destapada, encontravam-se reunidos em frente de uma casa de madeira, com uma porta de carvalho e picos de ferro.

Os fundadores de uma nova colónia acharam necessário, em primeiro lugar, a construção de um cemitério e de uma prisão. Nesta altura, quando a história se desenrola, a casa já tinha cerca de quinze ou vinte anos. A ferrugem da porta fazia com que parecesse mais antiga do que qualquer outra coisa no Novo Mundo, aparentando nunca ter conhecido a juventude. À frente deste edifício feio encontrava-se um espaço repleto de ervas daninhas e de outras com um aspecto desagradável, que tinham encontrado algo no solo que impulsionara o nascimento da flor negra de uma sociedade civilizada: uma prisão.

Porém, de um dos lados da entrada, havia uma roseira branca, que parecia mostrar compaixão pelos prisioneiros que entravam para cumprir a sua pena. Esta roseira ainda hoje existe, mas não se sabe se sobreviveu tanto tempo, após a queda de pinheiros e carvalhos, apenas por mero acaso, ou se nasceu sob os passos de uma santa ao entrar na prisão. De qualquer modo, poderá sempre constituir um símbolo de uma qualquer flor moral, encontrada pelo caminho, ou como alívio para um desfecho sombrio de uma história



2. A PRAÇA

Certa manhã de Verão, um grupo de habitantes de Boston encontrava-se em frente da prisão com os olhos fixos na porta. As suas expressões eram severas, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer. Podia ser a execução de um criminoso, cuja condenação dependeria da opinião pública. Todavia, a severidade típica do comportamento dos puritanos não permitia que se proferisse uma afirmação desse género com tanta certeza. Possivelmente, um escravo preguiçoso ou uma criança desobediente entregue à autoridade civil iriam ser disciplinados com chicoteadas. Podia também acontecer que uma bruxa, como a velha Sra. Hibbins, fosse condenada a morrer na forca. Em qualquer dos casos, o mesmo comportamento podia ser observado entre os membros de uma comunidade, onde lei e religião eram quase a mesma coisa, onde o mais brando ou o mais severo castigo público eram igualmente encarados como respeitáveis e terríveis. Pouca era a bondade que um condenado poderia esperar do público. O que actualmente seria apenas alvo de gozo, naquela época poderia acarretar uma medida tão severa quanto a morte. Neste grupo, encontravam-se reunidas mulheres, que conversavam.

– Boas esposas! – disse uma das mulheres. – Que bom estarmos aqui reunidas para julgar Hester Prynne. Penso que os juízes, homens tementes a Deus, foram demasiado brandos na sua decisão. Condená-la a usar uma letra “A”, de Adúltera, no vestido, é algo que pode ser facilmente escondido por esta mulher pagã! Deviam, pelo menos, ter-lhe posto uma marca na testa, com um ferro em brasa.

– Por mais que esconda, a pior dor estará sempre marcada no seu coração. – disse outra mulher com mais ternura.

– Porque falamos em marcas no vestido e na testa? – perguntou a mais impiedosa. – Esta mulher é uma vergonha para todas nós, devia morrer!

– Tenha misericórdia senhora! – gritou um homem, entre a multidão. – Que palavras tão duras! Agora, silêncio, que vem aí a Hester Prynne!

A porta da prisão abriu-se e saiu um grupo de Pastores e de juízes, observados atentamente pela multidão. Surgiu também uma jovem mulher com um bebé ao colo, que não teria mais de três meses. O bebé franziu a testa e fechou os olhos, quando a luz

do Sol lhe bateu na face, pois a única luz que vira até àquele momento, tinha sido a das masmorras.

Por impulso, a mulher tapou o “A” que trazia ao peito, com o bebê. Apercebendo-se de que estava a esconder uma vergonha com outra, deixou a letra à vista de todos. Sorriu e enfrentou a multidão com o olhar.

A mulher era alta, elegante e de cabelo preto. A sua postura mostrava confiança, vestida com roupas que ela mesma costurara, enquanto estivera na prisão. Quem já a conhecia antes, sentia como se a estivesse a ver pela primeira vez. Era da letra vermelha, que ostentava, maravilhosamente bordada, ao peito.

– Ela é boa na costura, isso é verdade. – disse uma senhora no meio da multidão. – Mas mostrar a letra desta forma descarada?! Que ousadia! Devíamos arrancar-lhe aquelas roupas e trocá-las por trapos!

– Abram caminho, abram caminho! – disse o oficial de justiça, que a acompanhava. – Prometo que a senhora Hester irá para um lugar onde todos a poderão ver, bem como a letra que traz ao peito!

Hester chegou ao cadafalso e ficou de frente para a multidão. Se ali estivesse algum católico, poderia ter-se lembrado da Virgem com o Menino ao olhar para aquela mulher tão bela, com as vestes que trazia e de bebê ao colo. No entanto, sob o peso de mil olhares, fixados no “A” bordado no peito, lá estava Hester, manchada pelo pecado. Por vezes, sentiu vontade de gritar com todo o ar que tinha nos pulmões. Olhou para a rua e começou a imaginar a sua antiga casa, na velha Inglaterra, onde morara com a família. Recordou a sua infância e lembrou-se das feições dos pais, com saudade.

Subitamente regressou à cena presente, voltando o olhar para aquela comunidade puritana, incrédula, ao constatar a situação em que se encontrava. Podia ser verdade? Olhou para o bebê e tocou na letra bordada para ter a certeza de que eram reais. Sim, toda aquela situação era real.



3. O RECONHECIMENTO

Ao olhar para a multidão, Hester reparou num índio e reconheceu o homem baixo, de cabelo grisalho, que o acompanhava. Quando o viu, ficou aterrorizada e apertou o bebê contra o peito, fazendo-o chorar. O homem, ao perceber o olhar de Hester, levou o dedo indicador aos lábios, em sinal de que permanecesse em silêncio.

– Caro senhor, – disse o homem de cabelo grisalho, dirigindo-se a um dos cidadãos. – Quem é esta mulher e o que faz ali exposta?

– O senhor não pode ser daqui, – respondeu o outro, olhando-o com desdém. – se não conhece Hester e o mal que fez.

– Sim, tenho vagueado bastante, – disse o primeiro – embora contra a minha vontade. Muitos foram os males de que padeci, tanto no mar, como em terra, mas agora este índio trouxe-me para esta cidade para ser redimido do meu cativeiro. Diga-me, por favor, o que faz Hester, creio que foi o que lhe chamou, naquele cadafalso?

– Digo sim. – respondeu o outro. – Depois de todos os infortúnios por que passou, vai gostar de saber que chegou à nossa abençoada Nova Inglaterra, onde a justiça é feita. Esta mulher estava casada com um médico inglês e moravam há muito tempo em Amesterdão. Tencionando mudarem-se para cá, ele mandou-a primeiro e ficou por lá a terminar os seus negócios. Nesses cerca de dois anos em que aqui viveu, na ausência do marido, teve aquele bebê que carrega nos braços.

– Ah, compreendo! – disse o homem de cabelo grisalho. – E quem é o pai do bebê?

– Isso é ainda um mistério. A senhora Hester recusou-se a dizer. – respondeu o outro homem.

– Será, então, um trabalho para o médico inglês. – disse o de cabelo grisalho com um sorriso estranho.

– Se ainda estiver vivo! Crê-se que o marido já está no fundo do mar! – exclamou o outro homem. – A pena dela seria a morte, mas os juízes tiveram misericórdia e condenaram-na apenas a permanecer ali, durante três horas, e a usar a letra “A”, de adúltera, ao peito, como símbolo da sua vergonha, para o resto da vida.

– Uma decisão sensata! Mas o companheiro da sua vergonha deveria estar ali ao seu lado... Mas ele será descoberto! Será descoberto, será descoberto! – disse o homem, afastando-se.

Estranhamente, Hester sentiu-se mais segura por estar rodeada de uma multidão e não sozinha com aquele homem. Perdida nestes pensamentos, quase não ouvia a voz que a chamava.

– Hester Prynne, ouve! – disse, da varanda, John Wilson, o Pastor mais idoso de Boston e também o mais compreensivo. Com ele estavam quatro sargentos e o Governador Bellingham, formando, assim, a Assembleia. – Pedimos ao Pastor Dimmesdale, que te persuadissem a revelar o nome do pai desse bebê.

O Pastor ficou em silêncio.

– Fala à mulher, Dimmesdale! – disse o Pastor Wilson.

O Pastor Dimmesdale era jovem e bem-parecido, de pele clara e grandes olhos castanhos. Desconfortável com a situação, avançou.

– Hester Prynne! – disse, olhando-a nos olhos. – Ouviste o que estes sábios homens disseram e a responsabilidade que me deram. Se a tua salvação depender da revelação do nome do pai de teu filho, di-lo! Não sintas pena dele! Se tiver de descer de uma varanda e pôr-se a teu lado, para partilhar essa vergonha, ele irá! É preferível do que esconder a vergonha no seu coração pecador. Di-lo, porque ele não tem coragem de se revelar!

A voz do Pastor tremia ao proferir estas palavras.

Hester sacudiu a cabeça em sinal de negação.

– Mulher! Se disseres o nome dele, poderás ser perdoada de carregar essa letra para o resto da vida! – disse o Pastor Wilson.

– Nunca! – exclamou Hester. – Quem me dera sentir a dor dele juntamente com a minha!

– Fala mulher e dá um pai ao teu filho! – gritou uma voz da multidão, que Hester seguramente conhecia.

– Não! O meu filho não terá pai. – disse Hester.

– Não quer falar! – murmurou o Pastor Dimmesdale. – Que coração forte e generoso! Não quer falar.

O Pastor mais velho fez, então, um discurso sobre o pecado e sobre a letra de Hester. Ela manteve-se no meio do cadafalso com o bebê ao colo que chorava. Sofreu tanto naquela manhã que já se sentia insensível à situação. Depois de o Pastor acabar o discurso, levaram-na novamente para a prisão.



4. O INTERROGATÓRIO

Na prisão, Hester estava bastante perturbada e o bebê chorava sem parar. O carcereiro achou por bem chamar um médico para dar assistência a ambos. Quando o médico entrou na cela, Hester ficou petrificada a olhar para ele. Era o mesmo homem que estava na multidão, de cabelo grisalho e acompanhado pelo índio. Apresentaram-lho com o nome de Roger Chillingworth, um médico recém-chegado a Boston.

– Senhor carcereiro, peço-lhe que me deixe a sós com a paciente, prometo que ficará mais calma e submissa. – disse o médico.

O carcereiro saiu da cela e o médico preparou primeiro um medicamento para o bebê.

– Dá este medicamento ao bebê. – disse o médico a Hester.

– Serias capaz de te vingar no bebê? – perguntou Hester.

– Oh, Hester! – exclamou o médico. – De que me valeria fazer mal a este desgraçado bebê? Penso numa vingança, sim, mas não essa.

O médico pegou no bebê e administrou-lhe ele mesmo o medicamento. O bebê parou de chorar e adormeceu. Depois, preparou outro para Hester e entregou-lho. Hester ficou a olhar para ele com receio de que fosse veneno.

– Hester, conheces-me tão mal! Achas que te iria matar? A melhor coisa a fazer, é deixar-te viver, com esse símbolo de pecado, à vista de todos, para o resto da tua vida! – disse Roger, apontando para a marca que Hester tinha ao peito.

Hester engoliu o medicamento e o homem sentou-se numa cadeira.

– Hester, – disse. – não te vou perguntar o como, nem o porquê de te teres envolvido com outro homem. Onde estaria com a cabeça, ao casar-me contigo, uma mulher tão jovem e tão bela com um homem deformado, como eu.

– Nunca te menti. – disse Hester, muito abatida. – Não te amava, não fingi.

– É verdade! – exclamou o médico. – Foi loucura da minha parte achar que podias ficar comigo.

– Decepcionei-te. – disse Hester, cabisbaixa.

– Decepcionámo-nos um ao outro. – disse ele. – Primeiro, errei eu, ao roubar-te a juventude e ao empurrar-te para um casamento anormal, com um marido decrépito. Porém, alguém nos traiu. Diz-me Hester, quem é o homem com que te envolveste, o pai desse bebé?

– Nunca irás saber! – exclamou Hester.

– Nunca, dizes tu? – disse Roger, com um sorriso confiante. – Podes escondê-lo de toda a gente, mas eu vou descobri-lo! Vou persegui-lo e algum sinal me dirá que é ele. Não o vou matar, deixo que carregue o peso do seu pecado para o resto da vida. Peço-te um favor, não reveles a ninguém a minha identidade ou que me conheces. Promete!

– Porquê esse desejo? – perguntou Hester.

– Talvez para me poupar das maledicências das pessoas, por ter uma mulher adúltera, ou por outras razões. Para os restantes estou morto e assim vou continuar. Jura! – pediu Roger.

– Vou guardar o teu segredo, como guardo o dele. – disse Hester.



5. HESTER, A COSTUREIRA

Alguns dias depois, Hester saiu da prisão. Podia ter escolhido ir para qualquer outra cidade, onde a lei fosse diferente e não a tratassem como uma pecadora. Porém, Hester escolheu enfrentar o seu destino. A razão para ficar, dizia a si mesma, seria por ali ter sido condenada, então, ali ficaria, para ser punida. A outra razão, Hester tentava omitir. Sentia-se presa àquela cidade, pois nela morava uma pessoa pela qual estava apaixonada.

Mudou-se para uma cabana na floresta, numa zona perto da cidade. Apesar das terras serem pouco férteis, conseguiu plantar o suficiente para alimentar-se a ela e à filha. Trabalhava como costureira e vendia as roupas, assim conseguindo o sustento para ambas. Teve bastante sucesso, pois era uma boa costureira. No entanto, os seus vestidos eram de cores sombrias e apenas para Pearl fazia os mais vistosos. Nessa casa solitária ouvia muitas vezes gente que parava só para a ofender, aos gritos, nomeadamente crianças. Neste ambiente, Pearl ia crescendo, uma menina linda e, como o seu nome indica, a pérola de sua Mãe.



6. PEARL

Pearl era uma criança inteligente, por vezes maliciosa e inexplicavelmente perversa, de tal modo que Hester chegava a questionar-se se Pearl seria uma criança verdadeiramente humana. Aparentava ter um espírito quase etéreo que desaparecia no ar com um sorriso trocista. Em certos momentos, a sua expressão parecia denotar que vagueava pelo ar, desvanecendo-se de repente numa luz cintilante que surgia de um lugar misterioso e desaparecia não se sabia bem para onde. Quando a tal expressão surgia, Hester era impelida a correr na direcção da criança e agarrar-se a ela, não num gesto de ternura, mas antes para se certificar de que Pearl era realmente de carne e osso.

Quando Pearl chegou à idade de criar amizades e de comunicar com outras crianças, ninguém queria falar com ela devido à história da mãe, pois todos sabiam que era filha da mulher pecadora. Quando as outras crianças troçavam dela, Pearl atirava-lhes pedras. A menina brincava, então, com amigos imaginários.

Numa tarde de Verão, quando já era mais crescidinha, Pearl colhia flores e punha-as no colo da Mãe, quando tocou na letra de vermelha. Imediatamente, Hester tentou tapar o peito, mas resistiu por sentir que o castigo que suportava seria mais bem cumprido em silêncio e, assim, endireitou-se, pálida, olhando para Pearl com tristeza. A criança continuou a colocar as flores no colo da Mãe, quase sempre a tocar na letra, causando uma dor indescritível à Mãe. Cansada da brincadeira, Pearl parou e encarou Hester nos olhos, assemelhando-se a um demónio sorrindo.

– Minha filha, quem és tu? – perguntou Hester a Pearl, de joelhos e de frente para ela.

– Oh, sou a tua pequena Pearl! – respondeu a menina. Soltou uma gargalhada e começou a dançar como um diabinho, quase como se a sua próxima impertinência fosse voar dali pela chaminé.

– E quem te mandou aqui? – perguntou Hester, ao observar o seu estranho comportamento.

– Isso queria eu saber Mamã! Quem é o meu Pai? – perguntou Pearl, debruçando-se nos joelhos da Mãe.

– O teu Pai é o do céu! – respondeu Hester.

– Não, não! Não tenho Pai do céu. – disse, apontando para a letra “A”, no peito da mãe. – Ele é que me mandou!

– Pearl! Não digas isso! – exclamou Hester.

– Conta, conta! – disse Pearl, rindo-se.

Hester ficou em silêncio, não soube o que responder.



7. A MANSÃO DO GOVERNADOR

Certo dia, Hester Prynne foi até à mansão do Governador para levar um par de luvas que este tinha encomendado. Todavia, esta não era a única razão que levava Hester àquela casa. Chegara aos seus ouvidos a intenção dos oficiais da justiça de tirarem Pearl a Hester, considerando que a adúltera não tinha condições para a educar. Supunha-se que Pearl tinha nascido de um demónio e, assim, para o bem de sua Mãe, a religião exigia que se deveria tirar Pearl de Hester. Se Pearl pudesse vir a adquirir os requisitos necessários à sua salvação, seria sob a guarda de alguém mais prudente do que Hester, até podia ser o Governador Bellingham. Quando foi a casa do Governador, Hester levou Pearl consigo e vestiu-a de vermelho, a cor da marca que ostentava no peito.

A porta da mansão do Governador era construída em forma de arco e com colunas de ambos os lados. Tanto à direita como à esquerda existiam janelas de madeira. Hester pegou na aldraba de ferro pendurada na porta e bateu. Apareceu o mordomo, um homem inglês, de casaco azul, o uniforme habitual dos mordomos daquela época e das antigas mansões em Inglaterra. Hester perguntou pelo Governador e o mordomo respondeu-lhe que ele estava a atender dois Pastores e um médico. Hester entrou. O corredor era enorme e dava acesso a várias divisões. Uma das pontas encontrava-se intensamente iluminada, não obstante a cortina, pelas janelas em forma de arco. Ao longo do corredor encontravam-se cadeiras com encostos de flores, perfeitamente esculpidos. Por cima da mesa, do mesmo estilo, estava uma caneca de chumbo, possivelmente com restos de espuma de cerveja. Na parede encontravam-se retratos dos antepassados de Bellingham, alguns de armadura, outros com golas majestosas, todos marcados com os traços de austeridade e de severidade que caracterizavam os retratos antigos, parecendo fantasmas que encaravam quem os observava. Ao centro da parede estava uma armadura com um capacete de aço, uma couraça, um gorjal, caneleiras de ferro, luvas e uma espada pendurada que iluminava todo aquele andar.



8. A CRIANÇA-ELFO E O PASTOR

O Governador Bellingham estava acompanhado por três visitantes, o Pastor Wilson, o médico Roger Chilingworth e o Pastor Arthur Dimmesdale.

– Hester Prynne. – começou o Governador. – Muito se tem falado da tua situação e questionada a capacidade de educares a tua filha, pois uma mulher pecadora não dará uma educação digna a uma criança. Não achas que se deveria dar a guarda de Pearl a quem possa proporcionar-lhe uma educação mais apropriada?

– Posso ensinar a Pearl o que aprendi com isto. – respondeu Hester, apontando para a letra no peito.

– Vamos avaliar a questão com cautela. – disse o Governador. – Wilson, podes verificar se a criança está bem-educada, por favor?

– Minha filha, sabes dizer-me de onde vieste? – perguntou o Pastor Wilson, olhando para Pearl.

– Eu vim de uma roseira que estava à porta da prisão. – respondeu, provocadora, a pequena Pearl.

– Terrível! A criança tem três anos e não sabe de onde veio. Por mim, o assunto está encerrado, tiraremos a guarda de Pearl a esta mulher! – gritou o Governador Bellingham.

– Não! – gritou Hester, agarrando-se a Pearl. – Ela foi-me dada por Deus! Depois de tudo o que me tiraram, antes prefiro morrer!

– Pobre mulher. – disse o Pastor Wilson, que era um bom homem. – Esta criança precisa de uma educação mais aprimorada.

– Não! Deus colocou-a nos meus braços. É a minha felicidade e também o meu tormento! Não vou entregá-la! Defenda-me! – disse, olhando para o Pastor Dimmesdale. – Era o meu Pastor e o responsável pela minha alma. Conhece o meu coração melhor do que qualquer pessoa nesta sala. Não vou deixar que me tirem a minha filha! Defenda-me!

O Pastor Dimmesdale ficou pálido e nervoso, pousando a mão no coração.

– É verdade o que ela diz. – confirmou o Pastor Dimmesdale, com uma voz trémula. – A criança foi-lhe dada por Deus. Esta relação entre mãe e filha é sagrada. Como a Mãe diz, a criança também é a sua tortura, pois Deus entregou-lha para a salvar das trevas do pecado.

– Falas com uma convicção estranha. – disse Roger, sorrindo.

– Mas com bons argumentos. Deixemos a criança viver com Mãe. – disse o Pastor Wilson, com a aprovação do Governador.

Pearl, até ao momento tida com uma pequena rebelde, dirigiu-se ao Pastor Wilson, agarrou-lhe na mão e encostou-a na sua cara.

– Psiu, psiu! – ouviu Hester, ao sair da mansão do Governador. Era Hibbins, a irmã e também a vergonha do Governador, que seria executada como bruxa, anos mais tarde.

– Vem connosco logo à noite! Vamos reunir-nos com o Homem das Trevas. Eu disse-lhe que te levava.

– Pede-lhe desculpas, mas não vou. Se tivessem ficado com Pearl, iria convosco de certeza e assinaria com o meu próprio sangue o livro do Homem das Trevas. Assim, vou para casa tomar conta da minha filha. – respondeu Hester com um sorriso triunfante.

– Em breve, estarás connosco. – disse a feiticeira, enquanto se afastava.

Confirmou-se, assim, o que o Pastor Dimmesdale dissera, Pearl salvaria Hester das trevas do pecado.



9. A SANGUESSUGA

Sabia-se pouco acerca de Roger Chillingworth, para além de ser um velho cansado, que tinha passado por perigos na floresta e que, ao chegar, fixou Hester no cadafalso na esperança de encontrar calor e alegria, algo que se assemelhasse a um lar. Apresentou-se como médico, dado que todos os conhecimentos adquiridos seriam benéficos, para a época, e escassos naquela comunidade. Existia apenas um cirurgião e Roger provou constituir uma mais-valia nesse grupo de profissionais. Desde cedo, manifestou a sua familiaridade com a medicina antiga. Enquanto estivera prisioneiro dos índios, adquirira diversos conhecimentos sobre as propriedades das ervas nativas e das raízes, não escondendo dos pacientes que considerava aquelas plantas dádivas da natureza selvagem, sendo de tanta confiança como os fármacos trazidos da Europa, que os médicos haviam estudado durante séculos.

Com o passar do tempo, Arthur Dimmesdale ficou cada vez mais frágil, pálido e bastante nervoso. Os amigos aconselharam-no a consultar o médico Roger e Arthur assim fez, tornando-se os dois bons companheiros. O médico sugeriu que, para um tratamento mais eficaz, deveriam morar juntos, pelo que foram acolhidos em casa de uma senhora viúva.

Havia quem afirmasse que a aparência de Roger Chillingworth tinha mudado desde que chegara à cidade, sobretudo a partir da altura em que partilhava a casa com Dimmesdale. Inicialmente, parecia um grande sábio, de expressão calma, mas agora transformara-se numa criatura feia e de aspecto terrível. Dizia-se que o fogo utilizado no seu laboratório vinha das trevas, pelo que as suas feições haviam ficado negras do fumo. Deste modo, começaram os rumores de que Arthur Dimmesdale estava a ser tentado por Satanás.



10. A SANGUESSUGA E O SEU PACIENTE

O velho Roger Chillingworth tinha iniciado uma investigação, procurando a verdade, uma necessidade que tomou posse dele, não o abandonando até ficar satisfeito. A sanguessuga escavava na intimidade do pobre Pastor como um mineiro à procura de ouro. O solo que este mineiro obscuro escavava talvez lhe desse indicações que o encorajassem.

– Este homem, – dizia a si mesmo. – puro e espiritual, como julgam que seja, herdou alguma natureza animal do pai ou da mãe. Vamos escavar mais nesta natureza!

Após uma longa pesquisa no íntimo do Pastor, Chillingworth voltava ao início, desanimado, e recomeçava a escavação noutra sentida. Arthur Dimmesdale estava vagamente consciente de que algo prejudicial à sua paz tinha sido impulsionado contra si. No entanto, quando o Pastor olhava para Roger via o médico gentil, atencioso e solidário, mas nunca um intruso. Dimmesdale poderia, talvez, perceber a intenção do médico, se a escuridão não tivesse tomado posse de si e se não suspeitasse de todos. Ao não confiar em ninguém como amigo, não conseguia reconhecer o inimigo quando este lhe aparecia.

Um dia, quando Roger estava a examinar as suas plantas medicinais, Dimmesdale perguntou-lhe:

– O que acha do meu estado de saúde? O tratamento tem resultado?

– Se me permite a franqueza, a sua doença deve-se a algo que importuna a sua alma. – respondeu o médico.

– Como?! Não me informaram de que a sua medicina tratava almas! – exclamou o Pastor, indignado. – Isso é o trabalho de Deus!



11. O INTERIOR DE UM CORAÇÃO

O médico achava que Dimmesdale escondia algum segredo que o deixava angustiado, mas que não confessava. Sentia-se confiante, pois acreditava que o Pastor estava prestes a cair na sua armadilha e, assim, poderia finalmente vingar-se. Para o médico, Dimmesdale quase confessara ao mostrar-se tão indignado, no momento em que lhe disse que a sua doença era espiritual.

As pessoas adoravam o Pastor Dimmesdale e veneravam os sermões que ele proferia do púlpito. Todavia, Arthur detestava esta adoração, pelo que, como forma de castigo pelo seu pecado, fazia jejum e chicoteava-se nas costas. Como não se alimentava, tinha alucinações e via os pais e os amigos que já haviam morrido. Via também Hester, acompanhada por Pearl, apontando para a letra “A” que a Mãe tinha no peito e, de seguida, para o peito do Pastor.



12. A NOITE DE INSÓNIA DO PASTOR

Uma noite, o Pastor, talvez sonâmbulo e consumido pela angústia, deslocou-se até ao cadafalso onde Hester fora julgada. Na cidade, todos dormiam, excepto o homem que o perseguia constantemente, e que já o tinha visto chicotear-se. O Pastor subiu para o cadafalso, onde Hester havia permanecido, desejando que todos os habitantes da cidade ali estivessem, para poder revelar-lhes a verdade. Sentia que todos viam a marca “A” no seu peito. Os seus pensamentos foram interrompidos por uma gargalhada de criança.

– Pearl! Pequena Pearl! – gritou Arthur, ao aperceber-se de que a gargalhada era de Pearl. – Hester? Estás aí? Que fazem aqui?

– Sim, estou! – respondeu Hester Prynne, surpreendida por ver o Pastor ali. – Fomos a casa do Governador Wally tirar as medidas para a roupa do seu funeral.

– Venham para aqui! Já aqui estiveram sem mim, mas agora permaneceremos aqui os três juntos! – disse o Pastor Dimmesdale.

Hester subiu silenciosamente os degraus do cadafalso, com Pearl pela mão. Ao chegar perto do Pastor, este agarrou-lhe na outra mão e na da pequena Pearl. Naquele momento, sentiu como se tivesse uma nova vida à sua frente, como se os três juntos formassem uma corrente eléctrica.

– Pastor! – sussurrou Pearl. – Pode ficar aqui connosco até amanhã ao meio-dia?

– Isso não, minha perolazinha! – respondeu Dimmesdale, ao imaginar todas aquelas pessoas a olhar para ele, vendo os três juntos. – Noutro dia!

– Mas quando? – insistiu a criança.

– No dia do júízo final, onde esta gente não nos verá. – sussurrou o Pastor.

Repentinamente, uma luz distante brilhou no céu, decerto causada por um meteoro, iluminando tanto a terra como o céu. Ali estava o Pastor, com a mão pousada no coração, Hester Prynne, com a letra bordada a cintilar-lhe no peito, e a pequena Pearl, ela própria um símbolo e o elo de ligação daqueles dois. O Pastor olhou para cima e pareceu-lhe ver uma enorme letra “A”.

Sob a claridade projectada pelo meteoro, Pearl apontou para Roger Chillingworth, que estava ali a olhar para os três.

– Conheces aquele homem, Hester? – perguntou Dimmesdale aterrorizado. – Atormenta-me constantemente!

Hester abanou a cabeça em sinal de negação, pois tinha prometido não revelar a ninguém que o conhecia. O médico aproximou-se e dirigiu-se a Dimmesdale.

– Meu bom Pastor! Será possível?! É você?! – perguntou Roger. – Passei toda a noite com o Governador Wally, tentando aliviar-lhe a dor. O que faz aqui?! Precisa de descansar. Venha para casa comigo.

– Está bem, eu vou. – obedeceu o Pastor. E foram.



13. A MUDANÇA DE HESTER

Pearl já tinha sete anos e a Mãe, com a letra vermelha reluzente ao peito, já se tinha tornado uma visão familiar entre a comunidade. Como Hester não interferia nos interesses individuais ou colectivos de ninguém, havia uma espécie de respeito geral por ela, partilhado pela população. Através de um processo silencioso, aos poucos, o ódio, transforma-se em amor. Hester Prynne nunca teve conflitos com as pessoas da colónia, submetendo-se às piores situações, sem nunca ter pedido mais do que a sua humilde forma de viver, a permissão para respirar o ar comum e levar para casa o pão de cada dia, para si e para a pequena Pearl, que obtivera mediante o seu trabalho honesto.

Não havia outra pessoa que mais partilhasse o pouco que tinha do que Hester. Quando os pobres lhe pediam algo, mesmo que aqueles que a ofendiam, Hester, em troca, dava-lhes da sua comida ou a roupa que costurava.

Quando a peste negra se abateu sobre a cidade, não existia ninguém mais dedicado do que Hester, a qual encontrava sempre uma forma de ajudar. Entrava em qualquer lar que se encontrasse na escuridão e precisasse do seu auxílio, e ali brilhava a letra bordada. O que noutro lugar seria um símbolo do pecado, ali era a vela num quarto de convalescença. Em casos de urgência, Hester mostrou-se afectuosa, uma fonte de ternura humana. O seu peito, com o símbolo da vergonha, era a almofada mais macia para quem precisasse. Chamavam-lhe a irmã da Misericórdia. Muitas pessoas recusavam-se a entender aquele “A” no seu significado original, diziam que o “A” era de Amável. Não procurava a gratidão daqueles que servia, nem sequer esperava um cumprimento na rua, pois quando passava pelas pessoas nem levantava a cabeça. Dia após dia, até as expressões rígidas e carrancudas dos governantes se transformaram em atitudes de generosidade. Intimamente, Hester começava a deixar de ver a letra vermelha como um símbolo do seu pecado, mas sim como um símbolo das suas boas acções realizadas desde a condenação.

Na mente de Hester ficara gravada a imagem angustiada do Pastor. Questionava-se se a dor que ele sentia, seria provocada por ela. Hester contribuía para o sofrimento do Pastor ao não revelar que Roger era o seu marido. Por seu turno, o médico, sabendo

o que o Pastor tinha feito, atormentava-o diariamente. Assim, Hester decidiu ir falar com o médico, na tentativa de aliviar a dor de Arthur. A ocasião propiciou-se numa tarde, em que viu o velho Chillingworth a colher plantas para os seus medicamentos.



14. HESTER E O MÉDICO

Hester não demorou muito a vê-lo, enquanto passeava com Pearl. Ao aproximar-se reparou como Roger tinha mudado. O homem que antes tinha o aspecto de um intelectual parecia agora um monstro.

– Gostava de falar contigo. – disse Hester. – Será que já não chega de torturares o pobre Pastor?

– Não! Não sou o mesmo de há nove anos atrás, quando nos casámos! Irei vingar-me! – exclamou o médico.

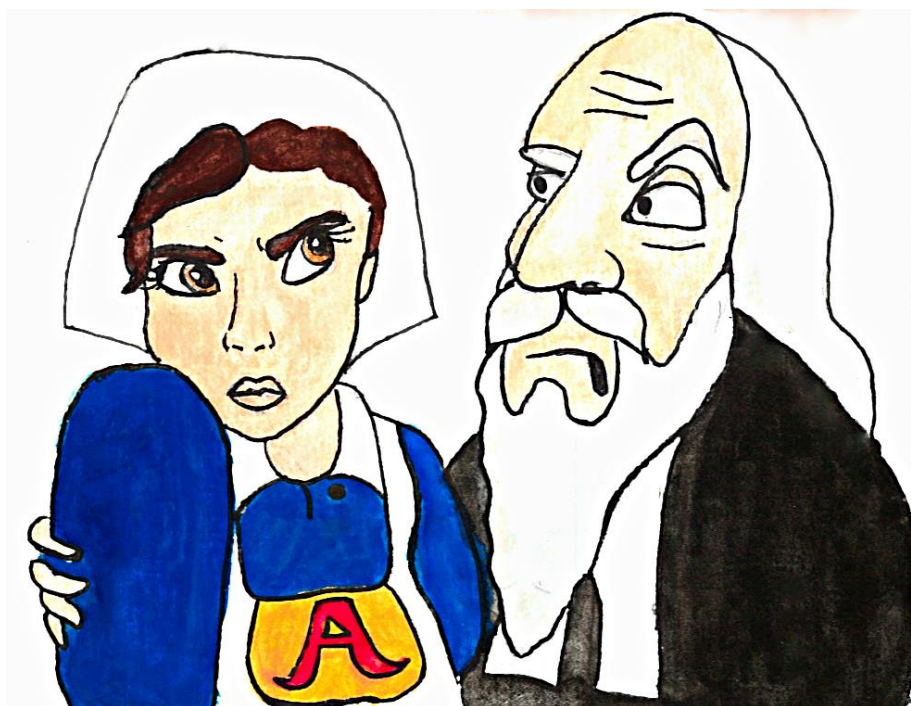
– Então, vinga-te em mim! Tanto eu como ele transformámos-te no monstro que és hoje. – suplicou Hester.

– Quanto a ti, basta a marca que tens no peito. – disse Roger.

– Vou revelar-lhe quem és! – ameaçou Hester.

– Tenho pena de ti, Hester, mas faz como quiseres. – disse Roger.

– E eu de ti, e do monstro em que te tornaste! – exclamou Hester, afastando-se.



15. HESTER E PEARL

Aquela velha e deformada figura despediu-se de Hester e continuou a recolher plantas. Hester olhou-o por momentos: será que abriria as asas de morcego e voaria, ficando cada vez mais feio até chegar ao céu?

– Seja pecado ou não, odeio aquele homem! – disse Hester, amargurada.

Hester recordava as poucas memórias que tinha do casamento com Roger, numa época em que o médico parecia um bom homem. Nesse momento procurou a filha, encontrando-a junto ao rio, com uma letra “A” ao peito, desenhada pela menina, com algas.

– Minha pequena Pearl! A letra “A” no teu peito não faz qualquer sentido. Sabes por que razão a Mãe carrega esta letra ao peito? – perguntou Hester.

– Sim! Pelo mesmo motivo que o Pastor põe a mão no coração! – respondeu Pearl.

– E qual é esse motivo? – perguntou Hester.

– Não sei. Porquê Mãe? – disse Pearl.

– Que tonta, Pearl! Porque haveria eu de saber a razão pela qual o Pastor põe a mão no peito? – disse Hester. – Eu uso esta letra porque tem fios dourados!

Em sete anos de vida, Hester nunca lhe tinha mentido sobre a letra, esta fora a primeira vez. Pearl parecia não ter ficado satisfeita com a resposta e continuou insistentemente a perguntar à Mãe porque usava a letra ao peito.



16. UM PASSEIO PELA FLORESTA

Hester tinha decidido revelar ao Pastor Arthur a verdadeira identidade do médico Roger, contando-lhe que era o seu ex-marido. Certo dia, Hester, sabendo que Dimmesdale iria passar pela floresta, pegou na pequena Pearl e foi ao seu encontro.

– Mãe, o Homem das Trevas marcou-te com a letra “A” no peito? – perguntou Pearl, no caminho.

– Onde ouviste isso? – perguntou Hester espantada.

– Uma senhora velha, na casa do Governador Wally. Ela achava que eu estava a dormir, mas não estava! – respondeu Pearl. – É verdade, Mãe?

– Se eu contar deixas-me em paz? – perguntou Hester. A pequena acenou com a cabeça afirmativamente. – Estive com o Homem das Trevas uma vez e ele fez-me esta marca!

Hester avistou o Pastor e pediu a Pearl para ir brincar para longe, para que pudesse falar com Arthur a sós.

– Aí vem o Pastor! – disse Pearl. – Vem com a mão no peito, quase como se escondesse uma letra igual à tua! Mas porque não a mostra, Mãe?

– Pearl, vai brincar, quando te chamar, vens. – disse Hester.



17. HESTER E O PASTOR

Hester e Arthur falaram sobre o tempo, assuntos banais e finalmente da questão que os afectava.

– Encontraste paz? – perguntou o Pastor.

Hester olhou para a letra no peito e olhou de novo para Arthur.

– E tu? – perguntou Hester.

– Eu não! Sinto uma angústia terrível face a tudo o que aconteceu! – respondeu Arthur.

– Tens de ter cuidado com quem julgas ser teu amigo. – disse Hester.

– O que queres dizer? Quem é que julgo ser meu amigo? – perguntou o Pastor.

– Arthur, perdoa-me! Oculte a identidade dele até perceber que isso provocava a tua angústia... Aquele a quem chamam Roger Chillingworth era o meu marido! – disse Hester.

– Ah! Não posso crer! Toda esta angústia e tu és a culpada! Não te posso perdoar! – exclamou o Pastor.

– Tens de perdoar! Deixa-me carregar com o castigo de usar esta letra, mas não o de não me perdoares! – disse Hester desesperada, abraçando-o com ternura.

– Eu perdoo-te Hester, e que Deus nos perdoe aos dois! Todavia, existe alguém mais pecador do que nós. O que fizemos não arruinou a santidade de um coração humano, como a vingança que aquele homem tem levado a cabo! – disse Arthur.

– Não! O que nós fizemos foi por amor, ambos o sentimos. – sussurrou Hester.

– Será que ele vai revelar o nosso segredo? – perguntou o Pastor.

– Penso que não, mas tem algo terrível planeado contra nós, com certeza. – disse Hester. – Não podes continuar a viver com ele.

Hester receava a presença constante de Roger, na vida de Arthur e, em lágrimas, pediu ao Pastor que voltasse para a Europa.

– Sozinho? Não seria capaz. – disse Arthur.

– Não precisas de ir sozinho. – disse Hester, sorrindo.



18. UM RAIOS DE SOL

Se Arthur Dimmesdale fraquejasse, que poderia ele dizer para atenuar o crime? Nada, a não ser que lhe servisse de algo o facto de ter passado tanto tempo em sofrimento, encontrando-se a sua mente obscura e confusa pelo próprio remorso. Dimmesdale decidiu fugir e não iria sozinho. Pensava para si que se nenhum momento de paz ou esperança havia surgido nos últimos sete anos, porque não procurar o consolo típico de um criminoso antes da execução? Uma vida melhor, com Hester, pois não conseguia viver sem ela! Que poderosa mulher e tão amável a consolar! Será que alguma vez me poderá perdoar?

– Vais partir! – disse Hester, tranquila, quando Arthur olhou para ela.

A decisão estava tomada. Um brilho cintilou sobre o peito do Pastor. Sentia-se como um prisioneiro libertado da prisão, podendo, finalmente, respirar o ar livre.

– Sinto alegria novamente! – exclamou o Pastor. – Pensava que este sentimento já estava morto em mim!

– Não olhemos para trás! Não vale a pena viver no passado. Apago-o, como a esta letra, como se nunca tivesse existido! – disse Hester, arrancando a letra “A” do peito e atirando-a para longe.

Ao deitar fora a letra, Hester soltou um longo suspiro, sentiu um alívio enorme, como se tivesse ficado livre da vergonha.

Hester sorriu e chamou Pearl, que parecia quase uma miragem, de roupas reluzentes, sob um raio de Sol que incidia sobre ela por entre os ramos. O raio de luz tanto aparecia como desaparecia, de uma forma quase fantasmagórica, fazendo com que a sua figura tanto ficasse obscurecida como à vista, ora parecia uma criança real, ora um espírito, à medida que a luz ia e vinha. Ouviu a voz da Mãe e foi-se aproximando.



19. A MENINA NO OUTRO LADO DO RIO

– Tens que conhecer melhor a nossa pequena Pearl! Irás amá-la como eu a amo.
– disse Hester, antes de chamar Pearl. A menina, que brincava do outro lado do ribeiro, olhou para a Mãe, mas recusou-se a ir até ela.

– Pearl, sua menina desobediente! Vem cá. – chamou Hester, novamente.

A menina abanou a cabeça em sinal de negação. Começou a esbracejar e a soltar gritos estridentes e, por fim, apontou para o peito da Mãe. Hester apercebeu-se de que lhe faltava a letra no peito e enquanto não a voltasse a colocar, Pearl não iria obedecer-lhe. Desde que nascera, Pearl via sempre aquela letra no peito da Mãe. Sem ela, não seria a Mãe que conhecia, pelo que Hester voltou a pôr a letra no peito e, com ela, a dor que carregava. Só assim Pearl acedeu voltar para junto de Hester.

– Agora sim, és a minha Mãe e eu sou a tua pequena Pearl! – disse ela.

– Porque está ali o Pastor? – perguntou Pearl.

– Está à tua espera para te dizer olá. – respondeu a mãe. – Anda! Ele ama-te, Pearl, e também ama a mamã. Vais amá-lo?

– Ele ama-nos? – perguntou Pearl. – Vai connosco para cidade de mãos dadas?

– Não, ainda não, minha filha. – explicou Hester. – Um dia, no futuro. Vamos ter uma casa, irás sentar-te ao colo dele e ele vai amar-te muito.

Pearl estava apreensiva e só quando a Mãe a puxou com força é que conseguiu trazê-la até ao Pastor. Este debruçou-se e beijou a testa da pequena Pearl, mas ela desprendeceu-se da Mãe, foi a correr em direcção ao rio, limpou o beijo com a água e ali ficou em silêncio. Hester e Dimmesdale voltaram a conversar sobre os planos futuros.



20. O PASTOR NO LABIRINTO

Dimmesdale caminhou para casa, feliz por saber que iria finalmente partir daquela terra. Sentia-se um novo homem! Quando decidiu partir com Hester e Pearl deixou o velho Arthur na floresta. Enquanto estava absorto nos seus pensamentos ouviu repetidas batidas na porta do seu gabinete.

– Entra! – disse o Pastor, não tendo ideia de que iria surgir à sua frente um espírito malvado. Mas era verdade! Roger Chillingworth entrou no seu gabinete.

– Bem-vindo ao lar, senhor Pastor! Estás pálido, como se o caminho tivesse sido duro. Não é melhor ajudar-te a recuperar o ânimo e a energia de que precisas?

– Não, não. – disse Dimmesdale. – A caminhada fez-me bem. Não vou precisar mais dos teus remédios, mesmo que venham de uma mão amiga.

Roger tinha consciência de que, aos olhos do Pastor, já não era um amigo fiel, mas sim um inimigo cruel.

Olharam-se durante uns momentos, em silêncio.

– Não queres os meus medicamentos só por esta noite? – perguntou Roger, interrompendo o silêncio. – Tens de estar em condições para o sermão de amanhã. O povo acha que para o ano já cá não estás.

– Sim, estou de partida para outro mundo. – respondeu o Pastor. – Espero que seja um mundo melhor, pois não sou capaz de continuar com os sermões até ao próximo ano. Não preciso dos teus remédios, o meu corpo está bem.

– Fico feliz por ouvir isso. – disse Roger.

– Agradeço-te, meu amigo observador. – disse Dimmesdale.



21. O DIA FERIADO NA NOVA INGLATERRA

No dia do feriado, Hester e Pearl estavam na praça, já lotada de pessoas, entre elas figuras com roupas de pele de veado que deveriam ser habitantes da floresta, nos arredores da colónia.

– Olha Mãe! Tantas pessoas, índios e marinheiros! O que estão todos aqui a fazer? – perguntou Pearl à Mãe.

– Estão à espera para ver o cortejo passar. – respondeu Hester.

– O Pastor também vem? – perguntou Pearl. – E vai estender os braços para mim como naquele dia ao pé do rio?

– Vem sim, mas ele não vem ter contigo e tu não deves ir ter com ele. – disse Hester.

– Que homem estranho. À noite quer que nos juntemos a ele no cadafalso, na floresta, onde ninguém nos pode ver, conversa contigo e beija-me a testa, mas aqui, à luz do dia, no meio das pessoas, é como se não nos conhecesse! – disse Pearl indignada.

– Chega Pearl! – disse Hester. – Olha à tua volta e vê como as pessoas estão felizes. As crianças não foram à escola para estarem aqui e os adultos não foram trabalhar, porque hoje um novo homem vai governá-los. Assim é a tradição, festejar.

Os puritanos tinham aquele período de festividades, assim foi e continuou a ser nos dois séculos seguintes. Abandonavam as expressões severas neste único feriado, parecendo mais brandos do que os membros de outras comunidades em tempos de sofrimento.

Hester também se sentia uma pessoa diferente. Depois de ter de suportar os olhares da população durante sete miseráveis anos, como castigo, agora tentava transformar aquela agonia numa vitória. No dia seguinte, Hester foi ao mercado e o capitão do barco, assim que a viu, foi ter com ela.

– Hester! Irei reservar mais um lugar para além dos que pediu. – disse o capitão.
– Não se preocupe com a viagem! Com o Pastor e, agora, na companhia do médico não terá de se preocupar!

– Médico?! – disse Hester, espantada.

– Sim, aquele médico que ali está. – disse, apontando para Roger. – Roger Chillingworth também virá conosco. Deve conhecê-lo, pois ele disse que vocês viajarão em grupo.

Nesse momento, Hester olhou para Roger e ele olhou de volta, sorrindo.



22. O CORTEJO

O som da música, sinal de que o desfile dos magistrados e da população ia começar, interrompeu os pensamentos de Hester. O cortejo começou em marcha lenta, dobrando a esquina e atravessando a praça. A música era tocada por uma série de instrumentos, como tambores e clarins. O Sol cintilou nas armas e nas armaduras da companhia militar, que marchava atrás da banda. Desfilavam em trajes de aço polido, com penachos curvados sobre os capacetes resplandecentes, com uma magnificência que não se encontrava em qualquer outro cortejo. As autoridades civis, figuras arrogantes e majestosas, vinham atrás da companhia militar. Em seguida vinha o grupo de magistrados, que mostravam confiança e coragem. No meio da multidão encontrava-se a bruxa Hibbins que logo se dirigiu a Hester.

– Que fazias na floresta com aquele homem? – perguntou a bruxa a Hester, apontando para o Pastor.

– Não sei do que a senhora está a falar. – disse Hester.

– Oh, Hester, conheço tão bem a floresta! Achas que não sei quem lá esteve? Sei bem o pecado que carregas e também o do Pastor. – disse a bruxa Hibbins.

Durante o sermão de Arthur, Pearl brincava um pouco afastada da Mãe. O capitão do barco, que iria levá-las para a Europa, chamou Pearl.

– Podes dar um recado à tua mãe, pequena? – perguntou o capitão. – Diz-lhe que o médico levará o Pastor até ao barco, ela que se preocupe apenas com ela e contigo.

– Está bem. – disse Pearl. Foi ter com a Mãe e sussurrou-lhe ao ouvido o recado do capitão.



23. A REVELAÇÃO DA LETRA VERMELHA

Quando o Pastor terminou o sermão, virou-se para o cadafalso.

– Hester! Pearl, minha pequena! – chamou o Pastor, com um olhar estranho. – Venham aqui!

Pearl, de imediato, correu até ele.

– Louco! Pára! Larga essa criança! – gritou Roger, correndo em direcção de Arthur para tentar impedi-lo do que estava prestes a fazer. – Não manches a tua reputação!

– Ah, tentação! Chegaste tarde demais. – respondeu Arthur, andando para o cadafalso. – Anda Hester, vamos para o cadafalso.

Hester agarrou em Pearl e foi ao encontro de Arthur. Roger foi logo atrás como se estivesse intimamente ligado àquele drama.

– Povo da Nova Inglaterra! – gritou o Pastor para a multidão. – Vós que me têm amado! Vós, que por tão bom homem me têm! Aqui estou, finalmente, onde deveria ter estado há sete anos! Todos estes anos passados causaram sofrimento a Hester pelos olhares que lançaram à letra “A” que traz ao peito. Porém, há outro pecador, que por ter andado escondido, merece castigo maior! Ele também traz a marca, mas não é visível aos vossos olhos. Deus sabe o que faz, Ele é piedoso! Provou ser misericordioso nas minhas angústias e provocou esta chama que me queima o peito! Foi misericordioso ao enviar esse velho vil para me torturar e ao trazer-me até aqui para morrer à frente de todos vós. Louvado seja o Seu nome! Seja feita a Sua vontade! Adeus!

Ao dizer isto, o Pastor arrancou a camisa, expôs à população uma letra “A” marcada no seu peito e caiu sobre o cadafalso, morto.



24. CONCLUSÃO

Após vários esforços pelo bem espiritual da humanidade, Arthur transformou a sua própria morte numa verdade moral ou espiritual, de modo a ensinar aos seus fiéis a lição poderosa de que somos todos iguais e pecadores perante a Infinita Pureza. O mais santo entre nós, apenas consegue ficar mais acima para diferenciar com mais clareza a Misericórdia, que nos mira do alto, e condenar a ilusão da virtude humana que deseja a elevação. Entre as várias conclusões morais da infeliz experiência do pobre Pastor, esta é fundamental: “Sê honesto, sê honesto!”.

Em relação aos seres sombrios, como Roger Chillingworth, está-lhes reservada a misericórdia. O amor e o ódio podem ser a mesma coisa. Talvez o médico e o pastor tenham encontrado algum ódio, mas também algum amor.

O médico, que tinha dedicado os últimos sete anos da sua vida à vingança contra Arthur, ficou completamente abatido após a sua morte. Sentiu que já não tinha mais motivo para viver e acabou por morrer, nesse ano. Deixou de herança muitos bens, tanto na América como em Inglaterra, para Pearl, tornando-a a mulher mais rica de Nova Inglaterra, o que, como seria de esperar, impulsionou a mudança da opinião pública sobre ela.

Após a morte do médico, Hester e Pearl partiram daquela cidade. Anos mais tarde, Hester voltou a Nova Inglaterra, pois sentiu que era ali o seu lugar, ali onde fora castigada e obrigada a carregar a letra “A”, que nunca tirara. Sabia-se que Pearl estava casada e feliz, mas nunca voltou a Nova Inglaterra. Muitas raparigas batiam à porta de Hester para pedir conselhos sobre desgostos amorosos.

A história da letra vermelha tornou-se lenda.

Passados muitos e muitos anos, ao lado de uma muito mais antiga sepultura, uma outra foi cavada. Numa lápide que chegava para ambas lia-se:

“NUM TERRENO SOMBRIO, A LETRA A, VERMELHA”



2. Comentário

Dado que se trata de um texto direccionado a um público infanto-juvenil, a linguagem foi muito simplificada. Pelo mesmo motivo, omitiram-se várias partes do texto de partida para tornar o texto de chegada mais curto e, portanto, mais apelativo para leitores mais jovens. O exemplo porventura mais evidente diz respeito à total eliminação da introdução à obra, intitulada, no texto de partida, “The Custom-House – Introductory”, utilizando-se, assim, uma estratégia pragmática: a modificação da informação através da omissão. A razão desta opção prende-se com o facto de este capítulo introdutório não conter informação estritamente necessária para a compreensão do enredo por parte do público infanto-juvenil, pois relata a forma como o narrador encontrou a letra “A” vermelha e bordada, numa das encomendas, quando trabalhava na alfândega, deparando-se com um documento que explicava a história de Hester Prynne. Tanto o documento como a letra teriam ficado em sua posse. Trata-se, portanto, de um artifício literário (“o manuscrito encontrado”) que visa conferir veracidade aos acontecimentos narrados, mas que se torna dispensável para um público infanto-juvenil.

No respeitante ao título, “The Scarlet Letter”, em vez de se optar por uma tradução literal (uma estratégia sintáctica), “A Letra Escarlate”, optou-se por uma estratégia semântica de sinonímia, dando origem ao título “A Letra Vermelha”. Curiosamente, o brasileiro Rodrigo Espinosa Cabral, na sua adaptação para um público infantil, optou por uma tradução literal do título – *A Letra de Escarlate* (2011) – enquanto Fernando Pessoa, em 1988, preferiu *A Letra Encarnada*, optando por uma estratégia de tradução também semântica, de sinonímia. A primeira hipótese foi descartada, dado que se trata de uma cor menos conhecida entre o público infantil. Como o escarlate deriva do vermelho, cor bem conhecida entre os leitores mais jovens, optou-se pelo vermelho, tornando, assim, a cor que caracteriza a letra, mais facilmente identificável. Embora a cor encarnada tenha sido a escolhida por Pessoa, encontra-se mais afastada da linguagem coloquial, usada por crianças, as quais tendem a preferir o “vermelho” em detrimento do “encarnado”.

Quanto aos nomes próprios, optou-se por uma estratégia sintáctica de empréstimo. Em *The Encyclopaedia of Translation Studies* (2009), Mona Baker e Gabriela Saldanha, na entrada “Children’s Literature”, introduzem uma referência à obra *Children’s Fiction*

in the Hand of Translators, (32) de Klingberg, a propósito do do conceito de “adaptação cultural do contexto”. Assim, se, por um lado, se reconhece a necessidade de, por vezes, traduzir os nomes estrangeiros, por outro, destaca-se também a importância em conservar a integridade literária do texto de partida, não os traduzindo. (1986, 17)

Na tradução e adaptação da obra de Hawthorne, na qual existem vários nomes próprios e apelidos em inglês, adoptou-se a estratégia de empréstimo, mantendo-se tanto os nomes próprios, como “Hester” e “Roger”, como os apelidos (embora complexos) como “Chillingworth” e “Dimmesdale”, bem como o nome da cidade, “Boston”, em inglês com o objectivo de promover o encontro do público infanto-juvenil com a alteridade, com outro contexto histórico e sociocultural, nomeadamente com a importância do pensamento puritano nos actuais Estados Unidos da América, associável, na adaptação em causa, ao facciocismo religioso da actualidade.

Uma vez explicadas as estratégias gerais (ou macro) usadas ao longo da obra, passar-se-á de seguida à análise das estratégias mais específicas (ou micro) usadas em cada capítulo, seguindo-se, de um modo geral, a ordem dos capítulos. Tentar-se-á explicar e justificar as opções tomadas, estabelecendo, sempre que a propósito, comparações com as traduções já existentes: a de Fernando Pessoa, *A Letra Encarnada* (1988), ainda que destinada a adultos, e a de Rodrigo Espinosa Cabral, *A Letra de Escarlata* (2011).

No capítulo 1, a frase “A throng of bearded men in sad-colored garments and gray, steeple-crowned hats, intermixed with women, some wearing wools, and others bareheaded”, (49)¹² foi traduzida por “Um grupo de homens de barba com roupas de cores tristes e chapéus de torre, misturados entre mulheres, algumas de touca, outras de cabeça destapada”. Devido à extensão da frase, ao elevado número de adjectivos e à existência de várias palavras compostas, o segmento “sad-colored garments and gray, steeple-crowned hats” foi apenas traduzido por “roupas de cores tristes e chapéus de torre”, adoptando-se uma estratégia pragmática, a modificação da informação, através da redução do texto de chegada. Embora Rodrigo Espinosa de Cabral tivesse optado por “com roupas de cores tristes e cinzentas”, utilizando uma tradução literal, considerou-se que “sad-colored” já aponta, implicitamente, para a cor cinzenta (“gray”), pelo que este

¹² Cf. Anexo, p. 99 do presente trabalho.

adjectivo se tornava dispensável. Para a tradução de “steeple-crowned hats”, empregou-se a mesma estratégia, eliminando-se a palavra “crowned”, desnecessária para a compreensão do tipo de chapéus. No segmento “some wearing woods, and others bareheaded”, traduzido por “algumas de touca, outras de cabeça destapada”, removeu-se o verbo “wearing”, utilizando-se, mais uma vez, a estratégia de modificação da informação, via redução da frase, para simplificar a descrição. Na época em que decorre a acção do romance, 1640, os trajes dos membros das comunidades puritanas da América do Norte eram bastante rígidos, sendo a touca um elemento definidor do vestuário feminino e do carácter virtuoso da mulher.

No capítulo 2, a frase “the grim rigidity that petrified the bearded physiognomies of these good people would have augured some awful business in hand”, (51)¹³ foi traduzida por “As suas barbudas expressões eram severas, como se algo de terrível estivesse prestes a acontecer”, optando-se por uma conjugação de três tipos de estratégias: a sintáctica, através da alteração da estrutura frásica, a semântica, mediante a sinonímia, e a pragmática, tanto no respeitante ao filtro cultural (adaptação) como à modificação da informação, através da redução. Assim, no segmento “grim rigidity that petrified the bearded physiognomies of these good people”, a dupla adjectivação (“grim rigidity”) foi traduzida apenas por “severas”, para caracterizar as expressões faciais do grupo de homens de barba. Aplicou-se, assim, a estratégia pragmática de mudança de informação, reduzindo a extensão do texto, ao eliminar, não só os dois adjectivos acima referidos, mas também o final da frase. Ainda neste segmento, utilizou-se a estratégia sintáctica de mudança de estrutura frásica, pois, enquanto no texto de partida a palavra “physiognomies” se encontra no final do segmento, no texto de chegada passou para o início (“As suas expressões”). Assim, de uma forma simples, descreveu-se a severidade que transparecia nas feições das pessoas.

No último segmento, “would have augured some awful business in hand”, utilizou-se a estratégia pragmática, no respeitante ao filtro cultural (adaptação), traduzindo-se por “como se algo de terrível estivesse prestes a acontecer.” Enquanto uma tradução literal deste último segmento seria “teriam previsto algum negócio terrível em mãos”, algo que não faria sentido no texto de chegada, a opção tomada criou um ambiente de suspense bastante adequado ao público leitor-alvo.

¹³ Cf. Anexo, p. 100 do presente trabalho.

Ainda no capítulo 2, a frase “It could have betokened nothing short of the anticipated execution of some noted culprit, on whom the sentence of legal tribunal had but confirmed the verdict of public sentiment” (51)¹³ foi traduzida por “Podia ser a execução de um criminoso, cuja condenação dependeria da opinião pública”, optando-se por uma paráfrase. Como se afigurou útil e instrutivo manter algumas referências ao puritanismo, na tradução desta frase teve-se em conta o facto de, nas comunidades puritanas, a opinião pública ser decisiva para a condenação de um criminoso. Ao utilizar uma paráfrase, retirou-se alguma informação existente no texto de partida, apresentando-se uma versão a um tempo mais condensada e mais explícita.

Na página 53 do texto de partida, entre “(...) whether in respect to its purport or its volume of tone” e ““Goodwives,””¹⁴ introduziu-se, na tradução, a seguinte frase: “Neste grupo estavam reunidas mulheres que conversavam”. Optou-se por uma estratégia pragmática de mudança de informação (adição), com o objectivo de descrever o cenário ao público-alvo, de modo a facilitar a apreensão da informação textual.

A frase ““Ah but’, interposed, more softly, a young wife, holding a child by the hand, ‘let her cover the mark as she will, the pang of it will be always in her heart”” (54)¹⁵ foi traduzida por “Ah, mas, por mais que esconda, a pior dor estará sempre marcada no seu coração. – disse outra mulher mais meiga”. Neste caso, adoptaram-se três estratégias: uma sintáctica, a alteração da estrutura frásica; outra semântica, a paráfrase; e uma pragmática, de mudança de informação, mediante a omissão. De facto, na tradução deste discurso directo afigurou-se essencial manter o contraste relativamente ao registo de linguagem dos participantes. Depois do tom áspero usado pela primeira mulher, verifica-se, por parte da segunda interlocutora, a utilização de um tom mais brando, aludindo, implicitamente, à dor de Hester. Assim, na tradução deste diálogo, adoptou-se, desde logo, uma estratégia sintáctica de alteração da estrutura frásica, mediante a qual o segmento “interposed, more softly, a young wife”, no texto de partida, surge no final no texto de chegada: “disse outra mulher mais meiga”. Com o objectivo de encurtar o discurso, recorreu-se também à estratégia pragmática de

¹⁴ Cf. Anexo, p. 101 do presente trabalho.

¹⁵ Cf. Anexo, p. 102 do presente trabalho.

mudança de informação, mediante a omissão do segmento “holding a child by the hand”. Esta omissão não prejudicou o texto de chegada, dado que não se trata de uma informação indispensável. No segmento final da frase, “let her cover the mark as she will, the pang of it will be always in her heart”, utilizou-se uma estratégia semântica, a paráfrase, extraindo a informação necessária e transformando o segmento numa frase mais perceptível ao público-alvo, mediante a seguinte tradução: “por mais que esconda, a pior dor estará sempre marcada no seu coração.” Do mesmo modo, no excerto “As is apt to be the case when a person stands out in any prominence before the community, and, at the same time, interferes neither with public nor individual interests and convenience, a species of general regard had ultimately grown up in reference to Hester Prynne”, (166) no capítulo 13 do texto de partida,¹⁶ foi aplicada a estratégias pragmática de mudança de informação (omissão) e a estratégia semântica da paráfrase, traduzindo-se por “havia uma espécie de respeito geral por parte dos habitantes da cidade”, precisamente pelos mesmos motivos atrás evocados.

Também no capítulo 17, o segmento “about the gloomy sky, the threatening storm, and, next, the health of each” (197)¹⁷ foi traduzido por “sobre o tempo, assuntos banais.” Falar sobre o tempo constitui uma versão muito mais familiar à cultura de chegada do que a tradução literal “sobre o céu escuro”.

Do mesmo modo, no capítulo 20, o segmento “I joy to hear it” (233)¹⁸ foi traduzido por “– Fico feliz por ouvir isso.” Pelo mesmo motivo, não se optou por uma tradução literal e sim por uma paráfrase.

No capítulo 2, o excerto “‘What do we talk of marks and brands, whether on the bodice of her gown or the flesh of her forehead?’ cried another female, the ugliest as well as the most pitiless of these sel-constituted judges. ‘This woman has brought shame upon us all, and ought to die; Is there not law for it? Truly there is, both in the Scripture and the statute-book, Then let the magistrates, who have made it of no effect, thank themselves if their own wives and daughters go astray” (53/54)¹⁹ foi traduzido apenas por “Porque falamos em marcas no vestido e na testa? – perguntou a mais

¹⁶ Cf. Anexo, p. 121 do presente trabalho.

¹⁷ Cf. Anexo, p. 127 do presente trabalho.

¹⁸ Cf. Anexo, p. 132 do presente trabalho.

¹⁹ Cf. Anexo, p. 103 do presente trabalho.

impiedosa. – Esta mulher é uma vergonha para todas nós, devia morrer!”, adoptando-se uma estratégia pragmática de mudança de informação, mediante a omissão. Trata-se de uma fala algo complexa, em termos de linguagem, pelo que se optou por omitir alguns segmentos da mesma: “whether on the bodice of her gown”, “the ugliest as well as the most pitiless of these sel-constituted judge” e “Truly there is, both in the Scripture and the statute-effect, thank themselves if their own wives and daughters go astray!”

Ainda no capítulo 2, o excerto, “‘Mercy on us, goodwife’ exclaimed a man in the crowd, ‘is there no virtue in woman, save what springs from a wholesome fear of the gallows? That is the hardest word yet! Hush now, gossips for the lock is turning in the prison-door, and here comes Mistress Prynne herself’”¹¹¹⁹ foi traduzido por “– Tenha misericórdia mulher! – gritou um homem, entre a multidão. – Que palavras tão duras! Agora, silêncio, que vem aí a Hester Prynne!”, adoptando-se duas estratégias em simultâneo: uma pragmática, relativa à mudança de informação mediante a omissão, e outra semântica, a paráfrase, com o objectivo de transmitir a mensagem de uma forma perceptível, directa e breve.

A expressão “Mercy on us”, traduzida por “tenha misericórdia”, manteve-se a fim de destacar o tom brando do homem, em comparação com os restantes membros da multidão. A omissão da pergunta “is there no virtue in woman, save what springs from a wholesome fear of the gallows?”, deveu-se ao facto de se tratar de um segmento complexo e dispensável à compreensão do diálogo. Com o objectivo de atenuar a complexidade do segmento “Hush now, gossips for the lock is turning in the prison-door, and here comes Mistress Prynne herself”, utilizou-se a estratégia semântica da paráfrase, que resultou na seguinte frase: “Agora, silêncio, que vem aí a Hester Prynne!”

O excerto “it seemed to be her first impulse to clasp the infant closely to her bosom; not so much by an impulse of motherly affection, as that she might thereby conceal a certain token, which was wrought or fastened into her dress. In a moment, however, wisely judging that one token of her shame would but poorly serve to hide another, she took the baby on her arm, and with a burning blush, and yet a haughty smile, and a glance that would not be abashed, looked around at her townspeople and

neighbours”²⁰ foi traduzido por “Por impulso, a mulher tapou o ‘A’ que trazia ao peito, com o bebê. Apercebendo-se de que estava a esconder uma vergonha com outra, deixou a letra à vista de todos. Sorriu e enfrentou a multidão com o olhar”, adotando-se uma estratégica semântica, a paráfrase.

A força de Hester afigura-se algo fundamental na adaptação desta novela. Da longa descrição no texto de partida, destaca-se a importância do momento em que Hester sente necessidade de cobrir a letra por vergonha para, depois, se aperceber de que estaria a esconder a vergonha da letra com outra vergonha, o fruto do seu pecado ao colo. Assim, Hester, com a coragem que a caracteriza, tira o bebê da frente da letra, deixando-a exposta aos olhos de todos e enfrentando a multidão com um sorriso. O verbo “enfrentar” não se encontra no texto de partida, no entanto subentende-se na frase “a glance that would not be abashed”. Esta opção reduz a extensão do texto de partida, mas mantém o sentido original. A informação considerada fundamental foi condensada no texto de chegada, utilizando-se a paráfrase.

O excerto “‘She hath good skill at her needle, that’s certain,’ remarked one of her female spectators; ‘but did ever a woman, before this brazen hussy, contrive such a way of showing it? Why, gossips, what is it but to laugh in the faces of our godly magistrates, and make a pride out of what they, worthy gentlemen, meant for a punishment?’” (56)²¹ foi traduzido por “ – Ela é boa na costura, isso é verdade. – disse uma mulher na multidão. – Mas mostrar a letra desta forma descarada?! Que ousadia! Devíamos arrancar-lhe aquelas roupas e trocá-las por trapos!” adotando-se novamente duas estratégias tradutórias em simultâneo: a semântica, mediante a paráfrase, e a pragmática, através da mudança de informação, no caso a adição. O objectivo residiu em eliminar a complexidade do texto e passar a informação, através de um vocabulário mais jovial e não arcaico, adicionando-se a expressão “Que ousadia!”, para tornar o texto culturalmente mais familiar ao público-alvo.

O reconhecimento de Hester, por parte da população, como boa costureira tornou-se evidente quando ela surgiu pela primeira vez no cadafalso. A fala citada inicia-se de forma soberana e termina de forma rispída. “‘She hath good skill at her

²⁰ Cf. Anexo, p. 104 do presente trabalho.

²¹ Cf. Anexo, p. 105 do presente trabalho.

needle, that's certain” patenteia um registo delicado, em relação ao qual uma tradução literal não faria sentido para o público infante-juvenil, dado que, por exemplo, “hath” é o presente da terceira pessoa do singular do verbo “to have”, cuja tradução literal (“Ela tem boa competência na costura”) não seria tão perceptível ao público. Deste modo, optou-se por uma paráfrase, utilizando palavras diferentes, mas mantendo o sentido original. De igual forma, uma tradução literal de “but did ever a woman, before this brazen hussy, contrive such a way of showing it? Why, gossips, what is it but to laugh in the faces of our godly magistrates, and make a pride out of what they, worthy gentlemen, meant for a punishment?” não se adequaria ao público leitor alvo, pois as frases são demasiado longas. Como o essencial reside em manter a intenção de demonstrar a indignação por parte desta interveniente, como reacção ao facto de Hester expôr a letra, optou-se por traduzir, “Mas mostrar a letra desta forma descarada? Que ousadia! Rir-se na cara dos juízes e fazer de um símbolo de orgulho, quando este era destinado ao de vergonha?”. Adicionou-se, assim, a expressão exclamativa “Que ousadia!”, com a finalidade de expressar a atitude contestatária da mulher e, ao mesmo tempo, facilitar a leitura por parte do público-alvo. Acrescentou-se também o vocábulo “símbolo”, que não se encontra no texto de partida, pois sem esta palavra não se compreenderia bem o significado da mensagem.

O passo “‘It were well,’ muttered the most iron-visaged of the old dames, ‘if we stripped Madame Hester’s rich gown off her dainty shoulders; and as for the red letter which she hath stitched so curiously, I’ll bestow a rag of mine own rheumatic flannel to make a fitter one!’” foi traduzido por “Devíamos arrancar-lhe aquelas roupas e trocá-las por trapos!”, adoptando-se estratégias pragmáticas de mudança informação, mediante a omissão, e de mudança de estrutura frásica, com o objectivo de retirar a informação dispensável, de forma a tornar o texto mais curto. O recurso à mudança da estrutura da frase deve-se ao facto de, deste modo, se tornar mais legível ao jovem leitor, pois uma tradução literal poderia confundi-lo.

Na tradução e adaptação para o público leitor infante-juvenil torna-se fundamental preservar a atitude da população face a Hester, destacando-se o papel activo desempenhado pelos membros de uma comunidade puritana. Assim, manteve-se o segmento “if we stripped Madame Hester’s rich gown off her dainty shoulders; and as for the red letter which she hath stitched so curiously”.

No capítulo 3, o excerto “From this intense consciousness of being the object of severe and universal observation, the wearer of the scarlet letter was at length relieved, by discerning, on the outskirts of the crowd, a figure which irresistibly took possession of her thoughts. An Indian in his native garb was standing there; but the red men were not so infrequent visitors of the English settlements that one of them would have attracted any notice from Hester Prynne at such a time; much less would he have excluded all other objects and ideas from her mind. By the Indian’s side, and evidently sustaining a companionship with him, stood a white man, clad in a strange disarray of civilized and savage costume”(62)²² foi traduzido apenas por “Ao olhar para a multidão, Hester reparou num índio”, utilizando-se uma estratégia pragmática de mudança de informação, a omissão, a par de uma estratégia semântica, a paráfrase.

Recorde-se que este capítulo se inicia com o reconhecimento de Roger Chillingworth por Hester. Assim, com o objetivo de adequar o excerto ao leitor infanto-juvenil, recorreu-se à estratégia pragmática de mudança de informação, mantendo-se apenas “From this intense consciousness of being the object of severe and universal observation, the wearer of the scarlet letter was at length relieved, by discerning, on the outskirts of the crowd, a figure which irresistibly took possession of her thoughts” e omitindo-se tudo o resto. Aqui interessava apenas manter o momento em que a protagonista reconhece o seu ex-marido, avistando-o de forma breve.

O segmento “outskirts of the crowd, a figure which irresistibly took possession of her thoughts” foi traduzido por “Ao olhar para a multidão, Hester reparou num índio” (“By the Indian’s side”), utilizando-se uma paráfrase, ao traduzir o conteúdo desta frase por outras palavras, mais uma vez, com a finalidade de tornar o texto mais perceptível ao jovem leitor.

O segmento “He was small in stature, with a furrowed visage, which as yet could hardly be termed aged” foi traduzido por “o homem baixo, de cabelo grisalho”, utilizando-se uma estratégia pragmática de mudança de informação, via omissão, e duas estratégias semânticas, nomeadamente a paráfrase e o eufemismo. A aplicação da primeira estratégia verifica-se na descrição do marido de Hester, excluindo o segmento “with a furrowed visage”, dado que não veicula informação fulcral ao entendimento da frase, tornando o parágrafo mais breve. A paráfrase ocorre com a adaptação para “o

²² Cf. Anexo, p. 106 do presente trabalho.

homem baixo, de cabelo grisalho”, destacando-se o eufemismo, para que se subentendesse que se tratava de um homem de idade, sem recorrer ao vocabulário complexo do texto de partida, para uma melhor percepção da descrição do ex-marido de Hester.

Também do capítulo 3, o segmento “she pressed her infant to her bosom with so convulsive a force that the poor babe uttered another cry of pain” (62)²³ foi traduzido por “Quando viu aquele homem, ficou aterrorizada e apertou o bebé contra o peito, fazendo-o chorar”, utilizando-se uma estratégia pragmática de mudança de grau de explicitação, bem como uma estratégia semântica, a paráfrase.

De facto, a expressão “ficou aterrorizada” não se encontra no texto de partida. No entanto, através da leitura do início do capítulo 3, verifica-se que se encontra implícita, aquando da primeira reacção de Hester quando vê o homem, pressionando o bebé contra o peito. Mais à frente, torna-se ainda mais claro o medo de Hester face ao homem, quando se refere que se sentia mais segura no meio da multidão do que perante aquele homem, como se tivesse medo de estar sozinha na sua presença. Assim, para a tradução deste segmento foi aplicada a estratégia pragmática de mudança de explicitação, ficando a informação implícita mais evidente. Globalmente, o segmento foi adaptado recorrendo-se à estratégia semântica da paráfrase com o objectivo de tornar o vocabulário mais compreensível ao jovem leitor.

O excerto “to find yourself at length in a land where iniquity is searched out and punished in the sight of rulers and people, as here in our godly New England” (64)²⁴ foi traduzido por “chegou à nossa abençoada Nova Inglaterra, onde a justiça é feita”, mediante uma estratégia semântica, a paráfrase, dado que uma tradução literal se tornaria algo enigmática.

No capítulo 4, o excerto “‘Prithee, friend, leave me alone with my patient,’ said the practitioner. ‘Trust me, good jailer, you shall briefly have peace in your house; and, I promise you, Mistress Prynne shall hereafter be more amenable to just authority than you may have found her heretofore’” (74)²⁵ foi traduzido por “– Senhor carcereiro, peço-

²³ Cf. Anexo, p. 107 do presente trabalho.

²⁴ Cf. Anexo, p. 108 do presente trabalho.

²⁵ Cf. Anexo, p. 109 do presente trabalho.

lhe que me deixe a sós com a paciente, prometo que ficará mais calma e submissa. – disse o médico”, utilizando-se duas estratégias pragmáticas, o filtro cultural (domesticação) e a tradução parcial, bem como duas estratégias sintáticas, a tradução literal e a mudança de estrutura frásica.

A expressão “prithe”, típica do século XVII, é uma abreviatura de “I pray thee” (*Oxford Dictionary*), uma forma educada e formal de fazer um pedido. Neste caso, optou-se por uma tradução por uma expressão mais actual, “peço-lhe”. Quanto ao resto da frase utilizou-se uma estratégia sintática, a tradução literal, o que resultou em “que me deixe a sós com a paciente”. O segmento “said the practitioner” foi traduzido mediante uma estratégia sintática de mudança de estrutura frásica, sendo colocado no fim. Deste modo, a frase traduzida ficou bastante mais curta e sem interrupções a meio. Na extensa frase “Trust me, good jailer, you shall briefly have peace in your house; and, I promise you, Mistress Prynne shall hereafter be more amenable to just authority than you may have found her heretofore” encontra-se um tipo de linguagem algo complexo, pelo que se optou por uma estratégia pragmática de tradução parcial, de modo a simplificar e a resumir a fala.

No capítulo 5, o segmento “There dwelt, there trode, the feet of one with whom she deemed herself connected (...)” (83)²⁶ foi traduzido por “(...) pois nela morava uma pessoa pela qual estava apaixonada”, através de duas estratégias pragmáticas, a mudança de explicitação e a mudança de informação (omissão). No texto de partida, não surge especificamente o termo “apaixonada”, no entanto essa informação encontra-se implícita, na medida em que se refere que Hester se sente ligada a alguém daquela comunidade, sabendo o leitor/tradutor que a protagonista estava de facto apaixonada. Utilizou-se a mudança de informação, omitindo o segmento entre vírgulas, “there trode”, no texto de chegada. Ao mesmo tempo, aplicou-se a estratégia pragmática de mudança de explicitação, no sentido de direccionar o texto de chegada para a informação implícita.

O segmento “Here, she said to herself had been the scene of her guilt, and here should be the scene of her earthly punishment” (83)²⁷ foi traduzido por “A razão para

²⁶ Cf. Anexo, p. 110 do presente trabalho.

²⁷ Cf. Anexo, p. 110 e 111 do presente trabalho.

ficar, dizia a si mesma, seria por ali ter sido condenada, então, ali ficaria, para ser punida”, adoptando-se duas estratégias pragmáticas, o filtro cultural (adaptação) e a mudança de informação (adição). No início deste segmento, adicionou-se “A razão para ficar”, utilizando a mudança de informação, para que o sentido da frase ficasse mais explícito. O texto de partida foi adaptado para o (con)texto de chegada, na medida em que o verbo “guilt” passou a “condenada”, tornando-se, assim, mais compreensível e estabelecendo um maior contraste com “punida”.

No capítulo 6, em “If spoken to, she would not speak again. If the children gathered about her, as they sometimes did, Pearl would grow positively terrible in her puny wrath, snatching up stones to fling at them (...)”, (97)²⁸ a opção tradutória foi “Quando as outras crianças troçavam dela, Pearl atirava-lhes pedras”, recorrendo-se a duas estratégias pragmáticas, o filtro cultural (adaptação) e a tradução parcial. Tornou-se essencial transmitir as características mais evidentes da personalidade da pequena Pearl, pelo que este segmento foi parcialmente traduzido, dado que o fundamental residia em retratar a rebeldia de Pearl, bem como o facto de ela não se importar de não ter amigos. Deste modo, recorreu-se ao filtro cultural (adaptação), ao traduzir “If” por “Quando” com o objectivo de tornar a mensagem mais clara ao público-alvo. Ao utilizar a tradução parcial, traduziu-se apenas “If the children gathered about her” e “snatching up stones to fling at them”.

Ainda neste capítulo, o segmento ““Tell me, mother!””, (102)²⁹ foi traduzido por “Isso quero eu saber, Mamã!”, através da estratégia semântica da paráfrase. Trata-se de uma fala de Pearl, em resposta à mãe, que lhe perguntara quem a mandara ali. O segmento inicial da tradução, “Isso quero eu saber”, não se encontra no texto de partida. No entanto, para que existisse uma ligação óbvia à pergunta da mãe, em vez de uma tradução literal como “Diz-me”, que não seria tão clara, utilizou-se a paráfrase, ficando o significado um pouco mais distante do texto de partida. Porém, tornou-se mais evidente a intenção de Pearl, ao referir-se que esta queria saber quem era o pai. Para além disso, mais adiante neste diálogo mantém-se a mesma intenção (“Diz-me”) quando Pearl repete “Conta, conta”. Tendo em atenção que se visou adaptar a linguagem do texto de partida para um discurso mais familiar ao público infante-juvenil, utilizou-se

²⁸ Cf. Anexo, p. 112 do presente trabalho.

²⁹ Cf. Anexo, p. 113 do presente trabalho.

também uma estratégia pragmática de mudança interpessoal, em que uma tradução literal, “Mãe”, foi substituída por “Mamã”. Deste modo, o grau de emotividade e de envolvimento existente entre Hester e Pearl tornou-se mais evidente, através desta forma de tratamento mais carinhosa.

No capítulo 7, para o segmento “some of the leading inhabitants” (103)³⁰ escolheu-se a tradução “oficiais da justiça”, aplicando a estratégia pragmática de mudança de explicitação. Uma tradução literal não tornaria tão claro para o público infanto-juvenil, quem eram os chefes da comunidade, pelo que, deste modo, ficou mais explícito o que estaria apenas implícito no texto de partida.

Relativamente ao segmento “a steel head-piece, a cuirass, a gorget and greaves, with a pair of gauntlets and a sword hanging beneath”, (109)³¹ a tradução foi “um capacete de aço, uma couraça, um gorjal, caneleiras de ferro, luvas e uma espada pendurada (...)”, utilizando-se uma estratégia sintáctica, a tradução literal. De facto, a literatura infanto-juvenil pode constituir uma ferramenta didáctica, dado que, sendo, por vezes, composta por vocabulário não familiar ao leitor-alvo, pode, ainda assim, suscitar a sua curiosidade. Palavras não reconhecíveis numa primeira impressão, podem, no entanto, vir a ser assimiladas se forem mantidas, como se pretendeu neste caso.

Na casa do Governador, Pearl ficou fascinada por uma armadura com que se deparou no corredor. Dado que se trata de uma peça que remete para a decoração de época, bem como para a indumentária de guerra, considerou-se igualmente vantajoso mantê-la no texto de chegada, optando-se por uma tradução literal.

O título do capítulo 8, “The Elf-child and the Minister”, (111)³² foi traduzido literalmente por “A Criança-elfo e o Pastor”, de modo a manter o carácter algo sobrenatural de Pearl, marca indelével no texto de partida. Por outro lado, a tradução literal para “criança-elfo” permite ao jovem leitor, que anseia por mundos de fantasia, dar azo à sua imaginação. O mesmo se verificou no capítulo 15, no segmento “Or would he spread bat’s wings and flee away”, (181)³³ traduzido por “será que abriria as asas de

³⁰ Cf. Anexo, p. 114 do presente trabalho.

³¹ Cf. Anexo, p. 115 do presente trabalho.

³² Cf. Anexo, p. 116 do presente trabalho.

³³ Cf. Anexo, p. 123 do presente trabalho.

morcego e voaria, ficando cada vez mais feio até chegar ao céu?”, para que a criança pudesse imaginar o malvado Roger a transformar-se num morcego e a voar dali para fora.

A escolha para a tradução do título do capítulo 9, “The Leech”, (121)³⁴ foi “A Sanguessuga”, recorrendo-se à estratégia sintáctica de tradução literal. Afigurou-se fundamental manter o vocábulo do texto de partida, na medida em que, neste capítulo, Roger, o médico, foi comparado a uma sanguessuga por justamente “sugar” as energias de Arthur Dimmesdale, ao tentar descobrir a verdade sobre a vida do Pastor e conseguindo convencê-lo a morarem juntos.

No capítulo 10, e no seguimento do anterior, surge uma descrição de uma espécie de “escavação”, por parte de Roger, no íntimo de Arthur: “he would turn back, discouraged, and begin his quest towards another point.” (134)³⁵ A expressão “another point” foi traduzida por “noutra direcção”, utilizando-se a estratégia semântica da paráfrase, para tornar a situação mais visual para o leitor, algo que uma tradução literal – “para outro ponto” – não permitiria.

No capítulo 11, a tradução de “Calm, gentle, passionless, as he appeared, there was yet, we fear, a quiet depth of malice, hitherto latent, but active now, in this unfortunate old man, which led him to imagine a more intimate revenge than any mortal had ever wreaked upon an enemy”, (144)³⁶ foi “Sentia-se confiante, pois acreditava que o Pastor estava prestes a cair na sua armadilha e, assim, poderia finalmente vingar-se.” Através de uma estratégia semântica, a paráfrase, foi possível a transformação textual desta descrição da vingança que Roger Chillingworth estaria a planear para Arthur, através de um vocabulário reduzido e simples, com perda de alguma adjectivação, mas necessária para uma melhor percepção do enredo do que possibilitaria uma estratégia de tradução literal.

No início do capítulo 12, o segmento “in the shadow of a dream” (152)³⁷ foi traduzido para “talvez sonâmbulo e consumido pela angústia,” mediante a conjugação

³⁴ Cf. Anexo, p. 117 do presente trabalho.

³⁵ Cf. Anexo, p. 118 do presente trabalho.

³⁶ Cf. Anexo, p. 119 do presente trabalho.

³⁷ Cf. Anexo, p. 120 do presente trabalho.

de uma estratégia semântica, a paráfrase, com uma estratégia pragmática, a mudança de informação (adição). Uma tradução literal, como “sob a sombra de um sonho”, revelar-se-ia demasiado complexa ou até confusa para o público infanto-juvenil. Assim, através da paráfrase, este segmento tornou-se mais acessível. Como, ao longo da narrativa, existem várias descrições sobre a angústia de Arthur Dimmesdale, muitas delas tiveram de ser retiradas. Para compensar essa perda e reforçar a dor de Dimmesdale, optou-se, neste segmento, por adicionar a expressão “consumido pela angústia”, através de uma estratégia pragmática de mudança de informação (adição).

No capítulo 13, o segmento “Pearl was now seven years old. Her mother, with the scarlet letter on her breast, glittering in its fantastic embroidery, had long been a familiar object to the townspeople” (166)¹⁶ foi traduzido para “Pearl já tinha sete anos e a Mãe, com a letra vermelha reluzente ao peito, já se tinha tornado uma visão familiar entre a comunidade”. Através da estratégia sintáctica de mudança de estrutura frásica, ao unir as duas frases através da conjunção “e”, tornou-se a leitura mais fluída e contínua e, portanto, mais adequada ao público infanto-juvenil. Através da estratégia de sinonímia, “townspeople” foi traduzido por “comunidade”, em vez da tradução literal “pessoas da cidade”. Esta escolha deve-se ao facto de a primeira opção descrever melhor o contexto histórico que Hawthorne pretendia evocar, ou seja, a ideia de um grupo de pessoas que ocupam um determinado território e que possuem a mesma herança cultural e religiosa.

Os segmentos “But the former aspect of an intellectual and studious man, calm and quiet, which was what she best remembered in him, had altogether vanished, and been succeeded by a eager, searching, almost fierce, yet carefully guarded look” (175)³⁸ e “transforming himself into a devil”, (176)³⁸ no capítulo 14, foram ambos traduzidos num mesmo segmento, “O homem que antes tinha o aspecto de um intelectual parecia agora um monstro”, utilizando-se a estratégia pragmática de mudança de informação (omissão), ao omitir partes das frases, bem como a estratégia sintáctica de mudança de estrutura frásica, ao retirar parte de uma frase e juntá-la ao final da frase da página 175. Finalmente, utilizou-se, ainda, a estratégia semântica da paráfrase, ao substituir certo

¹⁶ Cf. Anexo, p. 121 do presente trabalho.

³⁸ Cf. Anexo, p. 122 do presente trabalho.

vocabulário por outro. Todas estas estratégias foram empregues com o objectivo de tornar as características de Roger, captadas por Hester, compreensíveis para o público infanto-juvenil, de uma forma breve e clara.

No capítulo 15, o diálogo em que Pearl questiona constantemente Hester acerca da razão pela qual esta utiliza a letra “A” ao peito e também sobre o facto de o Pastor pôr a mão no peito (““Mother,’ said she, ‘what does the scarlet letter mean?’”(187) ³⁹ “ ‘Mother! – Mother! – Why does the minister keep his hand over his heart?’” (188)⁴⁰), foi traduzido, no segmento final do capítulo, por “Pearl parecia não ter ficado satisfeita com a resposta e continuou insistentemente a perguntar à Mãe porque usava a letra ao peito”. Através da estratégia sintáctica de mudança de estrutura frásica foi possível a mudança do discurso directo para o discurso indirecto; e por meio da estratégia pragmática de mudança de informação (adição) foi adicionado o segmento ““Pearl parecia não ter ficado satisfeita com a resposta” com o intuito de clarificar a insistência de Pearl nesta questão. Aplicou-se também a estratégia pragmática de paráfrase para transformar o vocabulário do texto de partida numa versão mais explícita para o público-alvo.

No capítulo 16, no segmento “and then he sets his mark on their bosoms. Didst thou ever meet the Black Man, mother?”, (192)⁴¹ a opção tradutória foi “– Mãe, o Homem das Trevas marcou-te com a letra “A” no peito?”, mediante a utilização de uma estratégia semântica, a paráfrase, com o objectivo de relacionar o Homem das Trevas com a letra A, criando, assim, mais tensão. O texto de chegada afasta-se bastante do de partida, mas manteve-se a intenção da pergunta de Pearl, dado que esta queria verdadeiramente saber o significado da marca no peito da Mãe.

No capítulo 17, quando Hester revela a Arthur a verdadeira identidade de Roger Chillingworth, em ““Then there is the broad pathway of the sea!’ continued Hester. ‘It brought thee hither. If thou so choose, it will bear thee back again. In our native land, whether in some remote rural village, or in vast London – t or, surely, in Germany, in France, in pleasant Italy – thou wouldst be beyond his power and knowledge! And what

³⁹ Cf. Anexo, p. 124 do presente trabalho.

⁴⁰ Cf. Anexo, p. 125 do presente trabalho.

⁴¹ Cf. Anexo, p. 126 do presente trabalho.

hast thou to do with all these iron men, and their opinions? They have kept thy better part in bondage too long already!”), (204)⁴² a tradução foi “(...) pediu ao Pastor que voltasse para a Europa”. Ao optar pela estratégia de mudança de informação, foi possível a omissão de certos segmentos deste excerto; e através da estratégia sintáctica de mudança de estrutura frásica, o discurso foi modificado de indirecto para directo, uma opção que permite ao leitor assimilar a informação com mais facilidade. A estratégia pragmática da paráfrase permitiu ainda que a frase fosse traduzida para uma versão mais acessível ao público-alvo. A aplicação conjunta destas estratégias tornou-se necessária devido à existência, neste segmento, de informação dispensável ao jovem leitor.

O título do capítulo 18, “A Flood of Sunshine”, (207)⁴³ foi traduzido por “Um Raio de Sol”, recorrendo-se à estratégia semântica da paráfrase. Uma tradução literal, como “Um Dilúvio de Raios de Sol”, constituiria um título bastante mais complexo, dado que “dilúvio” se associa a água. Ora, ao traduzir/adaptar para um público infanto-juvenil torna-se fundamental clarificar o texto e direccionar o leitor no sentido de uma melhor captação cénica. Trata-se de um capítulo centrado na importância da luz e no significado atribuído ao modo como as personagens são (ou não) iluminadas pelo Sol, vectores mantidos no texto de chegada.

No capítulo 19, utilizou-se a mesma estratégia no diálogo estabelecido entre Hester e Pearl, nomeadamente no segmento ““He waits to welcome thee””, (220)⁴⁴ quando Pearl pergunta a Hester por que razão o Pastor estava junto delas. A opção tradutória foi “Está à tua espera para te dizer olá.” A expressão “dizer olá” encontra-se muito mais próxima do leitor do sistema de chegada do que “Está à tua espera para te dar as boas-vindas”.

No capítulo 20, no segmento ““I thank you from my heart, most watchful friend,’ said the Reverend Mr. Dimmesdale with a solemn smile. ‘I thank you, and can but requite your good deeds with my prayers’”, (233)¹⁸ a escolha de tradução foi “– Agradeço-te, meu amigo observador – disse Dimmesdale.” Ao recorrer à estratégia

⁴² Cf. Anexo, pp. 128 e 129 do presente trabalho.

⁴³ Cf. Anexo, p. 130 do presente trabalho.

⁴⁴ Cf. Anexo, p. 131 do presente trabalho.

¹⁸ Cf. Anexo, p. 132 do presente trabalho.

pragmática de tradução parcial e à tradução literal manteve-se a informação essencial, bem como a referência ao carácter observador e obsessivo de Roger.

No capítulo 21, a frase interrogativa “‘What mean you?’”, (244)⁴⁵ parte integrante do diálogo travado entre Hester e o capitão do barco onde tencionava partir, foi traduzida apenas por “– Médico?”, através da utilização de uma estratégia semântica, a paráfrase. Uma tradução literal desta estrutura frásica, algo arcaica, não faria sentido. Uma vez que o capitão do barco se dirigia a Hester para a informar de que um novo lugar ia ser reservado no seu barco para um médico, a tradução não eliminou o sentido do texto de partida. Embora expressão no texto de chegada se tenha distanciado da do texto de partida, a utilização da paráfrase tornou-se necessária para simplificar a leitura por parte do público infanto-juvenil.

No capítulo 22, quando o capitão do barco pede a Pearl para dizer a Hester que outro tripulante também vai na viagem, “‘Thy mother is yonder woman with the scarlet letter,’ said the seaman, ‘Wilt thou carry her a message from me?’”, (254)⁴⁶ foi traduzido por “– Podes dar um recado à tua mãe, pequena?” Aqui aplicou-se a estratégia pragmática de mudança de informação, ao omitir o segmento inicial da frase, de modo a manter um diálogo breve, retirando informação que não se afigura particularmente relevante. Utilizando a estratégia sintáctica de sinonímia, traduziu-se “dar o recado”, em vez de “levar o recado”, pois, como não existem evidências de que o recado estaria a ser entregue fisicamente a Pearl, uma tradução literal não seria totalmente adequada.

No capítulo 23, Dimmesdale, no seu discurso, confessou, finalmente, o seu pecado. As expressões “‘ye, that have loved me! – ye, that have deemed me holy!’” (264)⁴⁷ foram traduzidas por “Vós que me amado têm! Vós, que por tão bom homem me têm!”. Manteve-se, assim, a repetição de “vós” e de “têm” para conferir uma certa musicalidade ao discurso fulcral da obra. Para a tradução deste segmento utilizou-se uma estratégia sintáctica de tradução literal no primeiro segmento e, no segundo, uma estratégia semântica, a paráfrase, para que a repetição fosse possível, mantendo o sentido do texto de partida e conferindo ao de chegada um certo ritmo melódico, uma opção vantajosa para este público.

⁴⁵ Cf. Anexo, p. 133 do presente trabalho.

⁴⁶ Cf. Anexo, p. 134 do presente trabalho.

⁴⁷ Cf. Anexo, p. 135 do presente trabalho.

No último capítulo, o 24, afigurou-se essencial manter a intenção moral de Hawthorne com esta narrativa: a crítica à intolerância religiosa e à hipocrisia. Assim, o segmento “he had made the manner of his death a parable” (268)⁴⁸ foi traduzido por “transformou a sua própria morte numa verdade moral ou espiritual”, através da estratégia pragmática de mudança de explicitação. Uma tradução literal, para “parábola”, introduziria um vocábulo porventura desconhecido, no seu verdadeiro significado, do público-alvo. Daí a explicitação do termo, traduzindo o seu significado.

Relativamente às ilustrações, que visam proporcionar um melhor entendimento do enredo, os traços e as cores foram influenciados pelo filme da Walt Disney, *A Bela e o Monstro* (1991), baseado no conto de *La Belle et la Bête* (1740), de Gabrielle-Suzanne Barbot (1685-1755). De certo modo, Hester tem bastante em comum com a protagonista do filme da Disney, Bela, na medida em que não é estimada pelo povo da aldeia onde reside e tem de esconder o amor que sente. Optou-se por uma linha curva, tendo como objectivo agradar ao público infante-juvenil. Os materiais utilizados foram a aguarela e os lápis de cor, em papel aguarela.

Em *The Scarlet Letter*, as cores têm bastante importância: na identificação do gótico, característico do Romantismo, no vestuário de Hester (geralmente de cor escura e sem enfeites) e até nos elementos da natureza que estão muito presentes na obra.

Muitas das ilustrações visam desempenhar também um papel didáctico. Por exemplo, no capítulo 7, cuja acção se desenrola na mansão do Governador, se o leitor não tiver ainda conhecimento do significado de “uma couraça” ou de “um gorjal”, pode adquiri-lo através do desenho.

Do mesmo modo, as ilustrações foram utilizadas com o objectivo de auxiliar o leitor a chegar à mensagem transmitida por Hawthorne. Por exemplo, no capítulo 13, onde se referem as boas acções praticadas por Hester, a expressão da personagem na ilustração revela, propositadamente, bondade e ternura extremas, para persuadir o leitor a identificar Hester como a “personagem boa” da história.

As ilustrações visam também substituir descrições existentes no texto de partida, que foram omitidas no texto de chegada. Por exemplo, no capítulo 5, “Hester, a

⁴⁸ Cf. Anexo, p. 136 do presente trabalho.

Costureira”, a longa descrição do local onde Hester e Pearl vão morar foi omitida no texto de chegada e substituída por uma ilustração.

Concluindo, pode afirmar-se que as dificuldades de tradução foram, maioritariamente, a transmutação de uma linguagem algo arcaica do século XIX, para a linguagem coloquial do século XXI, para que o enredo e o sentido moral do texto se tornassem acessíveis e apelativos ao público infante-juvenil. Daqui decorreru outra dificuldade: a escolha dos excertos a omitir, de modo a tornar o texto mais breve, sucinto e o mais familiar possível ao referido público. Deste modo, as estratégias de tradução mais recorrentes no processo de tradução/adaptação foram as pragmáticas, nomeadamente a paráfrase e a mudança de informação (omissão). Neste contexto, as ilustrações constituíram um complemento à adaptação, principalmente por fornecerem informação não legível no texto adaptado e pela sua função didáctica.

Considerações Finais

Na elaboração do presente Trabalho de Projecto confirmou-se a complexidade inerente à tradução e adaptação de uma obra literária escrita originalmente para adultos, para o público infanto-juvenil. Para levar a bom termo esta tarefa, revelaram-se de extrema importância, por um lado, as obras do mesmo tipo já existentes, as quais têm em comum o facto de pretenderem dar a conhecer ao público infanto-juvenil outras realidades, remetendo-o para questões que, por norma, não são abordadas na literatura escrita originalmente para crianças. Por outro, e talvez sobretudo, os vários estudos de cariz teórico sobre o assunto.

Na introdução a este trabalho levantou-se a questão de qual a pertinência de traduzir e adaptar uma obra do século XIX para o público infanto-juvenil de hoje, tendo em conta a profusão de literatura escrita especificamente para crianças e jovens. A resposta parece ser afirmativa. De facto, desde logo se verificou que a grande produtora cinematográfica Walt Disney, tem vindo a adaptar, com grande sucesso, contos dos séculos XVIII e XIX para o público infantil. Embora o enredo dos originais seja substancialmente alterado, os valores éticos, ou seja, a mensagem principal mantém-se. O mesmo se verifica, aliás, nas adaptações fílmicas de contos mais recentes, como *The Boy Who Wouldn't Grow Up* (1904), do dramaturgo escocês James Matthew Barrie (1860-1937), sob o título *Peter Pan* na versão cinematográfica. No Brasil, o escritor Victor Louis Stutz (1963) realizou um musical intitulado *O Fantasma da Máscara* (2011), uma adaptação infanto-juvenil da obra *Le Fantôme de l'Opéra* (1909) da autoria do jornalista parisiense Gaston Leroux (1868-1927). Um exemplo ainda mais recente diz respeito ao filme *The Book Thief* (2013), realizado pelo norte-americano Brian Percival (1962), uma adaptação destinada ao público mais jovem da obra com o mesmo nome, de 2005, da autoria do australiano, Markus Zusak (1975).

Não obstante a existência de uma adaptação para o público infantil de *The Scarlet Letter, A Letra de Escarlata* de Rodrigo Espinosa Cabral, esta encontra-se em português do Brasil, contendo, por isso, expressões e construções frásicas que não se encontram no sistema linguístico português da Europa. Destaca-se, a título de exemplo, a utilização de vocabulário como “gramado”(2) e “caprichava” (4) no capítulo 1, a forma de tratamento por “você” ao longo de toda a obra (e.g. “ – Eu não lhe perdoou,

Hester! Você é responsável por meu coração doente e culpado estar exposto.” (23)

Sentiu-se, portanto, necessidade de levar a cabo uma adaptação em português europeu, já que, não obstante as tentativas de uniformização da língua portuguesa, o português do Brasil e o de Portugal continuam a ser claramente distintos. Trata-se de línguas com diferenças substanciais do ponto de vista da construção frásica, da posição dos pronomes e dos advérbios, entre muitos outros aspectos. Além disso, as línguas possuem vocabulários distintos, que se inserem também em culturas diversas. Por exemplo, em português do Brasil, ônibus, sorvete e trem seriam, em português de Portugal, respectivamente, autocarro, gelado e comboio. Parece óbvio que o público infanto-juvenil, numa fase inicial da aprendizagem da língua através da leitura o faça de acordo com as regras gramaticais, o vocabulário e a cultura do seu país, o que leva a responder afirmativamente à pergunta colocada atrás.

A decisão de adaptar *The Scarlet Letter* para um público infanto-juvenil deve-se, assim, a diversos factores. Em primeiro lugar, *The Scarlet Letter* é um clássico da literatura norte-americana equiparável às obras de Mark Twain (1835-1910), as quais foram, na sua maioria, adaptadas para o público mais jovem, como, por exemplo, *The Adventures of Huckleberry Finn* (1885), que foi também adaptado para o cinema pela Walt Disney, sob o mesmo título, em 1993. Hawthorne recebeu a influência do Romantismo inglês, enfatizando o individualismo e as emoções, utilizando imagens e símbolos, e examinando os impulsos e os desejos mais sombrios do ser humano. Em *The Scarlet Letter*, o romantismo de Hawthorne contribui para criticar a hipocrisia do puritanismo, ao mesmo tempo que explora temas mais universais, como a autoconsciência, a vingança, a vergonha e a culpa. Trata-se de um dos primeiros romances publicados em massa nos Estados Unidos, possuindo características extraordinariamente benéficas para o jovem leitor.

Em segundo lugar, as temáticas abordadas na obra revelam-se de extrema utilidade para o público infanto-juvenil. A afirmação da identidade, por exemplo, constitui um exemplo paradigmático. Hester foi publicamente humilhada pelos membros da sua comunidade e obrigada a ostentar ao peito um símbolo do seu pecado. No entanto, recusou-se a abandonar a cidade. Após a sua libertação, nada a obrigava a permanecer naquele lugar, uma vez que poderia ter optado por tirar a letra vermelha e retomar a vida noutra sítio. Até reagiu com um certo desalento quando Chillingworth lhe disse que os governadores da comunidade estavam a considerar a hipótese de a

deixar tirar a letra. O comportamento de Hester deveu-se, em grande medida, ao desejo de afirmar a sua própria identidade, em vez de permitir que outros a determinassem por ela. Para Hester, fugir ou retirar a letra significaria o reconhecimento do poder da sociedade sobre ela, visto que estaria a admitir que a letra seria um sinal de vergonha, de culpa e de algo de que deseja escapar. Em vez disso, Hester permaneceu, transformando a letra vermelha num símbolo das suas próprias experiências e do seu carácter. O “pecado” cometido passou a fazer parte dela, portanto, fingir o contrário significaria negar uma parte de si mesma. Assim, Hester integrou, com muita determinação, o pecado na sua vida. Dimmesdale, por seu turno, lutou contra uma imagem idealizada pela sociedade. Todos os que o rodeavam (à excepção de Chillingworth), ignoravam a sua angústia, que se tornou óbvia, interpretando-a erroneamente e identificando-a com uma forma de santidade. Infelizmente, Dimmesdale nunca reconheceu plenamente o que Hester aprendeu: a força individual conquista-se pela auto-afirmação silenciosa e não por uma rejeição da identidade. Deste modo, demonstra-se ao jovem leitor, numa fase de edificação da sua personalidade, que a identidade se constroi através da afirmação de ideais individuais e não apenas mediante o que a sociedade determina.

Em terceiro lugar, Hawthorne explorou a temática da independência feminina, ao mostrar como Hester, ousadamente para a época, tomou as suas próprias decisões, tendo sido capaz de cuidar autonomamente de si mesma e de Pearl. Aliás, Hester já violara as regras estabelecidas ao seguir o coração, mantendo uma relação íntima com um homem que não era o seu marido. Como foi expulsa da comunidade, Hester libertou-se de muitos dos valores puritanos impostos à mulher. Assim, assumindo as responsabilidades consequentes da sua independência, a personagem viu-se obrigada a trabalhar para sustentar a filha, como qualquer mãe solteira. Estas circunstâncias deram-lhe a confiança necessária para se saber defender em determinadas situações, como, por exemplo, quando se opõe ao Governador Bellingham na ocasião em que este tenta tirar-lhe Pearl. Se uma atitude deste género era incomum na época, hoje em dia tornou-se usual, pois a existência de famílias monoparentais e a luta pela custódia de filhos são situações habituais.

Em quarto lugar, Pearl, uma das principais personagens (para alguns a protagonista), é uma menina de sete anos, com o qual alguns leitores se podem identificar, na medida em que ela chama a atenção para certas verdades negadas no mundo dos adultos. De um modo geral, em *The Scarlet Letter*, as crianças são retratadas

como mais perspicazes e sinceras do que os adultos, sendo Pearl um exemplo paradigmático. Pearl representa todo o significado da letra de vermelha, julgando severamente Dimmesdale, pelo facto de este não assumir a sua culpa. Não obstante o carácter algo transcendente da personagem, Pearl é sobretudo uma criança encantadora, com a qual o leitor se pode facilmente identificar.

Outro dos factores que impulsionou a escolha da adaptação desta obra residiu no facto de esta ser rica em momentos de suspense. O enredo inicia-se por ocasião da condenação de Hester e só no capítulo 2, no diálogo travado entre Roger Chillingworth e um homem da comunidade, se revela o motivo pelo qual foi condenada. Neste diálogo cria-se um certo suspense relativamente à identidade do pai de Pearl, mas esta apenas se torna totalmente clara no penúltimo capítulo da obra, pois, até a discurso de Arthur Dimmesdale no cadafalso, encontram-se apenas alusões implícitas. Adicionalmente, e contribuindo para o suspense, a identidade de Roger Chillingworth só se revela no capítulo 3, quando ele conversou com Hester na prisão. O médico relatou, então, ter preparado uma vingança para o pai do filho de Hester, mas não explicou qual, criando assim um ambiente de tensão ao longo da obra. Até ao capítulo 17, não é evidente a razão pelo qual Hester cometeu um pecado. Apenas na conversa com Dimmesdale ficou finalmente claro que tal se devera ao facto de estar apaixonada pelo Pastor. Deste modo, o suspense prende o leitor ao longo texto, estimulando-lhe a curiosidade em relação ao que poderá acontecer. Trata-se, portanto, de uma estratégia literária muito comum na literatura infanto-juvenil, nomeadamente em livros como os da série “Uma Aventura” de Ana Maria Magalhães (1946-) e Isabel Alçada (1950-), recomendada pelo Plano Nacional de Leitura.

Na literatura infantil, as ilustrações afiguram-se extremamente úteis, pois auxiliam os pequenos leitores a compreender melhor o enredo e a visualizar as personagens ou os cenários. Recorreu-se, assim, à tradução intersemiótica de partes do texto, através do desenho, utilizando-se cores apelativas (como o azul e o vermelho) para captar a atenção do jovem leitor. Optou-se, maioritariamente, pelo desenho de traço curvo, sendo o traço recto mais utilizado em cenas que envolvem obras arquitectónicas. Técnica muito utilizada na composição de paisagens, a aguarela facilita a realização de efeitos de atmosfera e de profundidade. Deste modo, elegeu-se este material (aguarela Faber Castel), visto que grande parte da acção se desenrola na floresta, uma paisagem que requer extrema atenção. Além disso, para retratar imagens

mais pequenas, como fisionomias de personagens e traços de plantas (capítulo 1), recorreu-se aos lápis de cor (Caran d’Ache). Para o delineamento da ilustração utilizou-se uma caneta de tinta preta de bico fino (0.4).

Ao longo do presente Trabalho de Projecto foi possível demonstrar que o processo de tradução/adaptação de uma obra originalmente destinada ao público adulto para uma versão com vista a um público infanto-juvenil se revelou extremamente complexo, como, aliás, a tradução da própria literatura infantil. Não obstante, acedite-se que o produto final possa vir a enriquecer a consciência moral e o horizonte cultural de qualquer criança/jovem.

Bibliografia

I) Fontes Primárias

Hawthorne, Nathaniel. *The Scarlet Letter*. 2nd edition. London: Penguin Random House, UK, 2009 (1ª ed.:1850).

II) Fontes Secundárias

1. Outras Traduções

Cabral, Rodrigo. *A Letra de Escarlate*. São Paulo: Editora Rideel/Clássicos Universais, 2011.

Pessoa, Fernando. *A Letra Encarnada*. 2ªed. Lisboa: Relógio d'Água/Clássicos para os Leitores de Hoje, 2017 (1ªed:1988).

2. Estudos de Tradução e Literatura Infanto-Juvenil

Alvstad, Cecilia. “Children’s Literature and Translation”. *Handbook of Translation Studies*. Ed. Yves Gambier and Luc Van Doorslaer. Amsterdam: John Benjamins, 2010. 22-27.

Baker, Mona. “Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagónicos nos Estudos da Tradução?” Tradução de Marcia A. P. Martins. *Tradução e Multidisciplinaridade*. Ed. M. A. P. Marins. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. 15-34.

--- and Gabriela Saldanha. *Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge 2009.

Bassnett, Susan. *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma Disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo, revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Bamberger, Richard. "The Influence of Translation on the Development of National Children's Literature." *Children's Books in Translation*. Ed. Göte Klingberg and Mary Orvig. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1978. 19-27.

Chesterman, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. 87-116.

Collie, Jan Van e Walter P. Verschuren. *Children Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2006.

Even-Zohar, Itamar. "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem." *Translation Across Cultures*. Ed. Gideon Toury. New Delhi: Bahri Publications, 1998. 112-116.

Grenby, Matthew and Kimberly Reynolds. *Children's Literature Studies: a Research Handbook*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

Hunt, Peter (ed.) *International Companion Encyclopaedia of Children's Literature*. London: Routledge, 1996.

- Jakobson, Roman. "On Linguistic Aspects of Translation." *On Translation*. Ed. R. A. Brower. Cambridge: Harvard University Press, 1959. 232-239.
- Kadish, D. and F. Massardier-Kenney (orgs.) *Translating Slavery: Gender & Race in French Women's Writing, 1783-1823*. Kent: Kent State University Press, 1994.
- and Mary Orvig (ed.) *Children's Books in Translation*. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1978.
- Klingberg, Göte. *Children's Fiction in the Hand of Translators*. Malmo: CWK Gleerup, 1986.
- Lathey, Gillian (ed.) *The Role of Translators in Children's Literature: Invisible Storytellers*. United Kingdom: Taylor & Francis, 2010.
- Lesnik-Oberstein, Karín. *Children's Literature: Criticism and the Fictional Child*. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- . *The Translation of Children's Literature. A Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.
- O'Sullivan, Emer. *Comparative Children's Literature*. Trad. Anthea Bell. New York: Routledge, 2005.
- Oittinen, Riita. *Translating for Children*. New York: Garland, 2000.
- Peirce, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

- Reynolds, Kimberly. *Children's Literature: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Reis, Maria Olinda Vieira da Silva. *O Primado do Imaginário na Tradução da Literatura Juvenil, ou o "Estrangeiro" como Fonte de Aprendizagem e Construção do Eu*. Dissertação de Mestrado em Tradução. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
- Rudd, David (ed.) *The Routledge Companion to Children's Fiction*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1993.
- Shavit, Zohar. "Translation of Children's Literature." *The Translation of Children's Literature: A Reader*. Ed. Gillian Lathey. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. 25-40.
- Toury, Gideon. *Translation Across Cultures*. New Delhi: Bahri Publications, 1998.
- Van Coillie, Jan & Walter P. Verschueren (eds). *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.
- Venuti, Lawrence. *The Translator's Invisibility: a History of Translation*. London: Routledge, 1995.
- Vinay, J.-P. & Darbelnet, J. "A Methodology for Translation." *Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. London: Routledge, 2000 (1958). 84-95.

3. Adaptação e Tradução Intersemiótica

Bassnett, Susan and Peter Bush (eds.) *The Translator as Writer*. London/New York: Continuum, 2006.

Bastin, George L. “Adaptation”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2^a ed. Ed. Mona Baker e Gabriela Saldanha. London/New York: Routledge, 2009. 3-6.

Eco, Umberto. “Introduction”. *Experiences in Translation*. Ed. Lotman. Toronto: University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division, 1990. 7-13.

Plaza, J. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

Sanders, Julie. *Adapation and Appropriation*. London/New York: Routledge, 2006.

Toury, Gideon. “Translation”. *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*. Ed. Thomas Sebeokvol. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. Vol.2. 1107–1124.

4. Estudos sobre Nataniel Hawthorne e *The Scarlett Letter*

Cheever, Susan. *American Bloomsbury*. New York/London: Simon & Schuster Paperbacks, 2007.

Cunliffe, Marcus. *História da Literatura dos Estados Unidos*. Trad. de Bernardette Pinto Leite. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1986.

Ferreira, L. A. *Estudo Analítico dos Símbolos em “A Letra Escarlate”, de Nathaniel Hawthorne*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

Oliveira, Albéris Eron Flávio. *Nathaniel Hawthorne: o Puritanismo e a Hipótese do Eros em “A Letra Escarlate” (1850)*. Natal: IFRN, 2016.

Wright, Sarah Bird. *Critical Companion to Nathaniel Hawthorne: A Literary Reference to His Life*. New York: Facts on Life, 2007.

Anexos

Anexo I⁵¹

Texto de Partida

⁵¹ Versão Ebook (2011):
www.planetpublish.com/wpcontent/uploads/2011/11/The_Scarlet_Letter_T.pdf

Nota: Sublinharam-se os excertos do texto de partida referidos no ponto 2. “Comentário”

I. THE PRISON DOOR

A throng of bearded men, in sad-coloured garments and grey steeple-crowned hats, inter-mixed with women, some wearing hoods, and others bareheaded, was assembled in front of a wooden edifice, the door of which was heavily timbered with oak, and studded with iron spikes.

The founders of a new colony, whatever Utopia of human virtue and happiness they might originally project, have invariably recognised it among their earliest practical necessities to allot a portion of the virgin soil as a cemetery, and another portion as the site of a prison. In accordance with this rule it may safely be assumed that the forefathers of Boston had built the first prison-house somewhere in the Vicinity of Cornhill, almost as seasonably as they marked out the first burial-ground, on Isaac Johnson's lot, and round about his grave, which subsequently became the nucleus of all the congregated sepulchres in the old churchyard of King's Chapel. Certain it is that, some fifteen or twenty years after the settlement of the town, the wooden jail was already marked with weather-stains and other indications of age, which gave a

II. THE MARKET-PLACE

The grass-plot before the jail, in Prison Lane, on a certain summer morning, not less than two centuries ago, was occupied by a pretty large number of the inhabitants of Boston, all with their eyes intently fastened on the iron-clamped oaken door. Amongst any other population, or at a later period in the history of New England, the grim rigidity that petrified the bearded physiognomies of these good people would have augured some awful business in hand. It could have betokened nothing short of the anticipated execution of some rioted culprit, on whom the sentence of a legal tribunal had but confirmed the verdict of public sentiment. But, in that early severity of the Puritan character, an inference of this kind could not so indubitably be drawn. It might be that a sluggish bond-servant, or an undutiful child, whom his parents had given over to the civil authority, was to be corrected at the whipping-post. It might be that an Antinomian, a Quaker, or other heterodox religionist, was to be scourged out of the town, or an idle or vagrant Indian, whom the white man's firewater had made riotous about the streets, was to be driven with stripes into the shadow of the forest. It

there was a coarser fibre in those wives and maidens of old English birth and breeding than in their fair descendants, separated from them by a series of six or seven generations; for, throughout that chain of ancestry, every successive mother had transmitted to her child a fainter bloom, a more delicate and briefer beauty, and a slighter physical frame, if not character of less force and solidity than her own. The women who were now standing about the prison-door stood within less than half a century of the period when the man-like Elizabeth had been the not altogether unsuitable representative of the sex. They were her countrywomen: and the beef and ale of their native land, with a moral diet not a whit more refined, entered largely into their composition. The bright morning sun, therefore, shone on broad shoulders and well-developed busts, and on round and ruddy cheeks, that had ripened in the far-off island, and had hardly yet grown paler or thinner in the atmosphere of New England. There was, moreover, a boldness and rotundity of speech among these matrons, as most of them seemed to be, that would startle us at the present day, whether in respect to its purport or its volume of tone. [REDACTED]

'Goodwives,' said a hard-featured dame of fifty, 'I'll tell ye a piece of my mind. It would be greatly for the public

behoof if we women, being of mature age and church-members in good repute, should have the handling of such malefactresses as this Hester Prynne. What think ye, gossips? If the hussy stood up for judgment before us five, that are now here in a knot together, would she come off with such a sentence as the worshipful magistrates have awarded? Marry, I trow not"

'People say,' said another, 'that the Reverend Master Dimmesdale, her godly pastor, takes it very grievously to heart that such a scandal should have come upon his congregation. '

'The magistrates are God-fearing gentlemen, but merciful overmuch—that is a truth,' added a third autumnal matron. 'At the very least, they should have put the brand of a hot iron on Hester Prynne's forehead. Madame Hester would have winced at that, I warrant me. But she—the naughty baggage— little will she care what they put upon the bodice of her gown. Why, look you, she may cover it with a brooch, or such like. heathenish adornment, and so walk the streets as brave as ever"

'Ah, but,' interposed, more softly, a young wife, holding a child by the hand, 'let her cover the mark as she will, the pang of it will be always in her heart. '

‘What do we talk of marks and brands, whether on the bodice of her gown or the flesh of her forehead?’ cried another female, the ugliest as well as the most pitiless of these self-constituted judges. ‘This woman has brought shame upon us all, and ought to die; Is there not law for it? Truly there is, both in the Scripture and the statute-book. Then let the magistrates, who have made it of no effect, thank themselves if their own wives and daughters go astray”

‘Mercy on us, goodwife’ exclaimed a man in the crowd, ‘is there no virtue in woman, save what springs from a wholesome fear of the gallows? That is the hardest word yet! Hush now, gossips for the lock is turning in the prison-door, and here comes Mistress Prynne herself. ‘

The door of the jail being flung open from within there appeared, in the first place, like a black shadow emerging into sunshine, the grim and gristly presence of the town-beadle, with a sword by his side, and his staff of office in his hand. This personage prefigured and represented in his aspect the whole dismal severity of the Puritanic code of law, which it was his business to administer in its final and closest application to the offender. Stretching forth the official staff in his left hand, he laid his right upon the shoulder of a young woman,

whom he thus drew forward, until, on the threshold of the prison-door, she repelled him, by an action marked with natural dignity and force of character, and stepped into the open air as if by her own free will. She bore in her arms a child, a baby of some three months old, who winked and turned aside its little face from the too vivid light of day; because its existence, heretofore, had brought it acquaintance only with the grey twilight of a dungeon, or other darksome apartment of the prison.

When the young woman—the mother of this child—stood fully revealed before the crowd, it seemed to be her first impulse to clasp the infant closely to her bosom; not so much by an impulse of motherly affection, as that she might thereby conceal a certain token, which was wrought or fastened into her dress. In a moment, however, wisely judging that one token of her shame would but poorly serve to hide another, she took the baby on her arm, and with a burning blush, and yet a haughty smile, and a glance that would not be abashed, looked around at her townspeople and neighbours. On the breast of her gown, in fine red cloth, surrounded with an elaborate embroidery and fantastic flourishes of gold thread, appeared the letter A. It was so artistically done, and with so much fertility and gorgeous luxuriance of

she had wrought for the occasion in prison, and had modelled much after her own fancy, seemed to express the attitude of her spirit, the desperate recklessness of her mood, by its wild and picturesque peculiarity. But the point which drew all eyes, and, as it were, transfigured the wearer—so that both men and women who had been familiarly acquainted with Hester Prynne were now impressed as if they beheld her for the first time—was that SCARLET LETTER, so fantastically embroidered and illuminated upon her bosom. It had the effect of a spell, taking her out of the ordinary relations with humanity, and enclosing her in a sphere by herself.

‘She hath good skill at her needle, that’s certain,’ remarked one of her female spectators; ‘but did ever a woman, before this brazen hussy, contrive such a way of showing it? Why, gossips, what is it but to laugh in the faces of our godly magistrates, and make a pride out of what they, worthy gentlemen, meant for a punishment?’

‘It were well,’ muttered the most iron-visaged of the old dames, ‘if we stripped Madame Hester’s rich gown off her dainty shoulders; and as for the red letter which she hath stitched so curiously, I’ll bestow a rag of mine own rheumatic flannel to make a fitter one!’

III. THE RECOGNITION

From this intense consciousness of being the object of severe and universal observation, the wearer of the scarlet letter was at length relieved, by discerning, on the outskirts of the crowd, a figure which irresistibly took possession of her thoughts. An Indian in his native garb was standing there; but the red men were not so infrequent visitors of the English settlements that one of them would have attracted any notice from Hester Prynne at such a time; much less would he have excluded all other objects and ideas from her mind. By the Indian's side, and evidently sustaining a companionship with him, stood a white man, clad in a strange disarray of civilized and savage costume.

He was small in stature, with a furrowed visage, which as yet could hardly be termed aged. There was a remarkable intelligence in his features, as of a person who had so cultivated his mental part that it could not fail to mould the physical to itself and become manifest by unmistakable tokens. Although, by a seemingly careless arrangement of his heterogeneous garb, he had endeavoured to conceal or abate the peculiarity, it was

sufficiently evident to Hester Prynne that one of this man's shoulders rose higher than the other. Again, at the first instant of perceiving that thin visage, and the slight deformity of the figure, she pressed her infant to her bosom with so convulsive a force that the poor babe uttered another cry of pain. But the mother did not seem to hear it,

At his arrival in the market-place, and some time before she saw him, the stranger had bent his eyes on Hester Prynne. It was carelessly at first, like a man chiefly accustomed to look inward, and to whom external matters are of little value and import, unless they bear relation to something within his mind. Very soon, however, his look became keen and penetrative. A writhing horror twisted itself across his features, like a snake gliding swiftly over them, and making one little pause, with all its wreathed intervolutions in open sight. His face darkened with some powerful emotion, which, nevertheless, he so instantaneously controlled by an effort of his will, that, save at a single moment, its expression might have passed for calmness. After a brief space, the convulsion grew almost imperceptible, and finally subsided into the depths of his nature. When he found the eyes of Hester Prynne fastened on his own, and saw that she appeared to

said the townsman, 'to find yourself at length in a land where iniquity is searched out and punished in the sight of rulers and people, as here in our godly New England. Yonder woman, Sir, you must know, was the wife of a certain learned man, English by birth, but who had long ago dwelt in Amsterdam, whence some good time ago he was minded to cross over and cast in his lot with us of the Massachusetts. To this purpose he sent his wife before him, remaining himself to look after some necessary affairs. Marry, good Sir, in some two years, or less, that the woman has been a dweller here in Boston, no tidings have come of this learned gentleman, Master Prynne; and his young wife, look you, being left to her own misguidance—'

'Ah!—aha!—I conceive you,' said the stranger with a bitter smile. 'So learned a man as you speak of should have learned this too in his books. And who, by your favour, Sir, may be the father of yonder babe—it is some three or four months old, I should judge—which Mistress Prynne is holding in her arms?'

'Of a truth, friend, that matter remaineth a riddle; and the Daniel who shall expound it is yet a-wanting,' answered the townsman. 'Madame Hester absolutely refuseth to speak, and the magistrates have laid their heads

Closely following the jailer into the dismal apartment, appeared that individual, of singular aspect whose presence in the crowd had been of such deep interest to the wearer of the scarlet letter. He was lodged in the prison, not as suspected of any offence, but as the most convenient and suitable mode of disposing of him, until the magistrates should have conferred with the Indian sagamores respecting his ransom. His name was announced as Roger Chillingworth. The jailer, after ushering him into the room, remained a moment, marvelling at the comparative quiet that followed his entrance; for Hester Prynne had immediately become as still as death, although the child continued to moan.

‘Prithee, friend, leave me alone with my patient,’ said the practitioner. ‘Trust me, good jailer, you shall briefly have peace in your house; and, I promise you, Mistress Prynne shall hereafter be more amenable to just authority than you may have found her heretofore.’

‘Nay, if your worship can accomplish that,’ answered Master Brackett, ‘I shall own you for a man of skill, indeed! Verily, the woman hath been like a possessed one; and there lacks little that I should take in hand, to drive Satan out of her with stripes.’

even that village of rural England, where happy infancy and stainless maidenhood seemed yet to be in her mother's keeping, like garments put off long ago—were foreign to her, in comparison. The chain that bound her here was of iron links, and galling to her inmost soul, but could never be broken.

It might be, too—doubtless it was so, although she hid the secret from herself, and grew pale whenever it struggled out of her heart, like a serpent from its hole—it might be that another feeling kept her within the scene and pathway that had been so fatal. There dwelt, there trode, the feet of one with whom she deemed herself connected in a union that, unrecognised on earth, would bring them together before the bar of final judgment, and make that their marriage-altar, for a joint futurity of endless retribution. Over and over again, the tempter of souls had thrust this idea upon Hester's contemplation, and laughed at the passionate and desperate joy with which she seized, and then strove to cast it from her. She barely looked the idea in the face, and hastened to bar it in its dungeon. What she compelled herself to believe—what, finally, she reasoned upon as her motive for continuing a resident of New England—was half a truth, and half a self-delusion. Here, she said to herself had been the scene of

her guilt, and here should be the scene of her earthly punishment; and so, perchance, the torture of her daily shame would at length purge her soul, and work out another purity than that which she had lost: more saint-like, because the result of martyrdom.

Hester Prynne, therefore, did not flee. On the outskirts of the town, within the verge of the peninsula, but not in close vicinity to any other habitation, there was a small thatched cottage. It had been built by an earlier settler, and abandoned, because the soil about it was too sterile for cultivation, while its comparative remoteness put it out of the sphere of that social activity which already marked the habits of the emigrants. It stood on the shore, looking across a basin of the sea at the forest-covered hills, towards the west. A clump of scrubby trees, such as alone grew on the peninsula, did not so much conceal the cottage from view, as seem to denote that here was some object which would fain have been, or at least ought to be, concealed. In this little lonesome dwelling, with some slender means that she possessed, and by the licence of the magistrates, who still kept an inquisitorial watch over her, Hester established herself, with her infant child. A mystic shadow of suspicion immediately attached itself to the spot. Children, too young to comprehend wherefore this

product of sin, she had no right among christened infants. Nothing was more remarkable than the instinct, as it seemed, with which the child comprehended her loneliness: the destiny that had drawn an inviolable circle round about her: the whole peculiarity, in short, of her position in respect to other children. Never since her release from prison had Hester met the public gaze without her. In all her walks about the town, Pearl, too, was there: first as the babe in arms, and afterwards as the little girl, small companion of her mother, holding a forefinger with her whole grasp, and tripping along at the rate of three or four footsteps to one of Hester's. She saw the children of the settlement on the grassy margin of the street, or at the domestic thresholds, disporting themselves in such grim fashions as the Puritanic nurture would permit! playing at going to church, perchance, or at scourging Quakers, or taking scalps in a sham fight with the Indians, or scaring one another with freaks of imitative witchcraft. Pearl saw, and gazed intently, but never sought to make acquaintance. If spoken to, she would not speak again. If the children gathered about her, as they sometimes did, Pearl would grow positively terrible in her puny wrath, snatching up stones to fling at them, with shrill, incoherent exclamations, that made her mother

secret spell of her existence, and might not now reveal herself.

'Yes; I am little Pearl!' repeated the child, continuing her antics.

'Thou art not my child! Thou art no Pearl of mine!' said the mother half playfully; for it was often the case that a sportive impulse came over her in the midst of her deepest suffering. 'Tell me, then, what thou art, and who sent thee hither?'

'Tell me, mother!' said the child, seriously, coming up to Hester, and pressing herself close to her knees. 'Do thou tell me!'

'Thy Heavenly Father sent thee!' answered Hester Prynne.

But she said it with a hesitation that did not escape the acuteness of the child. Whether moved only by her ordinary freakishness, or because an evil spirit prompted her, she put up her small forefinger and touched the scarlet letter.

'He did not send me!' cried she, positively. 'I have no Heavenly Father!'

'Hush, Pearl, hush! Thou must not talk so!' answered the mother, suppressing a groan. 'He sent us all into the world. He sent even me, thy mother. Then, much more

VII. THE GOVERNOR'S HALL

Hester Prynne went one day to the mansion of Governor Bellingham, with a pair of gloves which she had fringed and embroidered to his order, and which were to be worn on some great occasion of state; for, though the chances of a popular election had caused this former ruler to descend a step or two from the highest rank, he still held an honourable and influential place among the colonial magistracy.

Another and far more important reason than the delivery of a pair of embroidered gloves, impelled Hester, at this time, to seek an interview with a personage of so much power and activity in the affairs of the settlement. It had reached her ears that there was a design on the part of **some of the leading inhabitants**, cherishing the more rigid order of principles in religion and government, to deprive her of her child. On the supposition that Pearl, as already hinted, was of demon origin, these good people not unreasonably argued that a Christian interest in the mother's soul required them to remove such a stumbling-block from her path. If the child, on the other hand, were really capable of moral and religious growth, and possessed

On the wall hung a row of portraits, representing the forefathers of the Bellingham lineage, some with armour on their breasts, and others with stately ruffs and robes of peace. All were characterised by the sternness and severity which old portraits so invariably put on, as if they were the ghosts, rather than the pictures, of departed worthies, and were gazing with harsh and intolerant criticism at the pursuits and enjoyments of living men.

At about the centre of the oaken panels that lined the hall was suspended a suit of mail, not, like the pictures, an ancestral relic, but of the most modern date; for it had been manufactured by a skilful armourer in London, the same year in which Governor Bellingham came over to New England. There was a steel head-piece, a cuirass, a gorget and greaves, with a pair of gauntlets and a sword hanging beneath; all, and especially the helmet and breastplate, so highly burnished as to glow with white radiance, and scatter an illumination everywhere about upon the floor. This bright panoply was not meant for mere idle show, but had been worn by the Governor on many a solemn muster and draining field, and had glittered, moreover, at the head of a regiment in the Pequod war. For, though bred a lawyer, and accustomed to speak of Bacon, Coke, Noye, and Finch, as his

VIII. THE ELF-CHILD AND THE MINISTER

Governor Bellingham, in a loose gown and easy cap—such as elderly gentlemen loved to endue themselves with, in their domestic privacy—walked foremost, and appeared to be showing off his estate, and expatiating on his projected improvements. The wide circumference of an elaborate ruff, beneath his grey beard, in the antiquated fashion of King James's reign, caused his head to look not a little like that of John the Baptist in a charger. The impression made by his aspect, so rigid and severe, and frost-bitten with more than autumnal age, was hardly in keeping with the appliances of worldly enjoyment wherewith he had evidently done his utmost to surround himself. But it is an error to suppose that our great forefathers—though accustomed to speak and think of human existence as a state merely of trial and warfare, and though unfeignedly prepared to sacrifice goods and life at the behest of duty—made it a matter of conscience to reject such means of comfort, or even luxury, as lay fairly within their grasp. This creed was never taught, for instance, by the venerable pastor, John Wilson, whose

IX. THE LEECH

Under the appellation of Roger Chillingworth, the reader will remember, was hidden another name, which its former wearer had resolved should never more be spoken. It has been related, how, in the crowd that witnessed Hester Prynne's ignominious exposure, stood a man, elderly, travel-worn, who, just emerging from the perilous wilderness, beheld the woman, in whom he hoped to find embodied the warmth and cheerfulness of home, set up as a type of sin before the people. Her matronly fame was trodden under all men's feet. Infamy was babbling around her in the public market-place. For her kindred, should the tidings ever reach them, and for the companions of her unspotted life, there remained nothing but the contagion of her dishonour; which would not fail to be distributed in strict accordance and proportion with the intimacy and sacredness of their previous relationship. Then why—since the choice was with himself—should the individual, whose connexion with the fallen woman had been the most intimate and sacred of them all, come forward to vindicate his claim to an inheritance so little desirable? He resolved not to be pilloried beside her on her pedestal of

furnace, or, let us say, like one of those gleams of ghastly fire that darted from Bunyan's awful doorway in the hillside, and quivered on the pilgrim's face. The soil where this dark miner was working had perchance shown indications that encouraged him.

'This man,' said he, at one such moment, to himself, 'pure as they deem him—all spiritual as he seems—hath inherited a strong animal nature from his father or his mother. Let us dig a little further in the direction of this vein!'

Then after long search into the minister's dim interior, and turning over many precious materials, in the shape of high aspirations for the welfare of his race, warm love of souls, pure sentiments, natural piety, strengthened by thought and study, and illuminated by revelation—all of which invaluable gold was perhaps no better than rubbish to the seeker—he would turn back, discouraged, and begin his quest towards another point. He groped along as stealthily, with as cautious a tread, and as wary an outlook, as a thief entering a chamber where a man lies only half asleep—or, it may be, broad awake—with purpose to steal the very treasure which this man guards as the apple of his eye. In spite of his premeditated carefulness, the floor would now and then creak; his garments would rustle; the

XI. THE INTERIOR OF A HEART

After the incident last described, the intercourse between the clergyman and the physician, though externally the same, was really of another character than it had previously been. The intellect of Roger Chillingworth had now a sufficiently plain path before it. It was not, indeed, precisely that which he had laid out for himself to tread. Calm, gentle, passionless, as he appeared, there was yet, we fear, a quiet depth of malice, hitherto latent, but active now, in this unfortunate old man, which led him to imagine a more intimate revenge than any mortal had ever wreaked upon an enemy. To make himself the one trusted friend, to whom should be confided all the fear, the remorse, the agony, the ineffectual repentance, the backward rush of sinful thoughts, expelled in vain! All that guilty sorrow, hidden from the world, whose great heart would have pitied and forgiven, to be revealed to him, the Pitiless—to him, the Unforgiving! All that dark treasure to be lavished on the very man, to whom nothing else could so adequately pay the debt of vengeance!

XII. THE MINISTER'S VIGIL

Walking in the shadow of a dream, as it were, and perhaps actually under the influence of a species of somnambulism, Mr. Dimmesdale reached the spot where, now so long since, Hester Prynne had lived through her first hours of public ignominy. The same platform or scaffold, black and weather-stained with the storm or sunshine of seven long years, and foot-worn, too, with the tread of many culprits who had since ascended it, remained standing beneath the balcony of the meeting-house. The minister went up the steps.

It was an obscure night in early May. An unwearied pall of cloud muffled the whole expanse of sky from zenith to horizon. If the same multitude which had stood as eye-witnesses while Hester Prynne sustained her punishment could now have been summoned forth, they would have discerned no face above the platform nor hardly the outline of a human shape, in the dark grey of the midnight. But the town was all asleep. There was no peril of discovery. The minister might stand there, if it so pleased him, until morning should redden in the east, without other risk than that the dank and chill night air

herself, Hester saw—or seemed to see—that there lay a responsibility upon her in reference to the clergyman, which she owned to no other, nor to the whole world besides. The links that united her to the rest of humankind—links of flowers, or silk, or gold, or whatever the material—had all been broken. Here was the iron link of mutual crime, which neither he nor she could break. Like all other ties, it brought along with it its obligations.

Hester Prynne did not now occupy precisely the same position in which we beheld her during the earlier periods of her ignominy. Years had come and gone. Pearl was now seven years old. Her mother, with the scarlet letter on her breast, glittering in its fantastic embroidery, had long been a familiar object to the townspeople. As is apt to be the case when a person stands out in any prominence before the community, and, at the same time, interferes neither with public nor individual interests and convenience, a species of general regard had ultimately grown up in reference to Hester Prynne. It is to the credit of human nature that, except where its selfishness is brought into play, it loves more readily than it hates. Hatred, by a gradual and quiet process, will even be transformed to love, unless the change be impeded by a continually new irritation of the original feeling of

All this while Hester had been looking steadily at the old man, and was shocked, as well as wonder-smitten, to discern what a change had been wrought upon him within the past seven years. It was not so much that he had grown older; for though the traces of advancing life were visible he bore his age well, and seemed to retain a wiry vigour and alertness. But the former aspect of an intellectual and studious man, calm and quiet, which was what she best remembered in him, had altogether vanished, and been succeeded by a eager, searching, almost fierce, yet carefully guarded look. It seemed to be his wish and purpose to mask this expression with a smile, but the latter played him false, and flickered over his visage so derisively that the spectator could see his blackness all the better for it. Ever and anon, too, there came a glare of red light out of his eyes, as if the old man's soul were on fire and kept on smouldering duskily within his breast, until by some casual puff of passion it was blown into a momentary flame. This he repressed as speedily as possible, and strove to look as if nothing of the kind had happened.

In a word, old Roger Chillingworth was a striking evidence of man's faculty of transforming himself into a devil, if he will only, for a reasonable space of time, undertake a devil's office. This unhappy person had

turned himself? And whither was he now going? Would he not suddenly sink into the earth, leaving a barren and blasted spot, where, in due course of time, would be seen deadly nightshade, dogwood, henbane, and whatever else of vegetable wickedness the climate could produce, all flourishing with hideous luxuriance? Or would he spread bat's wings and flee away, looking so much the uglier the higher he rose towards heaven?

'Be it sin or no,' said Hester Prynne, bitterly, as still she gazed after him, 'I hate the man!'

She upbraided herself for the sentiment, but could not overcome or lessen it. Attempting to do so, she thought of those long-past days in a distant land, when he used to emerge at eventide from the seclusion of his study and sit down in the firelight of their home, and in the light of her nuptial smile. He needed to bask himself in that smile, he said, in order that the chill of so many lonely hours among his books might be taken off the scholar's heart. Such scenes had once appeared not otherwise than happy, but now, as viewed through the dismal medium of her subsequent life, they classed themselves among her ugliest remembrances. She marvelled how such scenes could have been! She marvelled how she could ever have been wrought upon to marry him! She deemed in her crime

‘What shall I say?’ thought Hester to herself. ‘No! if this be the price of the child’s sympathy, I cannot pay it.’

Then she spoke aloud—

‘Silly Pearl,’ said she, ‘what questions are these? There are many things in this world that a child must not ask about. What know I of the minister’s heart? And as for the scarlet letter, I wear it for the sake of its gold thread.’

In all the seven bygone years, Hester Prynne had never before been false to the symbol on her bosom. It may be that it was the talisman of a stern and severe, but yet a guardian spirit, who now forsook her; as recognising that, in spite of his strict watch over her heart, some new evil had crept into it, or some old one had never been expelled. As for little Pearl, the earnestness soon passed out of her face.

But the child did not see fit to let the matter drop. Two or three times, as her mother and she went homeward, and as often at supper-time, and while Hester was putting her to bed, and once after she seemed to be fairly asleep, Pearl looked up, with mischief gleaming in her black eyes.

‘Mother,’ said she, ‘what does the scarlet letter mean?’

And the next morning, the first indication the child gave of being awake was by popping up her head from the

pillow, and making that other enquiry, which she had so unaccountably connected with her investigations about the scarlet letter—

‘Mother!—Mother!—Why does the minister keep his hand over his heart?’

‘Hold thy tongue, naughty child!’ answered her mother, with an asperity that she had never permitted to herself before. ‘Do not tease me; else I shall put thee into the dark closet!’

will sit down a little way within the wood, and rest ourselves.'

'I am not weary, mother,' replied the little girl. 'But you may sit down, if you will tell me a story meanwhile.'

'A story, child!' said Hester. 'And about what?'

'Oh, a story about the Black Man,' answered Pearl, taking hold of her mother's gown, and looking up, half earnestly, half mischievously, into her face.

'How he haunts this forest, and carries a book with him a big, heavy book, with iron clasps; and how this ugly Black Man offers his book and an iron pen to everybody that meets him here among the trees; and they are to write their names with their own blood; and then he sets his mark on their bosoms. Didst thou ever meet the Black Man, mother?'

'And who told you this story, Pearl,' asked her mother, recognising a common superstition of the period.

'It was the old dame in the chimney corner, at the house where you watched last night,' said the child. 'But she fancied me asleep while she was talking of it. She said that a thousand and a thousand people had met him here, and had written in his book, and have his mark on them. And that ugly tempered lady, old Mistress Hibbins, was one. And, mother, the old dame said that this scarlet letter

Without a word more spoken—neither he nor she assuming the guidance, but with an unexpressed consent—they glided back into the shadow of the woods whence Hester had emerged, and sat down on the heap of moss where she and Pearl had before been sitting. When they found voice to speak, it was at first only to utter remarks and inquiries such as any two acquaintances might have made, about the gloomy sky, the threatening storm, and, next, the health of each. Thus they went onward, not boldly, but step by step, into the themes that were brooding deepest in their hearts. So long estranged by fate and circumstances, they needed something slight and casual to run before and throw open the doors of intercourse, so that their real thoughts might be led across the threshold.

After awhile, the minister fixed his eyes on Hester Prynne's.

'Hester,' said he, 'hast thou found peace?'

She smiled drearily, looking down upon her bosom.

'Hast thou?' she asked.

'None—nothing but despair!' he answered. 'What else could I look for, being what I am, and leading such a life as mine? Were I an atheist—a man devoid of conscience—a wretch with coarse and brutal instincts—I

‘Be thou strong for me!’ answered he. ‘Advise me what to do.’

‘Is the world, then, so narrow?’ exclaimed Hester Prynne, fixing her deep eyes on the minister’s, and instinctively exercising a magnetic power over a spirit so shattered and subdued that it could hardly hold itself erect. ‘Doth the universe lie within the compass of yonder town, which only a little time ago was but a leaf-strewn desert, as lonely as this around us? Whither leads yonder forest-track? Backward to the settlement, thou sayest! Yes; but, onward, too! Deeper it goes, and deeper into the wilderness, less plainly to be seen at every step; until some few miles hence the yellow leaves will show no vestige of the white man’s tread. There thou art free! So brief a journey would bring thee from a world where thou hast been most wretched, to one where thou mayest still be happy! Is there not shade enough in all this boundless forest to hide thy heart from the gaze of Roger Chillingworth?’

‘Yes, Hester; but only under the fallen leaves!’ replied the minister, with a sad smile.

‘Then there is the broad pathway of the sea!’ continued Hester. ‘It brought thee hither. If thou so choose, it will bear thee back again. In our native land, whether in some

remote rural village, or in vast London—or, surely, in Germany, in France, in pleasant Italy—thou wouldst be beyond his power and knowledge! And what hast thou to do with all these iron men, and their opinions? They have kept thy better part in bondage too long already!

‘It cannot be!’ answered the minister, listening as if he were called upon to realise a dream. ‘I am powerless to go. Wretched and sinful as I am, I have had no other thought than to drag on my earthly existence in the sphere where Providence hath placed me. Lost as my own soul is, I would still do what I may for other human souls! I dare not quit my post, though an unfaithful sentinel, whose sure reward is death and dishonour, when his dreary watch shall come to an end!’

‘Thou art crushed under this seven years’ weight of misery,’ replied Hester, fervently resolved to buoy him up with her own energy. ‘But thou shalt leave it all behind thee! It shall not cumber thy steps, as thou treadest along the forest-path: neither shalt thou freight the ship with it, if thou prefer to cross the sea. Leave this wreck and ruin here where it hath happened. Meddle no more with it! Begin all anew! Hast thou exhausted possibility in the failure of this one trial? Not so! The future is yet full of trial and success. There is happiness to be enjoyed! There

XVIII. A FLOOD OF SUNSHINE

Arthur Dimmesdale gazed into Hester's face with a look in which hope and joy shone out, indeed, but with fear betwixt them, and a kind of horror at her boldness, who had spoken what he vaguely hinted at, but dared not speak.

But Hester Prynne, with a mind of native courage and activity, and for so long a period not merely estranged, but outlawed from society, had habituated herself to such latitude of speculation as was altogether foreign to the clergyman. She had wandered, without rule or guidance, in a moral wilderness, as vast, as intricate, and shadowy as the untamed forest, amid the gloom of which they were now holding a colloquy that was to decide their fate. Her intellect and heart had their home, as it were, in desert places, where she roamed as freely as the wild Indian in his woods. For years past she had looked from this estranged point of view at human institutions, and whatever priests or legislators had established; criticising all with hardly more reverence than the Indian would feel for the clerical band, the judicial robe, the pillory, the gallows, the fireside, or the church. The tendency of her fate and

'He waits to welcome thee,' replied her mother. 'Come thou, and entreat his blessing! He loves thee, my little Pearl, and loves thy mother, too. Wilt thou not love him? Come he longs to greet thee!'

'Doth he love us?' said Pearl, looking up with acute intelligence into her mother's face. 'Will he go back with us, hand in hand, we three together, into the town?'

'Not now, my child,' answered Hester. 'But in days to come he will walk hand in hand with us. We will have a home and fireside of our own; and thou shalt sit upon his knee; and he will teach thee many things, and love thee dearly. Thou wilt love him—wilt thou not?'

'And will he always keep his hand over his heart?' inquired Pearl.

'Foolish child, what a question is that!' exclaimed her mother. 'Come, and ask his blessing!'

But, whether influenced by the jealousy that seems instinctive with every petted child towards a dangerous rival, or from whatever caprice of her freakish nature, Pearl would show no favour to the clergyman. It was only by an exertion of force that her mother brought her up to him, hanging back, and manifesting her reluctance by odd grimaces; of which, ever since her babyhood, she had possessed a singular variety, and could transform her

‘Yes, to another world,’ replied the minister with pious resignation. ‘Heaven grant it be a better one; for, in good sooth, I hardly think to tarry with my flock through the flitting seasons of another year! But touching your medicine, kind sir, in my present frame of body I need it not.’

‘I joy to hear it,’ answered the physician. ‘It may be that my remedies, so long administered in vain, begin now to take due effect. Happy man were I, and well deserving of New England’s gratitude, could I achieve this cure!’

‘I thank you from my heart, most watchful friend,’ said the Reverend Mr. Dimmesdale with a solemn smile. ‘I thank you, and can but requite your good deeds with my prayers.’

‘A good man’s prayers are golden recompense!’ rejoined old Roger Chillingworth, as he took his leave. ‘Yea, they are the current gold coin of the New Jerusalem, with the King’s own mint mark on them!’

Left alone, the minister summoned a servant of the house, and requested food, which, being set before him, he ate with ravenous appetite. Then flinging the already written pages of the Election Sermon into the fire, he forthwith began another, which he wrote with such an impulsive flow of thought and emotion, that he fancied

speak together without risk of being overheard; and so changed was Hester Prynne's repute before the public, that the matron in town, most eminent for rigid morality, could not have held such intercourse with less result of scandal than herself.

'So, mistress,' said the mariner, 'I must bid the steward make ready one more berth than you bargained for! No fear of scurvy or ship fever this voyage. What with the ship's surgeon and this other doctor, our only danger will be from drug or pill; more by token, as there is a lot of apothecary's stuff aboard, which I traded for with a Spanish vessel.'

'What mean you?' inquired Hester, startled more than she permitted to appear. 'Have you another passenger?'

'Why, know you not,' cried the shipmaster, 'that this physician here—Chillingworth he calls himself—is minded to try my cabin-fare with you? Ay, ay, you must have known it; for he tells me he is of your party, and a close friend to the gentleman you spoke of—he that is in peril from these sour old Puritan rulers.'

'They know each other well, indeed,' replied Hester, with a mien of calmness, though in the utmost consternation. 'They have long dwelt together.'

there, it became a part of her, and it was difficult to imagine her without it.

‘Thy mother is yonder woman with the scarlet letter,’ said the seaman, ‘Wilt thou carry her a message from me?’

‘If the message pleases me, I will,’ answered Pearl.

‘Then tell her,’ rejoined he, ‘that I spake again with the black-a-visaged, hump shouldered old doctor, and he engages to bring his friend, the gentleman she wots of, aboard with him. So let thy mother take no thought, save for herself and thee. Wilt thou tell her this, thou witch-baby?’

‘Mistress Hibbins says my father is the Prince of the Air!’ cried Pearl, with a naughty smile. ‘If thou callest me that ill-name, I shall tell him of thee, and he will chase thy ship with a tempest!’

Pursuing a zigzag course across the marketplace, the child returned to her mother, and communicated what the mariner had said. Hester’s strong, calm steadfastly-enduring spirit almost sank, at last, on beholding this dark and grim countenance of an inevitable doom, which at the moment when a passage seemed to open for the minister and herself out of their labyrinth of misery—showed itself with an unrelenting smile, right in the midst of their path.

all the earth, to put in his plea of guilty at the bar of Eternal Justice.

'People of New England!' cried he, with a voice that rose over them, high, solemn, and majestic—yet had always a tremor through it, and sometimes a shriek, struggling up out of a fathomless depth of remorse and woe—'ye, that have loved me!—ye, that have deemed me holy!—behold me here, the one sinner of the world! At last—at last!—I stand upon the spot where, seven years since, I should have stood, here, with this woman, whose arm, more than the little strength wherewith I have crept hitherward, sustains me at this dreadful moment, from grovelling down upon my face! Lo, the scarlet letter which Hester wears! Ye have all shuddered at it! Wherever her walk hath been—wherever, so miserably burdened, she may have hoped to find repose—it hath cast a lurid gleam of awe and horrible repugnance round about her. But there stood one in the midst of you, at whose brand of sin and infamy ye have not shuddered!'

It seemed, at this point, as if the minister must leave the remainder of his secret undisclosed. But he fought back the bodily weakness—and, still more, the faintness of heart—that was striving for the mastery with him. He

exhausting life in his efforts for mankind's spiritual good, he had made the manner of his death a parable, in order to impress on his admirers the mighty and mournful lesson, that, in the view of Infinite Purity, we are sinners all alike. It was to teach them, that the holiest amongst us has but attained so far above his fellows as to discern more clearly the Mercy which looks down, and repudiate more utterly the phantom of human merit, which would look aspiringly upward. Without disputing a truth so momentous, we must be allowed to consider this version of Mr. Dimmesdale's story as only an instance of that stubborn fidelity with which a man's friends—and especially a clergyman's—will sometimes uphold his character, when proofs, clear as the mid-day sunshine on the scarlet letter, establish him a false and sin-stained creature of the dust.

The authority which we have chiefly followed—a manuscript of old date, drawn up from the verbal testimony of individuals, some of whom had known Hester Prynne, while others had heard the tale from contemporary witnesses fully confirms the view taken in the foregoing pages. Among many morals which press upon us from the poor minister's miserable experience, we put only this into a sentence:—'Be true! Be true! Be true!